BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

Nº64 12 de Janeiro de 2001 Quinzenal Director: Bruno Ferreira Director Adjunto: Sérgio Alves
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Distribuição Gratuita

10 anos



José Pureza em entrevista

"As ameaças mundias não podem

Um mundo que já não é a preto e branco, as intervenções levianas da NATO e o curso de Relações Internacionais são analisados por José Manuel Pureza, Professor de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da UC.

Páginas 6 e 7

Eleições sem fim


Improcedente!

O conturbado processo de eleição dos corpos gerentes da AAC parece ainda longe de estar terminado. Depois do pedido de impugnação ter sido julgado improcedente pela CE, a lista derrotada pondera agora um eventual recurso.

Página 2

Orçamento camarário


Novos projectos velhas queixas

A Câmara de Coimbra aprovou as novas linhas de actuação para 2001. Porém, e apesar da confiança demonstrada pela autarquia, as juntas de freguesia continuam a apontar–lhe o dedo e a exigir mais apoios.

Página 5

Ainda as eleições para a DG/AAC

Improcedente!

O conturbado processo de eleição dos corpos gerentes da AAC parece ainda longe de estar terminado. Depois do pedido de impugnação das eleições ter sido julgado improcedente pela Comissão Eleitoral, a lista derrotada pondera agora um eventual recurso.

O pedido de impugnação das eleições para os corpos gerentes da DG/AAC, realizadas em 29 e 30 de Novembro últimos, foi julgado improcedente pela Comissão Eleitoral (CE). Baseada num parecer de três juristas, esta decisão inflige mais uma derrota à lista T que agora pondera o recurso para o Conselho Fiscal da AAC ou, eventualmente, para os tribunais administrativos.

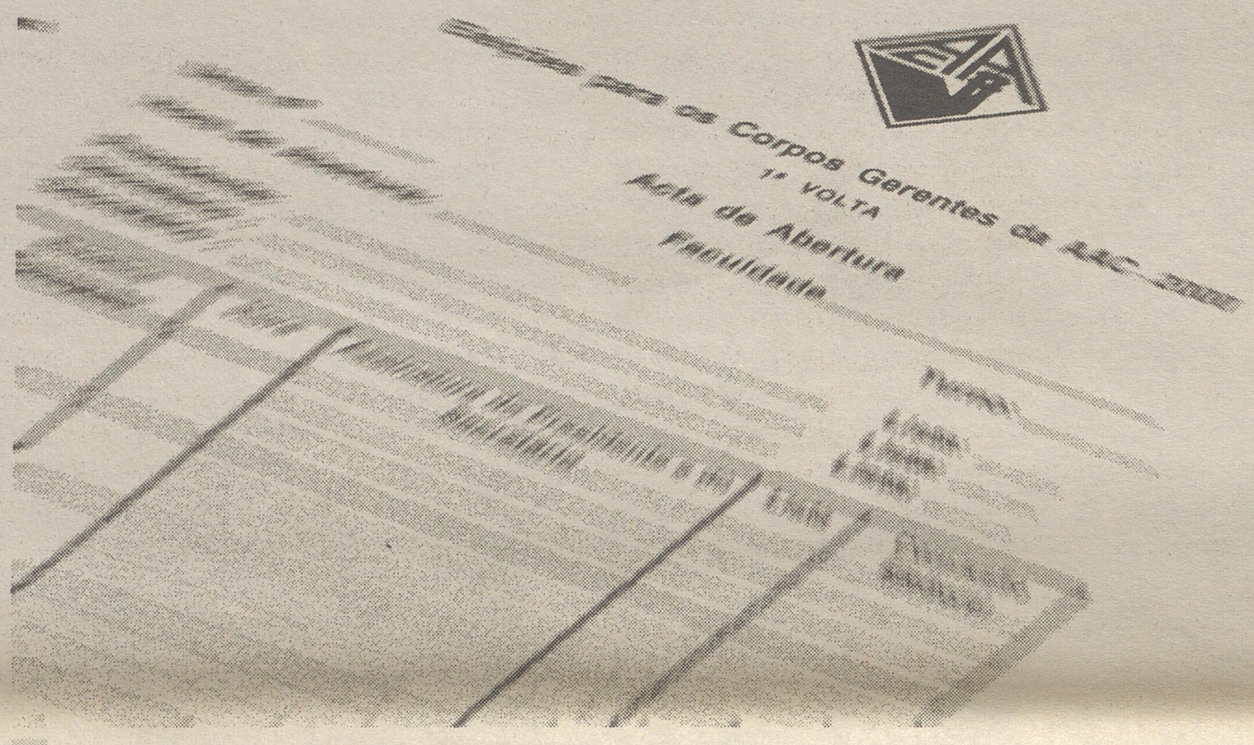
"Quanto ao pedido de impugnação apresentado pela lista T somos levados a parecer que ele carece de fundamento legal e, por isso, deve improceder". É desta forma que o documento elaborado por três juristas da Faculdade de Direito da UC (Paulo Henriques, Fernando Rocha Andrade e Alexandre Mota Pinto) a pedido da Comissão Eleitoral, na pessoa do seu presidente, aprecia de forma global o pedido de impugnação apresentado pela lista T. Esta intervenção dos juristas foi suscitada por Vítor Aires depois das acusações de parcialidade veiculadas por elementos da lista derrotada nas últimas eleições para a DG/AAC: "A partir do momento em que a integridade e imparcialidade deste órgão foi questionada pela lista T, entendi pedir uma intervenção externa a três juristas da FDUC, três pessoas que desde sempre se mostraram de alguma forma identificadas com a orgânica da AAC, e que poderiam apresentar uma posição juridicamente fundamentada".

De uma forma geral, este parecer aponta a falta de legitimidade e fundamento legal do pedido apresentado pela Lista T, sendo por isso favorável à sua improcedência.

Este documento analisa ponto por ponto os sete argumentos apresentados pela lista T, considerando que em todos eles não existem razões que sustentem a procedência do pedido de impugnação.

Em concreto, e no que concerne à badalada questão da votação (ou falta dela) na Faculdade de Letras, o enquadramento jurídico sustentado pelos impugnantes não é considerado o mais adequado: "Afiguram–se–nos legalmente inadmissíveis as vantagens que os impugnantes procuram retirar daquela situação".

No entanto, este foi o único ponto em apreciação no qual a opinião dos juristas não foi consensual. De facto, enquanto que tanto Paulo Henriques como Fernando Rocha Andrade julgaram não exitir legitimidade no pedido - "constitui manifesto venire contra factum proprium e um total desrespeito para com os mais elementares deveres de correcção e lealdade decorrentes do princípio da boa–fé" -, Alexandre Mota Pinto, embora mantendo a censura ao aproveitamento da questão por parte da lista T, é da opinião de que as eleições em Letras deviam ser repetidas: "Reconheço, pois, o funcionamento irregular do acto eleitoral na Faculdade de Letras, pelo que o acto eleitoral, nesta Faculdade, deve ser anulado e repetido."



Continua a arrastar-se o processo relativo às últimas eleições para a DG/AAC

Na opinião de Nuno Lobo, o candidato derrotado nas eleições, "o parecer demonstra, num dos seus pontos essenciais, uma divergência de opiniões, já que Alexandre Mota Pinto, ao contrário dos outros dois juristas, considera aquilo que nós defendemos, ou seja, que as eleições deviam ser repetidas em Letras", isto apesar do pedido de impugnação apresentado pela lista T dizer respeito a todo o acto eleitoral.

Os juristas são, contudo, unânimes em criticar as ocorrências que, no geral, afectaram este processo eleitoral: "Tendo visto e devidamente ponderado todas as questões, o nosso entendimento é que houve neste processo eleitoral diversos acontecimentos anómalos e censuráveis".

Pedido chumbado

Em face disto, a reunião de Comissão Eleitoral marcada para o dia 15 de Dezembro e destinada a apreciar o pedido de impugnação das eleições começou, precisamente, por analisar o referido parecer. Divulgado o documento, a lista B apresentou uma proposta que ia no sentido de se proceder à imediata apreciação do pedido de impugnação, sem prévia discussão do parecer, proposta que contou com a oposição dos elementos da lista T e do presidente da CE, Vítor Aires. Segundo Nuno Lobo, "o parecer nem sequer chegou a ser discutido, o que me parece constituir uma situação bastante injusta e desajustada".

Quanto à votação do pedido de impugnação propriamente dito, este foi julgado improcedente, contando para isso com os votos das listas B e V e a abstenção do presidente da CE, tendo a lista T votado em sentido contrário. "Já sabíamos de antemão quais eram as posições dentro da Comissão Eleitoral. A entrega do pedido de impugnação acaba por ser uma tomada de posição, um concluir de todo um processo".

Sobre as medidas a tomar pela lista T daqui para a frente, a eventualidade da interposição de um recurso nos tribunais administrativos não está posta de parte. "No entanto - afirma Nuno Lobo - se é certo que vamos tomar uma posição, ela não está ainda concretamente definida".

Sérgio Alves

Crónica

Quem não foi à última Assembleia Magna, realizada no dia 14 de Dezembro no Auditório da Reitoria perdeu a hipótese de assistir a um grande exemplo do que pode ser nada, e, acima de tudo, o que pode ser uma noite exaltada.

Não fazendo quaisquer juízos de valor sobre os seus resultados, pelo menos por agora, há que, no intuito de relatar o sucedido, identificar as partes que tiveram maior protagonismo. Em primeiro lugar estavam, é claro, o conjunto de pessoas que havia organizado o abaixo–assinado para que o órgão máximo da Academia se reunisse, destacando–se entre elas Renato Teixeira, estudante de Letras. Depois tínhamos, por um lado a lista V, encabeçada por Humberto Martins, e por outro a lista T , encabeçada por Nuno Lobo. Por fim, e uma vez que a Magna tinha sido marcada para discutir o processo eleitoral, surge Vítor Aires, presidente da Comissão Eleitoral .

Passemos então a analisar o que cada uma destas partes desejava que acontecesse nesta Assembleia Magna. As pessoas que pediram para que ela se realizasse não queriam o que pediam, pois como se viu na discussão da ordem de trabalhos pediam, no abaixo–assinado, que se discutisse o processo eleitoral e se esclarecesse o sucedido, mas queriam que se deliberasse a repetição, ou de todo o processo, ou da votação na Faculdade de Letras. Nuno Lobo e a sua equipa também desejavam que fosse decidida a repetição de todo o processo. Já Humberto Martins e a sua lista queriam apenas que não fosse beliscada a sua vitória nas eleições. Vítor Aires queria ver a situação esclarecida.

Vamos então às hostilidades propriamente ditas. A primeira parte foi marcada por uma discussão um pouco inútil, como o foram aliás quase todas nessa noite. O objectivo era o de saber o que aquela assembleia podia decidir. Ficou decidido que nada podia decidir, fazendo com que os resultados que dali surgissem fossem de índole política, ou seja, ficava apenas por saber se o presidente reeleito sairia muito prejudicado.

Passando então ao "esclarecimento", começaram as intervenções, que quase nada esclareceram e apenas vieram trazer ao de cima que a maioria das convulsões de que padeceu o processo eleitoral foram causadas pelo boicote às mesas de voto feito pela Lista T. Acabou por ser esta a conclusão que pessoalmente saiu desta Assembleia Magna, que é corroborada pelo facto de ter sido aprovada uma moção nesse sentido.

O que é facto é que Nuno Lobo acabou por perder, se é que a podia ganhar, devido principalmente às suas intervenções intempestuosas, que fizeram com que perdesse a face ao ser comparado a Humberto Martins, que apenas no fim da noite falou, o suficiente para se resguardar de toda a celeuma.

Como factos que também merecem ser destacados ficam duas situações: o facto de muitos dos apoiantes de Nuno Lobo terem abandonado o auditório, o que facilitou a aprovação da moção que culpava a lista T; e de a Magna ter sido manietada a partir da entrada por um grupo que facilmente intimidava quem se dirigia ao palanque.

E assim foi. Foi uma ambiência nocturna bem passada a analisar uma Magna que, como quase todas as outras, dava voltas e mais voltas, convergindo para o mesmo sítio. Só que, desta vez, não podia à partida chegar a lado nenhum.

Bruno Ferreira

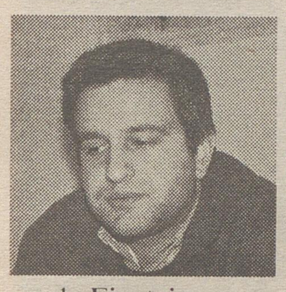
Os coordenadores gerais da DG/AAC

"Os homens do presidente"

São cinco os avançados na equipa da DG/AAC, recentemente eleita e chefiada por Humberto Martins. Estes "super–homens" têm um ano de grandes vôos e projectos pela frente. São coordenadores gerais e têm não só a responsabilidade de coordenar os diferentes pelouros da DG/AAC, como também tornar todo este complexo organismo mais eficaz e mais célere. São, enfim, fulcrais para o bom funcionamento da estrutura organizativa da nossa Associação Académica. A " CABRA" foi , com a habitual curiosidade, espreitar alguns dos projectos, ideias e perfis destas pessoas, das quais os estudantes muito esperam.

Texto: Maria João Lopes
Fotos: Eduardo Brito e Sérgio Alves

1- Na tua perspectiva, quem é a figura do século?
2- Quem é o teu artista de eleição?
3- No panorama nacional, quem é o teu político de eleição?
4- Qual é a tua cor partidária?



João Ferreira
Saídas Profissionais
Matemática

1- Einstein.
2- Air.
3- Talvez Mário Soares.
4- Branco e Preto.
5- Não queria estar cá em 2100, é demasiado tempo.
6- Indiferente.
7- A aproximação dos estudantes à AAC.
8- Mais informação acerca dos reais problemas dos estudantes e mais trabalho por parte da DG/AAC.
9- A nível da Acção Social, a continuação do certificado de habitabilidade e, a nível das saídas profissionais, apostar em cursos como Letras e Direito, onde há graves problemas de saídas profissionais.
10- O trabalho que ainda está por fazer.



Nélia Gouveia
Pedagogia
Ciências Farmacêuticas

1- Os Capitães de Abril.
2- Maria do Céu Guerra.
3- Talvez Mário Soares.
4- Não tenho cor partidária.
5- Não queria estar cá em 2100, porque já nos bastarão os próximos cem anos para lutar por determinadas causas.
6- Académica.
7- Estreitar e estimular a ligação / aproximação entre os estudantes e a Academia.
8- Uma forte relação com os núcleos, com os alunos representantes nos órgãos de gestão das faculdades, no Senado, na Assembleia de Representantes da Universidade e das várias faculdades. Depois, um bom veículo de informação por parte da DG/AAC.
9- O combate ao insucesso escolar que está directamente relacionado com a avaliação da carreira dos docentes.
10- Por ser uma grande defensora de uma causa que é a AAC . Mas, mais do que isso, a vontade de tentar mudar alguma coisa, que apesar de ser uma gota num oceano pode conseguir uma mudança no panorama geral do que é hoje o sistema educativo, do que é hoje a Academia em si enquanto AAC.

5- Querias estar cá em 2100? Porquê?
6- Qual é, na tua opinião, o adjectivo que melhor acompanha a palavra praxe?
7- Se estalasses os dedos e resolvesses um problema da AAC, qual era a tua prioridade?



Janet Silva
Gabinete de Apoio ao Estudante / Ambiente
Ciências Farmacêuticas

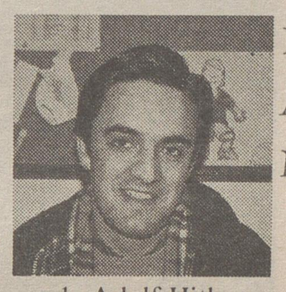
1- Ayrton Senna
2- Billy Corgan.
3- Cavaco Silva.
4- Se me associasse a algum partido seria ao PSD.
5- Não queria estar cá em 2100, porque cada vez as coisas se estão a complicar mais.
6- Mal–entendida.
7- Instalações.
8- Maior aproximação em relação aos núcleos e maior divulgação das secções e das suas actividades.
9- No âmbito do ambiente quero dar outro aspecto ao jardim. Depois, apostar no desenvolvimento de um projecto a nível do apoio psicológico que envolverá estagiários de Psicologia
10- Gosto de tentar resolver os problemas e quando consigo fazer qualquer coisa, por mais pequenina que seja, pelos estudantes, sinto–me bem.



Alexandrina Lourenço
Cultura
Clássicas

1- Pela negativa, Hitler. Pela positiva, Madre Teresa de Calcutá, e Xanana.
2- Eça de Queirós.
3- Talvez nesta fase, Marcelo Rebelo de Sousa.
4- Não tenho.
5- Gostava de estar cá em 2100 com a idade que tenho agora, porque nós temos uma visão muito limitada do mundo. Gostava de saber alguma coisa do futuro, pois nunca se sabe o que se vai passar mais tarde.
6- Aliciante.
7- Acabar com a separação que existe entre os estudantes e a AAC.
8- Mais informação e apostar numa divulgação mais aliciante e num leque mais vasto de actividades.
9- Não tenho um grande projecto, mas sim grandes projectos que passam por divulgar actividades variadas para diferentes cursos. Todos os meus projectos ou iniciativas são igualmente importantes.
10- Gostei muito da experiência do ano passado, nomeadamente de trabalhar na área da cultura. Mas o verdadeiro motivo é mesmo o amor à AAC.

8- Duas medidas práticas para encurtar a distância que separa os estudantes da AAC?
9- Qual é o projecto mais importante da tua área de trabalho para este mandato?
10- Qual foi o motivo mais forte para te candidatares?



Pedro Rocha
Administração
Medicina

1- Adolf Hitler, seguramente pela negativa.
2- Caetano Veloso.
3- Actualmente, António Vitorino.
4- Sou do PS.
5- Queria estar cá em 2100 para ver a evolução tecnológica e para ver como está a AAC daqui a cem anos.
6- Tradicional.
7- Falta de espaço.
8- Mais informação e actividades no próprio edifício, no jardim da AAC.
9- Avançar com algumas obras no edifício e estudar a fundo a questão do projecto do edifício da AAC no Polo II.
10- O desafio que é a administração da AAC e a continuidade de um projecto que se iniciou há um ano atrás.



Na revelação de 24 ou 36 fotos oferta de :
* 1 rolo,
* 1 álbum,
* 1 Ampliação 20x30
Revelação em 30 minutos

Após a 6ª revelação oferta da 7ª

Praça do Comércio – 8-1° telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915

Uma nova forma de comércio em desenvolvimento

Comércio justo

Está já instalada em Portugal uma nova concepção de comércio. O Comércio Justo, à base de produtos naturais, faz justiça aos pequenos produtores.


D.r.


D.r.

O Comércio Justo começa a desenvolver-se em Portugal

O Comércio Justo é um movimento internacional que procura promover a equidade social, a protecção do ambiente e a segurança económica. Criado em finais da década de 60, começou a dar os primeiros passos no nosso país há pouco mais de um ano.

«Comércio Justo» (CJ) é uma expressão que à primeira vista pode parecer paradoxal. 'Estranho' e 'utópico' são dois dos adjectivos mais comuns que se têm ouvido de quem com ela é confrontado.

O Comércio Justo e Solidário é um movimento internacional que procura promover a equidade social, a protecção do ambiente e a segurança económica (nomeadamente, dos pequenos produtores do sul, mas também de produtores desfavorecidos do norte) através do comércio.

A exclusão pelo comércio ou, mais concretamente, pela falta de acesso aos seus mecanismos tradicionais (à escala nacional ou internacional) é um problema que marginaliza vastas zonas geográficas, bem como as camadas sociais economicamente mais fragilizadas. O Comércio Justo surgiu, assim, como forma de integração destes 'excluídos' em sistemas de comércio alternativos, mais solidários e eticamente estruturados. O acesso ao crédito, ao mercado, à formação e a um conjunto de infraestruturas básicas são direitos que esta forma de comércio procura assegurar para tais populações.

Criado em finais da década de 60 no norte do continente europeu (Holanda e Suécia 'disputam' entre si a primazia), o CJ conta hoje com o envolvimento de centenas de lojas na Europa e América do Norte, bem como de milhares de pequenos produtores nos países do sul. Vários países apoiam já as inicitivas do CJ, tais como a Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Reino Unido, Suécia e Suíça; estes são alguns dos países onde o CJ é já encarado como uma forma legítima e eficaz de cooperação para o desenvolvimento.

O CJ fundamenta–se em dez princípios base que convém destacar: 1) respeito e preocupação pelas pessoas e pelo ambiente, colocando as pessoas acima do lucro; 2) criação de meios e de oportunidades para os produtores melhorarem as suas condições de vida e de trabalho, incluindo o pagamento de um preço justo; 3) abertura e transparência quanto à estrutura das organizações e a todos os aspectos da sua actividade, e informação mútua entre todos os intervenientes na cadeia comercial sobre os seus produtos e métodos de comercialização; 4) envolvimento dos produtores, voluntários e empregados nas tomadas de decisão que os afectam; 5) protecção dos direitos humanos, nomeadamente os das mulheres, crianças e povos indígenas; 6) consciencialização para a situação das mulheres e dos homens enquanto produtores e comerciantes, promoção da igualdade de oportunidades; 7) promoção da sustentabilidade, através do estabelecimento de relações comerciais estáveis de longo prazo; 8) educação e participação em campanhas de sensibilização; 9) produção tão completa quanto possível dos produtos comercializados no país de origem; 10) reinvestimento dos eventuais lucros no circuito do CJ, quer junto dos importadores quer junto dos produtores.

Estes são os princípios–chave do CJ, instituídos pela NEWS! (Network of European World Shops), a rede europeia de 'Lojas do Mundo'. Eles enformam um movimento - o 'Fair Trade' - com três décadas de história na Europa, mas que dá os primeiros passos no nosso país.

O berço do Comércio Justo em Portugal

A divulgação do conceito de CJ em Portugal revela–se premente. A par de alguns outros países do sul da Europa, o movimento é aqui praticamente desconhecido. Essa divulgação é feita no nosso país pelo Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral (CIDAC), uma organização não–governamental de desenvolvimento local, fundada em 1974; isto depois de Miguel Pinto, uma das pessoas empenhadas na promoção e divulgação do projecto em Portugal, assim como Mariana Sá (dois activistas de ONGs portuguesas) terem tido conhecimento da iniciativa do CJ em Itália e, impressionados com a ideia, decidiram que tinham que transpô–la para Portugal.

Em Maio de 1999, o CIDAC organizou em Coimbra uma reunião para debater, entre os interessados em abrir as primeiras 'world shops' (lojas de CJ) no país, a questão do financiamento de tais iniciativas, reunião essa acolhida pela Associação 'Acção Jovem Para a Paz'.

O mercado dos produtores de vinho e fruta, a descrição da cidade de Amarante, é acrescentada nos seus guias turísticos com uma nova característica: berço do Comércio Justo em Portugal. Assim, em Agosto de 1999, a primeira loja de CJ via a luz do dia no nosso país.

Após o debate de Dezembro de 1998 sobre o tema, incluído no programa da MANIFesta'98, ficou decidida a tão ansiada inauguração da primeira loja de CJ em Portugal.

Gerida por uma associação de desenvolvimento local - o Aventura Marão Clube - e concretizando o sonho dos já referidos jovens entusiastas do CJ - Miguel Pinto e Mariana Sá - a loja é parcialmente financiada através de programas juvenis e apoiada pelo município local. Este projecto tem também a colaboração da Alternativa 3 (um dos importadores espanhóis) e da Câmara Municipal de Amarante.

Os produtos vendidos na loja - essencialmente alimentares, de artesanato e têxteis - provêm de origens tão diferentes como o Bangladesh, Sri Lanka, Vietname, Índia, Uganda, Zimbabué, Chiapas, Cuba ou Nicarágua.

Composta maioritariamente por voluntários (característica das lojas de CJ), a jovem equipa enfrenta desafios como promover a loja e o conceito de CJ, assegurar a consistência das vendas entre outros, assim como responder às solicitações dos jornalistas e ONGs interessasdas em 'saber mais'...

O movimento português de CJ pretende, ainda para este ano, a abertura de mais duas lojas estando uma prevista para Lisboa e outra para Coimbra.

De entre as várias vantagens deste tipo de comércio, destacam–se os produtos de qualidade, dos quais a maioria do lucro vai directamente para o produtor. As pessoas que trabalham no fabrico desses produtos são bem pagas, estando as crianças completamente excluídas neste mercado, e há ainda a preocupação para com o meio ambiente. Para além disto, os produtos trazem explicado nas suas embalagens a origem, o destino dos lucros, etc.

A 'mascote' do Comércio Justo

De entre os vários produtos comercializados pelo CJ, sendo a maioria têxteis, artesanato ou produtos alimentares como o açúcar, cacau, arroz, bananas, etc., o café foi sempre o produto mais importante do CJ. Em 1973, a Fair Trade Organisatie (Holanda) importou o primeiro café do CJ, produzido por cooperativas de camponeses guatemaltecos.

O café tem sido a bandeira mais mediática como forma de sensibilização e cooperação. Centenas de milhares de produtores de café africanos e latino–americanos beneficiam hoje da intervenção do movimento. A maior parte dos produtores de pequena escala não tem uma percepção adequada dos desenvolvimentos no mercado deste produto, onde o preço do mercado mundial determina o seu rendimento. O CJ oferece–lhes uma alternativa, comprando–lhes directamente o café a um preço superior ao do mercado convencional. Os produtores vêem assim assegurado um rendimento mínimo, independente das flutuações do mercado.

É por estes e por muitos outros motivos, que os activistas deste movimento, bem como organizações como o CIDAC, se têm esforçado para promover e divulgar este projecto do CJ, para sensibilizar as pessoas dando–lhes a conhecer as suas inúmeras vantagens.

Sílvia Matos

Coimbra aprova orçamento

Novos projectos, velhas queixas

A Câmara de Coimbra aprovou as novas linhas de actuação para 2001. Porém, e apesar da confiança demonstrada pela autarquia, as juntas de freguesia continuam a apontar-lhe o dedo e a exigir mais apoios.

"Exequíveis, credíveis e ambiciosos". É assim que Manuel Machado, Presidente da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), define o Plano de Actividades e o orçamento para 2001, aprovados pela Câmara no passado dia 14 de Dezembro. No total, a edilidade conimbricense espera uma receita total a rondar os 27 milhões de contos que deverá ser aplicada em inúmeras actividades que "traduzem a firme vontade e profundo empenhamento em dar continuidade à realização de obras fundamentais" para o município, segundo afirma a própria autarquia.

O novo Plano de Actividades prevê uma série de inovações para o concelho, entre as quais a construção de um novo arquivo municipal, cujo custo total está estimado em cerca de 800 mil contos, e de uma biblioteca municipal em Santa Clara. Paralelamente, está também prevista a construção de um novo teatro a poente da Cerca de S. Bernardo e a reabertura do Edíficio Chiado, na baixa da cidade, com a Colecção Telo de Morais, num projecto que representa uma forte aposta da Câmara na criação de novos espaços culturais.

No que se refere à área das novidades culturais para 2001, há a realçar o I Festival Internacional de Música Experimental e o Festival Rock por Abril, a que se juntam a 5ª edição do Coimbra Jazz, o IX Festival Internacional de Música de Coimbra e o VI Festival José Afonso. Na valorização desportiva da cidade, para além dos 800 mil contos dedicados ao projecto EURO 2004, a construção de novas piscinas municipais surge como um dos principais objectivos para a equipa de Manuel Machado. Ao todo, são cerca 2 700 mil contos que a autarquia de Coimbra irá gastar ao longo deste ano na promoção e dinamização da cultura, do desporto e dos tempos livres, no sentido de proporcionar melhores condições de vida a quem habita no município conimbricense.

sérgio alves



Mais um orçamento camarário que deixa de fora a AAC

Em relação ao orçamento para 2001 aprovado em Dezembro do ano passado pela vereação conimbricense, o presidente da Câmara refere "que ele reflecte a boa situação económica que se verifica no município" e a "saúde financeira da autarquia" pelo que merece "o apoio de todos os que acreditam em Coimbra e apostam no seu desenvolvimento". No entanto, nem tudo são rosas nos Paços do Concelho: a CMC tem em braços uma dívida total de quase um milhão de contos referente a empréstimos contraídos a médio e longo prazo e terá que, até ao fim de 2001, amortizar 85 mil contos dessa dívida conjuntamente com os respectivos juros.

As juntas reclamam

A estas iniciativas soma-se ainda um subsídio de 1 500 contos para cada uma das 31 freguesias do concelho para despesas de funcionamento e actividades sociais. A este subsídio, que representa um aumento 50% em relação ao ano transacto, juntam-se ainda as verbas atribuídas para os protocolos de obras. O valor total a atribuir ascende assim os 270 mil contos, "correspondendo a um aumento de 11% em relação aos ano anterior", segundo afirma Manuel Machado.

Porém, e apesar do optimismo revelado por parte da equipa camarária, a realidade é bem diferente. As necessidades reveladas por parte das juntas de freguesia do município são enormes e os apoios da Câmara acabam por ser uma gota num oceano de tormenta financeira. Segundo Figueiredo de Andrade, secretário e presidente substituto da Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais, as verbas distribuídas por este novo orçamento "não são, de maneira nenhuma, suficientes" para dar resposta aos problemas que existem. Acrescenta ainda que o aumento atribuído "não deixa de ser muito escasso" para as reais necessidades das freguesias, o que deixa as juntas atrofiadas "e sem possibilidades de dar resposta às competências" que lhes são delegadas. A falta de meios económicos afecta todas as áreas de acção, desde o fornecimento de aquecimento às escolas até ao atendimento ao público, o que limita o campo de actuação destes órgãos.

Críticas à Câmara

Figueiredo de Andrade refere ainda que, em confronto com freguesias pertencentes a outros concelhos, a junta que preside acaba por se sentir inferiorizada e menosprezada pela autarquia. Para este autarca, a ajuda total que a CMC fornece à sua freguesia (que ronda os 31 mil contos, dos quais 29 mil são devido a protocolos de obras), é manifestamente baixa para uma freguesia com quase 60 mil habitantes e com uma vertente urbana e rural muito importante. Segundo afirma, "a junta de freguesia é sempre aquela que está mais próxima do eleitor e do munícipe", sendo o local a que as pessoas se dirigem em caso de necessidade e, pela sua acessibilidade, acaba por ser a ponte de ligação entre o cidadão e a Câmara. Ainda sobre os apoios camarários, o presidente da mais populosa freguesia de Coimbra discorda do método de igualdade utilizado e defende que os subsídios deveriam ser representativos do número de habitantes e da dimensão de cada freguesia, de modo estabelecer uma distribuição mais justa e equilibrada.

Por fim, critica também a actuação da Câmara no que se refere à comunicação entre as instituições e dá um exemplo peremptório: a nível oficial, a Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais ainda não foi informada da actuação da CMC relativamente à intervenção que está a ser levada a cabo na Avenida Elysio de Moura, que pertence à freguesia, devido ao desabamento de terras que colocou em risco inúmeras moradias.

Emanuel Graça

Comentário

E a Universidade?

O que surge como estranho neste orçamento é a falta de qualquer tipo de apoio directo à Universidade de Coimbra. Embora, no desenvolvimento de alguns projectos previstos pela Câmara, possam surgir algumas ajudas a actividades pontuais, a falta de um apoio efectivo é algo a lamentar. É de notar que, numa cidade que actualmente concorre ao reconhecimento da UNESCO como património mundial, num projecto que só em 2001 irá absorver 7 500 contos do orçamento municipal, não existam apoios evidentes a um dos seus expoentes arquitectónicos. Além do mais, são do conhecimento geral os elevados benefícios que a esta instituição oferece à cidade, contribuindo em muito para o fervilhar cultural e ideológico que caracteriza Coimbra.

Por outro lado, ao analisar o Plano de Actividades ao pormenor, é igualmente estranho não ver qualquer menção à Associação Académica de Coimbra (AAC) na secção referente ao apoio ao associativismo cultural. A falta de qualquer tipo de subsídio àquela que é, indiscutivelmente, a maior promotora de actividades culturais e desportivas do concelho conimbricense não é compreensível. Embora depois, tal como acontece no caso da Universidade, através de pedidos de apoio, a Câmara eventualmente abra "os cordões à bolsa", é uma grave lacuna no orçamento a omissão desta instituição, que não só representa todos os estudantes da Universidade de Coimbra, como também é um dos maiores símbolos da própria cidade.

O esquecimento das necessidades da comunidade estudantil por parte da CMC acaba por relevar alguma desapreciação por parte da autarquia em relação aos estudantes e ao seu papel na dinâmica da cidade, esquecendo que eles representam uma grande fatia no bolo de receitas não só da Câmara mas também de todo o concelho... Os cerca de 25 mil estudantes de Coimbra e a própria Universidade acabam por ficar assim, ano após ano, esquecidos numa prateleira escondida de uma Câmara que se afirma empenhada na adopção de formas de cooperação com as suas múltiplas instituições, mas que fecha os olhos às necessidades dos seus ícones mais representativos...

Emanuel Graça

Análise do tabuleiro mundial

"As ameaças mundias não podem

Um mundo que já não é a preto e branco, as intervenções levianas da NATO e o curso de Relações Internacionais são analisados por José Manuel Pureza.

José Manuel Pureza, professor auxiliar da Faculdade de Economia, onde lecciona no curso de Relações Internacionais cadeiras como as de Introdução ao Direito Internacional e Organizações Internacionais, tece uma análise algo pessimista da actual configuração internacional. Este investigador permanente do Centro de Estudos Sociais considera que hoje não se pode fazer uma leitura a preto e branco da vida mundial.



"O nosso tempo é um tempo de bifurcação"

Quais as principais preocupações curriculares de um curso como o de Relações Internacionais?

O curso de Relações Internacionais (RI) em Coimbra, quando nasceu, foi fundamentalmente criado por duas ordens de razões: em primeiro lugar porque essa criação corresponde à matriz interdisciplinar que sempre marcou a vida da Faculdade de Economia, que também ela foi criada com uma ambição de proporcionar uma abordagem diversificada sobre a sociedade portuguesa e o tecido social em geral; por outro lado, este curso apareceu por existir uma insatisfação da nossa parte relativamente ao modo como as relações internacionais estavam a ser, e têm vindo a ser, ensinadas e investigadas em Portugal. Isto é, obedecendo a cânones clássicos profundamente marcados pelo ambiente intelectual pobre da Guerra Fria.

O licenciado em relações internacionais é um potencial desempregado?

Eu sempre tenho feito questão de dizer aos meus alunos que não há, de facto, qualquer expectativa de uma colocação segura do ponto de vista profissional no fim de um curso como o de relações internacionais, ou de qualquer outro curso universitário. A única coisa que eu posso dizer com rigor é que a experiência dos licenciados é uma experiência feita de situações diferentes: há gente que tem tido dificuldade natural em se inserir numa profissão relacionada com a sua aprendizagem, mas há um conjunto de licenciados que têm encontrado colocações em sítios francamente entusiasmantes, quer do ponto de vista da inserção em actividades de Organizações Não Governamentais (ONG), quer do ponto de vista de assessoria técnica de institutos públicos em Portugal, quer inclusivamente em trabalho de jornalismo.

"Tudo parece fazer crer que estamos perante uma situação grave que passa por uma opacidade das decisões dos altos comandos da NATO"

"As soluções encontradas pela comunidade internacional para os Balcãs vieram ratificar juridicamente uma política de limpeza étnica"

Quais são os instrumentos de que o curso de Relações Internacionais mune os seus licenciados para os habilitar a fazer uma leitura do mundo?

O primeiro e fundamental é o sentido crítico. A nossa estrutura de licenciatura fornece um conjunto de pilares de carácter científico que lhes permite fazer uma abordagem consistente dos diversos tabuleiros em que hoje em dia se processam as relações internacionais. Por alguma razão o nosso curso tem uma componente inicial de caracter multidisciplinar.

Por outro lado, a nossa grande aposta na fase final da formação dos nossos licenciados é que da parte deles haja uma aquisição forte de sentido crítico perante a realidade. Por exemplo, este ano numa disciplina cujo conteúdo vai variando ano após ano, nós introduzimos a análise da influência dos media na representação de imagens do ponto de vista internacional, ou seja, como é que os conflituantes se vêm um ao outro a partir das imagens que são formadas na comunicação social. Tendo em conta que, hoje em dia, a diabolização e a angelização de actores na vida internacional é o que mais há.

Bifurcação mundial

Entre o final da II Grande Guerra e a queda do muro de Berlim vivíamos num mundo bipolar, em que existiam duas tendências que pretendiam obter uma hegemonia geo–estratégica e ideológica. Actualmente vivemos num mundo bipolar ou multipolar?

Depende muito do ângulo de visão. Se nos colocarmos do ponto de vista militar, político–militar, não tenho a mínima dúvida em afirmar que vivemos uma fase de unipolarismo exacerbado, incontrolado, com todas as consequências que daí advêm e que infelizmente são muito inquietantes.

Creio, todavia, que o nosso tempo é um tempo a que eu chamaria de bifurcação. Nós temos, por um lado, o mundo das soberanias que se mantêm: o estado não morreu, os poderes soberanos mantêm–se. Mas, por outro lado, existe um mundo multicêntrico que corre a par deste e que é feito de redes, legais e ilegais, tanto redes de cientistas como de narco–traficantes. Estes são aspectos inéditos na história que nos dão uma sensação de horizontalidade como nunca tinhamos vivido.

Qual destes dois mundos tende a dominar?

Depende muito. Depende do estado que estejamos a considerar e das redes que estejamos a considerar.

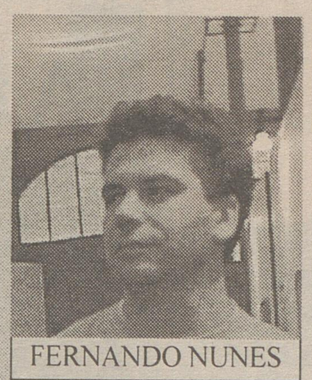
Do ponto de vista português...

Portugal é um país fascinante porque é um laboratório extraordinário. Na Faculdade de Economia criou–se, de alguns anos a esta parte, uma linha teórica que é desenvolvida em torno da obra do professor Boaventura Sousa Santos e que consiste justamente na classificação de Portugal enquanto país semi–periférico. Portugal é uma plataforma que não é central mas também não é completamente periférica, e portanto essa sua condição de desenvolvimento intermédio, de algo que está a meio termo entre o mundo do Norte e o mundo do Sul, entre o mundo rico e o mundo pobre, faz deste país uma situação muito complexa nesse aspecto. Nós neste momento temos, do ponto de vista estatal, um Estado fraco e que tem no seu enfraquecimento a sua força principal, uma vez que o Estado cada vez mais parece existir para se enfraquecer. E, por outro lado, temos uma sociedade que tem sido almofada de segurança, ou seja, uma sociedade–providência que tem sido almofada de segurança para compensar as fragilidades do estado de providência que nunca tivemos.

O futuro da NATO

Com o fim do bloco de leste e do pacto de Varsóvia deixou

Então foi assim



FERNANDO NUNES

Peço desculpa aos autores das frases mas sirvo-me de duas inscrições nas paredes de Coimbra e outra na sala da secção onde este jornal é feito para ilustrar este texto sobre a minha experiência enquanto membro da Secção de Jornalismo da AAC e consequentemente de director do Jornal Universitário de Coimbra A CABRA durante o ano lectivo de 98/99. As duas primeiras são frases anónimas, escritas provavelmente de fugida, certamente com a malícia e a revolta de quem quer dizer algo que lhes vai dentro mas sabe de antemão que a polícia ou o "dono" da parede pode aparecer a qualquer instante. A terceira pertence a um tempo que eu não vivi nem gostaria de voltar a viver e que só por isso merece por agora a minha atenção!

A divagar se vai ao longe. Não conheço outra cidade assim, divaga-se muito em Coimbra. Quem aqui chega pela primeira vez já ouviu milhares de estórias sobre a cidade e outras tantas sobre todos aqueles que por aqui passaram. Num fim de tarde de Novembro de 1996, fui convidado a entrar para a Secção de Jornalismo. O Jornal A CABRA era feito na altura por gente que vivia de noite. Era à noite que se escrevia, lia, bebia e discutia muito. Era um jornal com muitas pessoas dentro, era um jornal de amigos e para amigos, ainda bem. As melhores coisas que fazemos é a pensar neles, alguém tem dúvidas sobre isso? É normal que esta minha estória seja igual ou parecida com a de outros que aqui escreveram. Por isso é que talvez possa dizer que durante quatro anos vivi plantado, fixado, acantonado no edifício da Associação Académica de Coimbra. Não sei ainda hoje se chegámos muito longe mas que valeu a pena divagar, lá isso valeu!

Estuda, o capital precisa de ti. Os anarquistas, pessoas por quem tenho muito respeito que me perdoem, mas não é só o capital que precisa de nós! É também os jornais que fazemos, os programas de rádio que realizamos, as secções em que investimos o nosso tempo, a nossa disponibilidade e... alguns chumbos! A cidade de Coimbra actual, mais estagnada que nunca, precisa também que a reinventemos constantemente com as nossas palavras, com as nossas acções, com os nossos sonhos. Estuda-se pouco em Coimbra, é verdade. Mas que cidade concentra dentro de si num espaço tão pequeno, um teatro, uma livraria, uma rádio, um jornal, cafés, restaurantes, quiosques e um jardim como é o caso da Praça da República? E ainda há quem queira fazer dela um parque de estacionamento!?!

Pede-se a fineza de não discutir política nem religião. A CABRA é um jornal quinzenal, às vezes mensal. Esta aventura começou há quatro anos e o desafio tem sido conseguido. A atenção à vida académica tem sido uma constante: precisamos de divulgar o que de mais interessante aqui acontece. A ideia de que tudo pode ser discutido e ser posto em causa tem no entanto a pesada herança de anos recolhendo memórias, retratando actualidades, entrevistando os que se destacam, acolhendo palavras sobre os filmes, as peças de teatro, os livros que mais gostamos. Os estudantes que fazem hoje parte da direcção deste jornal devem continuar a insistir para que se continue a escrever sem erros ortográficos, com criatividade e imaginação, sem desleixo e respeito pelas pessoas que o lêem, mesmo por aqueles que nada fazem para além da crítica corrosiva e maledicente. Assim como o incentivo ao desejo de escrever e à necessidade de ler, pois só assim teremos a fineza de exigir leitores interessados e exigentes! Eis o meu amplexo!



A CABRA

Quarto com vista para a Universidade

As situações de alojamento precário, por um lado, e de preços inflacionados, por outro, eram postas em evidência num destaque em que se alertava para casos em que até existia um limite semanal de banhos. Os caloiros eram recebidos com um "alfabeto de sobrevivência".

n.º 40 , 19 de Outubro . 1998



A CABRA

Encontros marcados

Desta vez o destaque foi para mais uma edição dos Encontros de Fotografia, numa altura em que o referendo sobre a regionalização ocupava a atenção nacional. Já no rescaldo da Latada '98, era altura para fazer o balanço da festa.

n.º 41 . 7 de Novembro . 1998

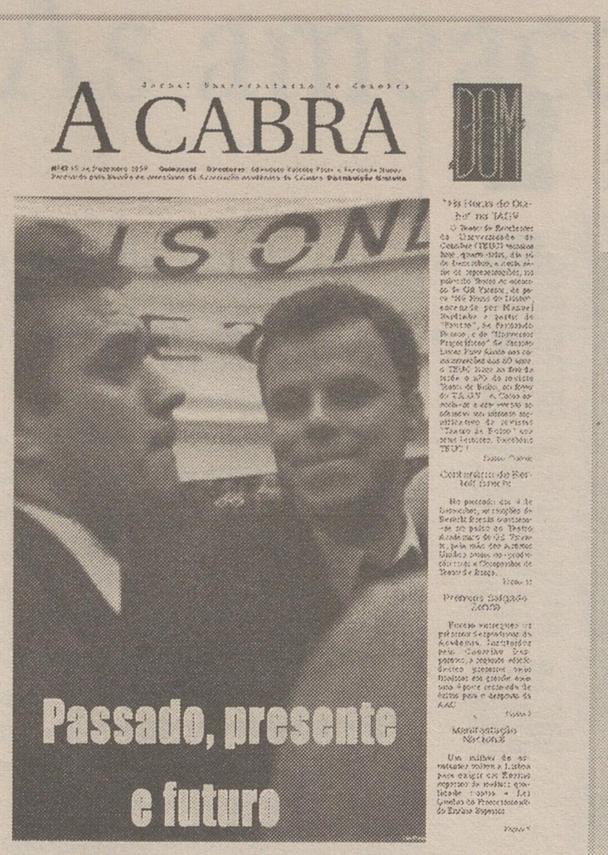


A CABRA

VOTOS PARA OITO

A CABRA apresentou na sua primeira página os oito candidatos concorrentes à DG/AAC, aproveitando para resumir as ideias principais de cada um deles. Aguardava-se ainda a reunião do Senado da Universidade que poderia decidir o congelamento do dinheiro das propinas.

n.º 42 , 24 de Novembro . 1998


A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra
Passado, presente e futuro

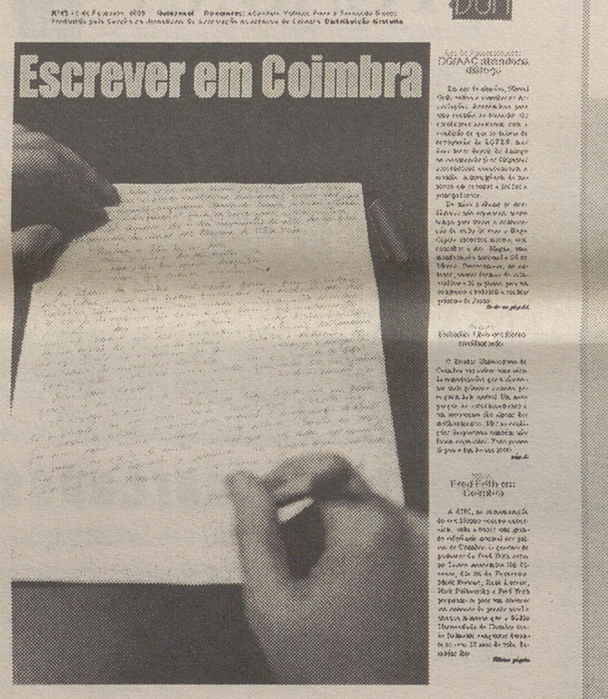
Este número deu conta da vitória de Hugo Capote nas eleições para a DG/AAC e do regresso dos estudantes à contestação contra as propinas. Foi também altura para fazer um resumo dos 60 anos de trabalho do TEUC.

n.º 43 , 15 de Dezembro . 1998


A CABRA
Reitor Fernando Rebelo em grande entrevista.
"A UNIVERSIDADE TEM CURSOS QUE NÃO SE JUSTIFICAM"

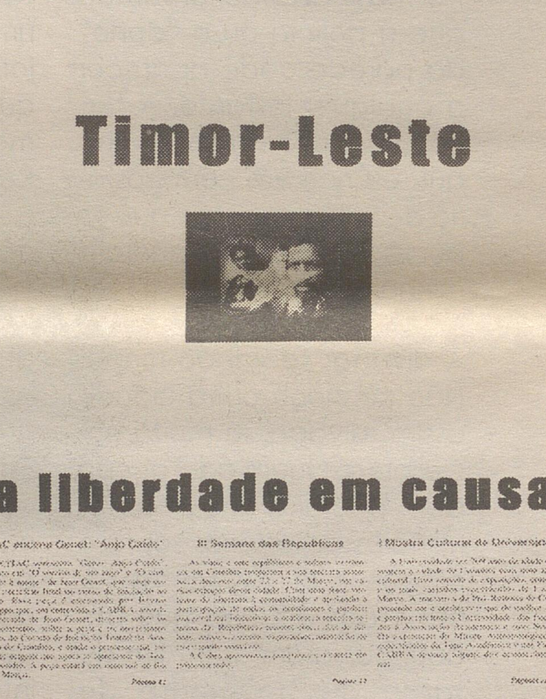
O Reitor Fernando Rebelo é entrevistado, dando como certa a aplicação do conceito de estudante elegível no prazo de dois anos. Uma avaliação das universidades públicas atribui à UC resultados acima da média nacional. A CABRA aproveitou ainda para dar os parabéns a si própria pelos 17 anos de vida da Secção de Jornalismo.

n.º 44 . 19 de Janeiro . 1999


A CABRA
Escrever em Coimbra

O destaque deste número foi para as editoras de Coimbra. Também foi notícia a tentativa frustrada do então Ministro da Educação, Marçal Grilo, de reatar o diálogo com as Associações Académicas. O resultado foi uma manifestação marcada para o Dia do Estudante.

n.º 45 , 11 de Fevereiro . 1999


A CABRA
Timor-Leste
a liberdade em causa

O Povo de Timor (hoje Loro Sae) continua a ter A CABRA como "megafone" e apoiante de todos os tempos. A Pró–reitoria para a cultura dá à luz a primeira Semana da Mostra Cultural da Universidade de Coimbra.

n.º 46 , 4 de Março . 1999


A CABRA
Pela Educação, Marchar!

A Marcha pela Educação agendada para o. Dia do Estudante é levada a cabo em Lisboa, e A CABRA faz a reportagem da manifestação. Também se fez o resumo da primeira Assembleia Magna do mandato de Hugo Capote, onde o desinvestimento na educação foi a pedra de toque. Pela primeira vez, levanta–se o véu sobre aquilo que hoje conhecemos por TV AAC.

n.º 47 , 24 de Março . 1999


A CABRA
Abril de 69 - 30 anos depois
Universidade Livre
Caminhos do Cinema Português VI

Como não poderia deixar de ser, o assunto principal deste jornal são os acontecimentos de 17 de Abril de 1969, o dia em que a Academia desafiou o Estado Novo. É apresentada uma cronologia da crise e ainda uma entrevista a Alberto Martins, presidente da DG/AAC em 1969.

n.º 48 , 17 de Abril . 1999


A CABRA
DOM
Noites divinas

A Queima das Fitas era notícia por dois motivos. Desde logo, porque tinha início no dia seguinte. Mas também pela polémica levantada em torno da organização da Queima '99, que teve o merecido destaque, embora a discussão exaustiva dos acontecimentos estivesse à partida adiada para o fim da festa.

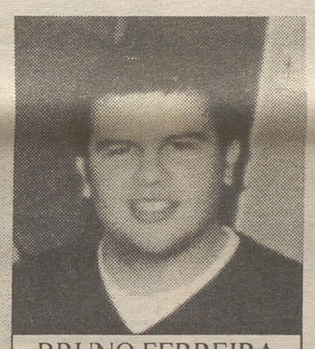
n.º 49 , 6 de Maio . 1999


A CABRA
Nº 50
DOM

A CABRA quis saber quem eram as pessoas que todos os dias trabalham para os estudantes, e foi conhecer alguns dos funcionários da Universidade. Mais uma Assembleia Magna tinha tido lugar, desta vez com o objectivo de esclarecer os acontecimentos ocorridos durante a Queima das Fitas. Dava–se ainda conta das várias demissões ocorridas na DG de Hugo Capote. Foi também lançado o primeiro Concurso de Banda Desenhada A CABRA / Dr. Kartoon.

n.º 50 , 24 de Junho . 1999

Então foi assim


BRUNO FERREIRA

AS AVENTURAS
E AS DESVENTURAS

Uma vez que sou eu o privilegiado que vai dar voz a uma equipa que já produziu 13 exemplares (pelo menos até este momento) deste nosso jornal, a minha primeira palavra vai para todos eles. De todos eles destaco principalmente: o Sérgio, o Justiniano, o Brito, o Vale, a Cecília, o Correia, o Zé Carlos, o Helder e a Ana Laura. Uma grande palavra também para esse grande senhor do jornalismo, João Mesquita, a quem devo quase tudo o que aprendi nestas lides. Também devo o que demais aprendi ao Tiago, ao César e ao Curado.
Depois disto afasto o "zoom" e tento apanhar uma perspectiva geral de como têm sido todos estes meses de trabalho. Como também tive o privilégio de ler os textos dos meus antecessores, concluo desde já que a mim é muito mais difícil ter uma perspectiva tão idílica e saudosa do que aqui tenho feito, uma vez que as noites sem dormir ainda estão muito vivas na memória. Mas um dia sentir–me–ei ainda mais realizado do que hoje.
O que tentámos fazer nestes 13 exemplares foi, pura e simplesmente, jornalismo. Foi informar uma academia cada vez mais distante da sua Associação Académica e que não se preocupa muito com os problemas da sua Universidade. Ainda temos muito por onde melhorar, pois o facto de estarmos, por vezes, tão embrulhados na acção à medida que ela se vai passando faz com que percamos um pouco a noção do que é importante, ou seja, do que é notícia. Precisamos ainda de encontrar definitivamente o equilíbrio entre o amadorismo e o profissionalismo não remunerado, o que nos levará certamente para o campo do rigor. E depois existem os outros defeitos do jornal: as inevitáveis gralhas, as fotografias menos boas, as primeiras páginas horríveis, etc. Certamente que um dia me lembrarei de coisas que podia ter feito melhor, mas assim foi e assim ficou.
Apesar dos defeitos, para descrever tudo o resto só existem duas palavras: amizade e esforço. Amizade que se torna mais difícil de manter quando já não podemos ver a pessoa que connosco tem passado cerca de doze ou mais horas de alguns dias de trabalho. Mas que certamente sairá fortalecida. E esforço *porque quem dá o que tem a mais não é* obrigado, talvez seja obrigado a melhorar o que dá.
Volto a aproximar o "zoom" para revelar o que me fez sentir melhor durantes estes anos: as longas conversas em que fiquei a saber mil e uma estórias daquelas que um jornalista não pode publicar, os jantares de sexão (sim, com x, não é gralha), os elogios ao jornal e as gargalhadas (normalmente muito boçais).
Só me resta desejar–nos um futuro muito feliz. Ah! É verdade. Esta coluna parece–me um espaço bastante bom para fazer um estudo em relação a quem lê, ou não A CABRA. Quem tiver lido esta singela coluna faça–me um grande favor: quando me encontrar na rua (a minha fotografia está ali em cima), dê dois saltos ao pé coxinho para que eu saiba mais ou menos quem são os leitores do nosso jornal.
Um grande bem–haja,


Jornal Universitário de Coimbra
A CABRA
DOM
Universidade 2000
A Universidade de Coimbra enfrenta novas exigências que irão testar a sua capacidade de adaptação aos novos tempos. A resposta surge através de um ambicioso projecto que promete revolucionar a mais antiga universidade ibérica.
Finanças Limpinho
Empréstimos Bonificados
O Conselho de Ministros regulamentou a concessão de empréstimos bonificados aos estudantes do Ensino Superior. Uma medida que gera algumas controvérsias e se revela ainda experimental.
Página 6
Coimbra
Crónica da Noite
A vivência nocturna analisada a fundo numa semana na qual houve de tudo menos descanso. Um itinerário cheio de peripécias de elevado grau alcoólico, o suficiente para rotular uma "normal semana de estudo".
Páginas centrais
Fotoreportagem
Repúblicas de Coimbra
Paulo Abrantes fotografou a grande maioria das "Repúblicas" de Coimbra.
São imagens do interior de casas que não existem em mais nenhum outro lugar de Portugal.
Páginas 14 e 15

O Pólo II avançava a "quase" todo o vapor e a Alta da Universidade sofria remodelações que "ainda" não previam que o pátio das Universidade deixasse de ser um parque de estacionamento. Aos caloiros era dada uma iniciação nocturna.

n.º 51 , 19 de Outubro . 1999

Jornal Universitário de Coimbra
A CABRA
DGAAC

Ao som das latas



Eis que chega Novembro e , com ele, chega também a festa feita em honra dos recém chegados à nossa Academia. Eventos desportivos, culturais, sem esquecer as sonoras noites do Pavilhão Universitário, prometem uma semana de folia e diversão capaz Ode animar o mais imperturbável dos estudantes.

Cultura
IV Encontros de Coimbra
Paulo Rocha foi a personalidade homenageada nos IV Encontros de Cinema de Coimbra. O programa do evento comporta ainda mais uma dezena de filmes e uma conferência até ao dia 13 de Novembro.
Página 16

DG/AAC
Faltam apenas seis dias para a entrega das listas candidatas à DG/AAC substituindo algumas dúvidas quanto à definição dos candidatos. A Cabra em conversa com as listas concorrentes analisa os problemas da Academia.
Páginas 6 e 7

Estudantes
Estudantes Lusófonos
São mais de um milhar o número total de estudantes de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Guiné Bissau a estudar na UC. Ouvimos o que pensam, o que estudam e esperam deste período universitário.
Páginas 2a 4

Os problemas dos estudantes dos países africanos de expressão portuguesa eram dados a conhecer à comuniudade universitária. A Escola da Noite mantinha em cena com grande sucesso a peça "Jaques e o seu amo" e os IV Caminhos do Cinema Português homenageavam Paulo Rocha.

n.º 52 , 5 de Novembro . 1999

Jornal Universitário de Coimbra
A CABRA
DGAAC

O novo Presidente



Humberto Martins é o novo presidente da DG/AAC, sucedendo, deste modo, a Hugo Capote. Com uma vitória assegurada por larga vantagem, o cabeça de lista do projecto V prepara-se para um ano laborioso, prespectivando-se vários desafios para os quais será pedido trabalho e poder de mobilização.

Inquérito
Os estudantes e a Academia
Novembro significa parar para pensar e votar para a DG/AAC. Neste mês de mudanças, A Cabra inquiriu um universo de estudantes sobre a importância desta instituição e a relação de cada um com a sua Associação.
Páginas 2 e 3

Desporto
As Secções vistas à lupa
A Associação Académica de Coimbra é reconhecidamente um dos mais importantes pólos de prática e divulgação desportiva. A Cabra faz uma radiografia daquele que é o maior clube de desporto amador do país.
Página 14 e 15

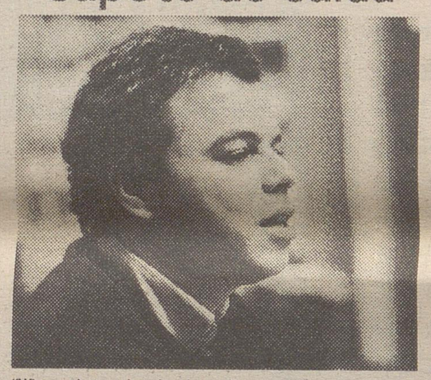
Fotografia
O adeus a Macau
Dia 19 de Dezembro dar-se-á a transição do território de Macau para administração chinesa. Aproveitando este facto, Pedro Medeiros apresenta um trabalho para as mais nostálgicas guardarem como recordação.
Páginas centrais

Humberto Martins era eleito presidente da Direcção Geral da AAC. Num inquérito realizado aos estudantes ficávamos a saber que 77% das pessoas inquiridas nunca haviam participado em actividades da sua Associação Académica e que 69% deles nem sequer sabia quem eram todos os candidatos à DG/AAC.

n.º 53 .2 de Dezembro . 1999

Jornal Universitário de Coimbra
A CABRA
DGAAC

Capote de saída



"Não queria que ninguém viesse dizer que era meu sucessor"

Ao deixar o seu cargo, Hugo Capote percorre as vicissitudes e sucessos do seu mandato à frente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra. Apesar dos problemas que importa ultrapassar a sua prioridade é da não revogação da Lei do Financiamento do Ensino Superior, Capote afirma que o futuro escalregar-se-á de dar razão aos estudantes.

Academia
Estudante elegível
A expressão "estudante elegível", não sendo totalmente desconhecida no universo estudantil, continua a constituir um mistério para a maioria dos estudantes.
O regime de aplicabilidade e as possíveis implicações são questões que A Cabra pretende tornar claras numa altura em que esta materialização parece eminente.
Página 6 e 7

Cinema
Godard no TAGV
Godard anunciou um dia - "O cinema deve ir a todo o lado. O que é preciso é fazer a luta de todos se fazer onde ele não chegou e dizer ele deve ir aí. Se não está nas fábricas, nas bordas, nas Universidades, há que o levar lá".
Seis filmes de Jean Luc Godard, o mais empenhante cineasta francês vivo, que o TAGV traz até à rua em Janeiro.
Página centrais

Entrevista
Manuel Rocha
Manuel Rocha é professor do Conservatório de Música de Coimbra e membro da Orquestra Nova Jazz.
Música convidada de música pelas vantagens da sonoridade, falemos nesta entrevista de como se toma música, do fado de coimbra e musical entre as músicas portuguesas e da situação actual da música popular portuguesa.
Página 16

Hugo Capote analisa o seu conturbado mandato numa entrevista onde afirma não querer que ninguém viesse dizer que era seu sucessor, facto que o tinha levado a anunciar a sua não recandidatura apenas cinco minutos antes de findar o prazo de apresentação de listas. É lançado o álbum de BD que reunia os melhores trabalhos apresentados no 1º Concurso de BD.

n.º 54 , 6 de Janeiro . 2000

Jornal Universitário de Coimbra
A CABRA
DGAAC

Transmissão de poder



Humberto Martins, novo presidente da DG/AAC, em entrevista a "A Cabra" falou-nos da polémica à volta da auditoria às contas da AAC e do modo como pode afectar o seu funcionamento. O estudante elegível, o novo edifício da AAC no Pólo II e a relação que quer manter com a Comissão Organizadora da Queima das Fitas foram outros dos temas abordados na conversa.

Academia
Nova DG/AAC
Os corpos gerentes da Associação Académica tomarão posse dia 11. Humberto Martins, recém-eleito presidente da Direcção-geral da AAC, traçou as horrobilidades, começando por salientar mais diálogo ao Estudo.
O leitor também alertou para a exactidão maior fiscalização pelos dirigentes da Universidade e para a necessidade de inovação para resolver os seus problemas.
Página 4

Cidade
Associação Pró Urbe
A Associação Cívica Pró Urbe, formada há cerca de cinco anos, pretende, no âmbito de Coimbra, consciencializar toda a população para uma ideia comum de cidade a cuidar e defender.
A promoção de debates e a disponibilização de opiniões e especialmente sobre as vários matérias que dizem respeito à cidade são outros objectivos perseguidos pela associação.
Página 13

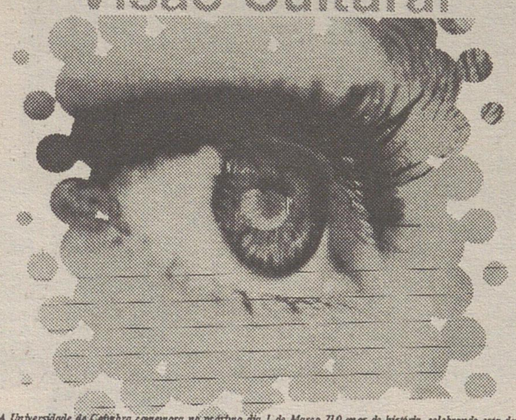
Exames
Dicas para não chumbar
Chegada a época de frequências, a nossa não será ideal o problema da procura do local de estudo ideal. Ambiente, companhia, localização são factores a que não é alheia a escolha do cantinho do estudo de cada um.
A Cabra procura, pois, fornecer elementos que ajudem a tirar a sua escolha.
Para ler e apreciar
Páginas 14 e 15

Os alunos da cadeira de Estudos Feministas estavam há quatro meses sem professor. A CABRA escolhia as bandas da década. A discoteca States fechava as portas e a Associação Cívica Pro Urbe era dada a conhecer aos estudantes.

n.º 55 , 28 de Janeiro . 2000

Jornal Universitário de Coimbra
A CABRA
DGAAC

Visão Cultural



A Universidade de Coimbra comemora no próximo dia 1 de Março 710 anos de história, celebrando esta data com um caleidoscópio das potencialidades culturais da Academia. A Semana da Mostra Cultural, que já vai na sua segunda edição, é o resultado de uma dinâmica e cooperação entre os mais diversos órgãos da vasta comunidade universitária, concretiza-se com a apresentação de um vasto leque de actividades e acontecimentos.

Universidade
Financiamento
Numa altura em que a discussão do Orçamento de Estado ainda está na ordem do dia, importa saber qual o dinheiro que é afectado às universidades públicas e nomeadamente à Universidade de Coimbra. A CABRA procurou saber se existe, de facto, subfinanciamento e quais as suas consequências imediatas na UC.
Páginas 6 e 7

Cidade
O outro lado da noite
Numa ronda pela noite de Coimbra, a CABRA descobriu um universo diferente dos vulgares bares académicos. Conhecidas como "Casas de Meninas", esta é uma outra perspectiva da cidade universitária, que acaba por ser uma realidade também para muitos estudantes de Coimbra.
Página 14

Memória
Coimbra era assim ...
O Jornal Universitário de Coimbra apresenta nesta edição algumas amostras de uma exposição patrocinada pelo Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC). Estes trabalhos fotográficos da autoria de João Azevedo e António Quintela, mostram uma visão de uma Coimbra de outros tempos...
Páginas centrais

A segunda edição da Semana da Mostra Cultural ajudava a festejar os 710 anos da Universidade de Coimbra. O lado escuro da noite era revelado. A Rádio Universidade de Coimbra comemorava os 14 anos com os concertos 107.9% Acústico.

n.º 56 , 26 de Fevereiro . 2000

Jornal Universitário de Coimbra
A CABRA
DGAAC

Alojamento em estudo



A questão do alojamento estudantil é, na cidade de Coimbra, e por razões óbvias, uma questão que não possa despercebida no seio da comunidade universitária. Por altura da Mostra Cultural da Universidade, o Centro de Estudos Sociais apresentou um estudo que faz a radiografia de um estado de coisas que ainda se encontra longe de estar bem.

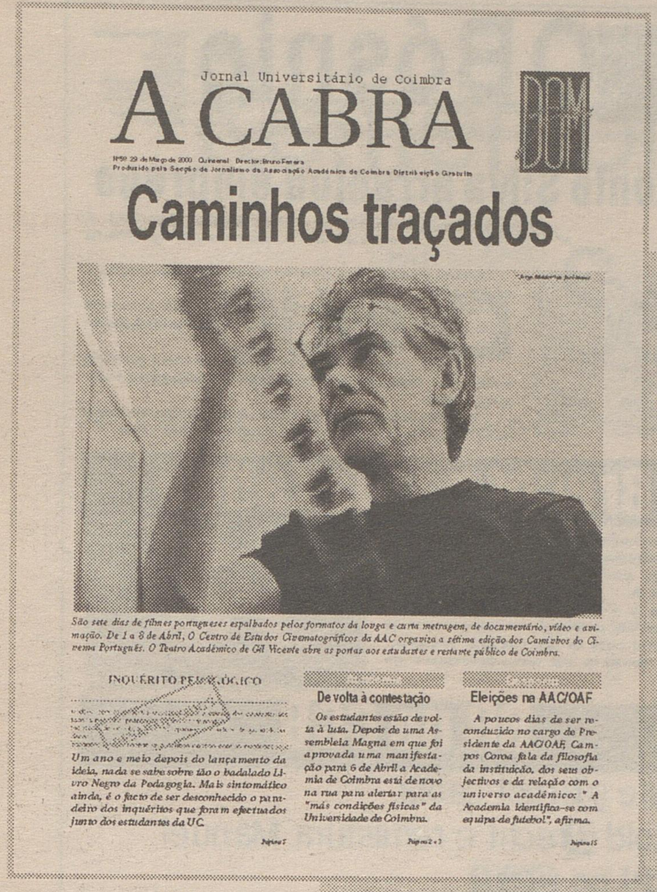
Cidade
Espaço cultural gera polémica
A construção de um novo auditório em Coimbra foi motivo de conflito que teve opostos a Câmara Municipal de Coimbra à Companhia de Teatro Escola da Noite durante os últimos meses. Um desconforto que parece não ter a Vista qualquer solução de consenso, já que ambas as partes se mostram intransigentes nas suas posições.
Página 13

Academia
Dia do estudante
A abordagem do calcinamento nos Estados Sagrados e a Acção Social Escolar são os principais critérios considerados do Educação que os dirigentes levam na bagagem para o sindicato ENDA. Nove mês de Março será o habitual reconhecimento do dia do estudante, a Academia de Coimbra sabe as homenagens no bucho dos Faculdades.
Página 4

Universidade
Novo curso em Direito?
O Conselho Científico da FDUC decidiu a favor da criação do curso de Administração Público no mais recente faculdade do país. Este curso, cuja criação abertura está ainda dependente do decidido do Senado da Universidade, encontra-se em fase de definição em que diz respeito ao número de anos que terá, disciplinas a lecionar e professores numerosa classe.
Página 5

O Conselho Científico da Faculdade de Direito aprovava a constituição do Curso de Administração Pública. A construção de um novo auditório municipal punha em conflito aberto a Câmara Municipal de Coimbra e a companhia teatral Escola da Noite.

n.º 57 , 16 de Março . 2000


Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

DOM

Caminhos traçados

São sete dias de filmes portugueses espalhados pelos formatos da longa e curta metragem, de documentário, vídeo e animação. De 1 a 8 de Abril, O Centro de Estudos Cinematográficos da AAC organiza a sétima edição dos Caminhos do Cinema Português. O Teatro Académico de Gil Vicente abre as portas aos estudantes e restante público de Coimbra.

INQUÉRITO PEDAGÓGICO

Um ano e meio depois do lançamento da ideia, nada se sabe sobre tão o badalado Livro Negro da Pedagogia. Mais sintomático ainda, é o facto de ser desconhecido o paradeiro dos Inquéritos que foram efectuados junto dos estudantes da UC.

Página 7

De volta à contestação

Os estudantes estão de volta à luta. Depois de uma Assembleia Magna em que foi aprovada uma manifestação para 6 de Abril a Academia de Coimbra está de novo na rua para alertar para as "más condições físicas" da Universidade de Coimbra.

Página 2 e 3

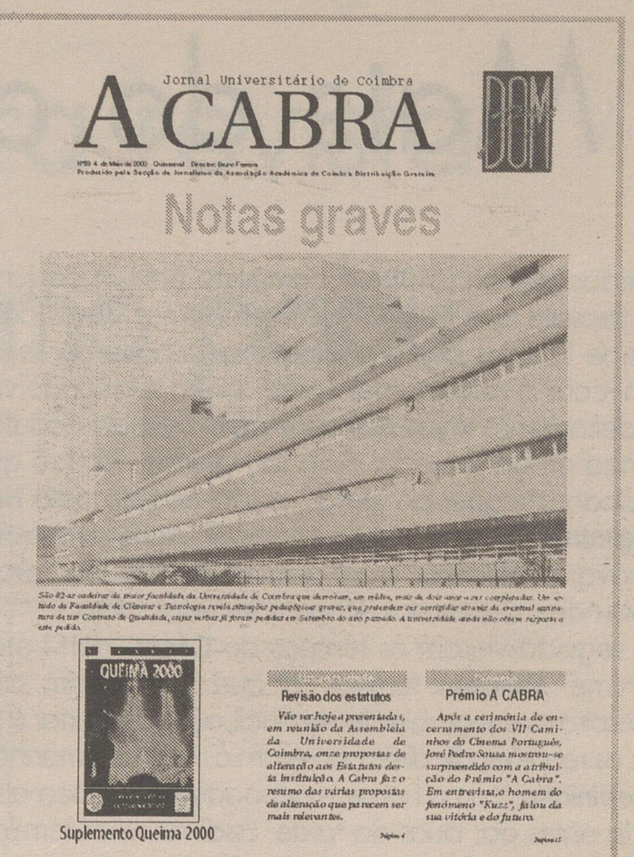
Eleições na AAC/OAF

A poucos dias de ser reconduzido no cargo de Presidente da AAC/OAF, Campos Correa fala da filosofia da instituição, dos seus objectivos e da relação com o universo académico: " A Academia identifica-se com equipa de futebol", afirma.

Página 15

n.º 58 , 29 de Março . 2000

A CABRA dava conta do desaparecimento dos Inquéritos Pedagógicos realizados durante o mandato da DG de Hugo Capote. Os Caminhos do Cinema Português entravam na sua sétima edição. Falecia Orlando Carvalho, um dos grandes vultos da Universidade de Coimbra.


Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

DOM

Notas graves

São 82 as cadeiras de mais de metade das faculdades da Universidade de Coimbra que demoram, em média, mais de dois anos a ser completadas. Um estudo da Faculdade de Ciências e Tecnologia revela situações pedagógicas graves, que pretendem ser corrigidas através do eventual aumento do seu Contrato de Qualidade, cujas verbas já foram pedidas em Setembro do ano passado. A Universidade ainda não obteve resposta a este pedido.

QUEIMA 2000

Suplemento Queima 2000

Revisão dos estatutos

Vão ser hoje apresentadas, em reunião da Assembleia da Universidade de Coimbra, onze propostas de alteração aos Estatutos desta instituição. A Cabra faz o resumo das várias propostas de alteração que parecem ser mais relevantes.

Página 4

Prémio A CABRA

Após a cerimónia de encerramento dos VII Caminhos do Cinema Português, José Pedro Sousa mostrou-se surpreendido com a atribuição do Prémio "A Cabra". Em entrevista, o homem do fantasma "Kuzz", falou da sua vitória e do futuro.

Página 15

n.º 59 . 4 de Maio . 2000

Vinha a lume o facto de na Faculdade de Ciências da UC existirem 82 cadeiras que, demoravam mais de dois anos a ser completadas. Era editado um suplemento da Queima das Fitas 2000 que dava a conhecer o famigerado "queimódromo", novo espaço onde a festa dos estudantes se iria realizar. O filme Kuzz ganha o prémio A CABRA nos Caminhos do Cinema Português.


Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

DOM

Queima em lume brando

Reina a confusão na estrutura da Queima das Fitas 2000. João Queiroz ainda não foi informado pelo secretariado em relação ao dinheiro que foi efectivamente gasto para organizar a festa e os credores já estão a bater à porta. A Queima das Fitas mudou de mãos, mas não deixou os problemas.

2º CONCURSO DE BD A CABRA / DR. KARTOON

Bolseiros com problemas

Os estudantes da Cotec-cerâmica têm o pagamento das bolsas atrasado em dois meses. A situação está a tornar-se de tal modo grave que há estudantes que não têm dinheiro para satisfazer as suas refeições diárias ou para pagar a renda de casa.

Página 7

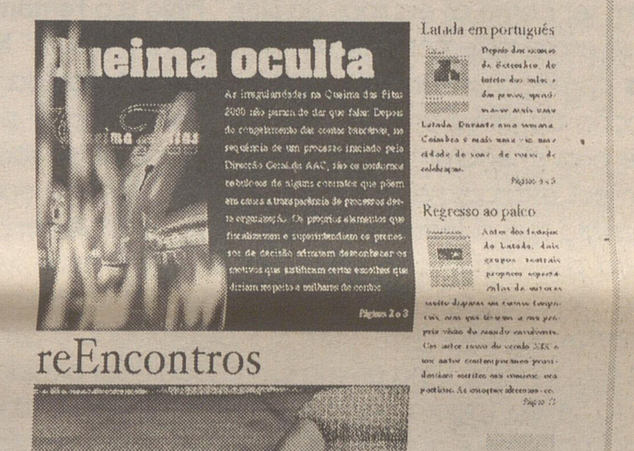
Achados arqueológicos

Uma escavação realizada no Paço das Escolas fez descobrir um processo de investigação arqueológica no local mais rico e diversificado que até hoje existiu em Portugal. As escavações já começaram, embora não seja ainda impossível apresentar quaisquer pormenores concludentes.

Página 7

n.º 60 , 29 de Junho . 2000

O presidente da Comissão Central não sabia quanto dinheiro havia sido efectivamente gasto na Queima das Fitas 2000. Eram dados a conhecer os vencedores do segundo concurso de Banda Desenhada A CABRA/Dr. Kartoon.


A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

DOM

Queima oculta

As irregularidades na Queima das Fitas 2000 não param de dar que falar. Depois do congelamento das contas bancárias, na sequência de um processo iniciado pela Direcção Geral da AAC, não se conhecem resultados de alguns concertos que põem em causa a transparência do processo desta organização. Os próprios elementos que fiscalizaram e supervisionaram os processos de decisão afirmam desconhecer os motivos que justificam certas escolhas que diriam respeito a milhares de contos.

Páginas 2 e 3

Latada em português

Depois dos acontecimentos de Setembro, de forte contestação dos calouros e dos praxes, aparece-nos este ano uma Latada. Durante uma semana Coimbra é mais uma vez palco de uma série de actividades.

Página 2 e 3

Regresso ao palco

Actos dos fracassos da Latada, dois grupos teatrais propõem espectáculos de autores muito diferentes um comum tempo: uns que têm um a sua própria visão do mundo envolvente. Um outro cruzo do século XIX e uns outros contemporâneos provocadores escritos uns anos e outros portistas. As escolhas abrangem-se.

Página 12

reEncontros

Museu Zoológico

Visita guiada ao museu recentemente de Vandoli.

Páginas 34 e 35

Rádio Universidade

Novo projecto da Rádio Universidade de Coimbra.

Página 7

n.º 61 , 31 de Outubro . 2000

De volta estão as irregularidades da Queima das Fitas 2000: a DG/AAC manda congelar as contas da Queima na sequência de um processo cheio de contornos nebulosos. Os Encontros de Fotografia chegam agora já no seu formato bienal. É inaugurada a cooperativa de habitação de Coimbra.


A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

DOM

Começou o desafio

Nos próximos dias 29 a 30 de Novembro a Academia de Coimbra vai às urnas para eleger o próximo presidente da Direcção Geral da AAC. A uma semana de acto eleitoral apresentam-se projectos.

Belle Chase com novo álbum

A "raça do bonito dos astros" é com isso reconhecida, o perfeccionismo e os tonalidades clássicas apresentam um brilho invulgar, como de um espelho acabado de limpar.

Página 8

Encontros directos

Albano da Silva Pereira continua a ser o homem forte dos Encontros de Fotografia. A edição deste ano, o projecto Mnemosyne, é a primeira edição bienal assinalando uma viragem de linha de orientação temática daquela que é o maior evento de imagem em Portugal.

Página 10

Emissões académicas

Com o nascimento deste canal televisivo, o mais antiga instituição académica do país terá a oportunidade de registar no principais acontecimentos do seu já longo historial. A força a previsão de uma televisão que quer crescer uma nova visibilidade à AAC.

Página 7

n.º 62 , 23 de Novembro . 2000

As eleições para a DG/AAC marcam a agenda. Procura-se quem irá suceder a Humberto Martins. Os Belle Chase Hotel lançam o seu segundo álbum e Albano da Silva Pereira fala sobre os Encontros de Fotografia.


A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

DOM

Reeleição polémica

Alta em mudança

A Universidade de Coimbra (UC) está apostado em remodelar o velho Alta universitário com modificações e várias vivências. As mudanças já estão a caminho.

Página 7

O esplendor de Genet

Teatro Académico de Gil Vicente abre portas a Jean Genet. A Escola Superior Nacional das Artes do Marionete levará a palco a peça "Splendid's", dentro dramatização francesa.

Página 9

Edifício da AAC

Reveladas os projectos de obras que pretendem alterar face de edifício.

Páginas 9 e 11

A Mar Arte

Dois lugares falam sobre um ponto de referência da cidade: o Jardim Botânico.

Página 12

A polémica estava gerada em torno das eleições para a DG/AAC, pois uma das listas resolvia boicotar as mesas de voto. Era dissecada a renovação da Alta, nomeadamente a construção de um parque de estacionamento na Praça D. Dinis.

n.º 63 , 13 de Dezembro . 2000

Mais do que um jornal

A redacção da CABRA é composta por um conjunto de pessoas que querem fazer jornalismo. Mas a coisa não se fica por aí. Ao entrarmos pela porta da Sexão (sim, com x) destapamos o véu de um submundo verdadeiramente impressionante para os mais incautos. Nunca o non sense foi ou é tão grande: lembro que quando cheguei ao jornal, então dirigido pelo ***Herr Queirrrrrós***, em caso de derrota do FC Porto a máquina parava, os plenários eram adiados para quinta feira à meia noite, depois dos Ficheiros Secretos, claro.

De seguida vieram os tempos do **César** "don't mess with me" **Marques**, tempos em que a Sexão (sim, com x) respirava um ambiente revolucionário de cortar à faca: as reuniões de direcção eram às onze da manhã e o **Justiniano**, como homem ocupadíssimo, nunca aparecia antes das duas da tarde. Essas reuniões terminavam por volta da hora do jantar, algumas chegaram a durar três dias seguidos, sem intervalos para ir à cantina. Numa dessas sessões, perdi vinte quilos, cheguei a casa desidratado e a minha Mãe não me reconheceu. Tudo por culpa de uma pessoa: **Tiago** "e se fizessemos uma revista de 62 páginas a duas cores já tratei do orçamento e tudo" **Maranhão**. Depois, pelos vistos, ganhei as eleições e tornei me presidente da Sexão (sim, com x). O **Adeodato** "as universidades deviam ser como as equipas da NBA" **Pinto** e o **Fernando** "e se escrevessemos mais um texto sobre o Brecht" **Nunes** começaram numa guerra surda na bipartida direcção do jornal e nunca, repito, nunca percebi porque não chegaram a vias de facto, apesar de todos os meus esforços nesse sentido. É nesta altura do campeonato que o **João** "apaguei a luz no 1910" **Alvim** começa a escrever comunicados absolutamente sem nexo, deixa de estudar e torna-se líder dos contra-movimentos da Sexão (sim, com X) e destitui toda a gente dos seus lugares. Uma amiga sua chega a ser presidente da Sexão (agora não repito nada) e directora do jornal por vinte e duas horas, altura em que a legalidade democrática é reposta, muito por força da acção do "Bornal" **Ferreira** e do **Sérgio** "depressa que o jornal sai daqui a duas semanas" **Alves**, duas aquisições de inverno que se vão revelar fundamentais na conquista do título, seja lá ele de que fôr. **Rui** "num bamos ceder à tentaçoum do Bill Metal" **Justiniano** ainda tenta tomar o poder pela força mas é aconselhado a candidatar-se à Direcção Geral da AAC, vencendo sem grande margem para dúvidas. Porém não foi avisado de tal vitória e acabou por ser reintegrado nos quadros da CABRA. Nos dias de hoje, A CABRA vive aquilo a que chamo de paz podre: quem entra nos escritórios da Sociedade Anónima vê que ali está um barril de pólvora prestes a explodir. **Bruno** "vou malhar um lanche misto e já volto" **Ferreira** já tem, inclusivamente, um passaporte paraguaio e **Sérgio** "Situacional Alteração" **Alves** está de partida para o El País, com um contrato válido por duas temporadas. O que deixa caminho aberto para **Helder** "Kinky Warez" **Dantas**, (ou "Álder Dante", não percebi muito bem o nome dele) que vai, conforme afirmou à Lusa "fazer um jornal de e para a Sophie Marceau". E isto sem falar no **Cecílio**, homem honorário da Sexão (sim, acaba em ão) e do **Curado** (está por estas bandas desde que o Muro caiu).

E pronto, nem só de CABRAS se fazem as estórias da Sexão (sim, com S). Todas estas informações estão documentadas nos vários parajornais que têm sido produzidos ao longo dos anos desde 1996: **A BACA**, Jornal Revolucionário de Coimbra, **A COBRA**, Jornal de Todas as Grolhas, **O SARAIVA**, Jornal Antifascista de Coimbra, **A FUÇAS**, **A BEIÇA**, **O BÓSNIO** e tantos outros...

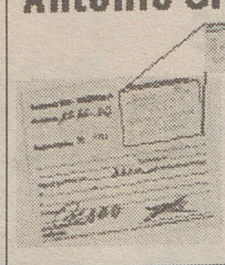
Todas as pessoas que por aqui passam, umas mais que outras, sentem que as amizades saem fortes. A experiência é marcante: fazer jornais, parajornais, inventar alcunhas, conspirar, receber informação, criar palavras novas (sim, há quem por aqui isso faça) ou apenas ficar na conversa... Como muitos dos que por aqui passaram, o agradecimento pela formação humana, cultural e intelectual faz-se, mais do que às faculdades onde vamos estudando, à AAC, em especial à Secção de Jornalismo, a esta casa que nos recebe e nos ensina tanto.

A vida vai continuar e, provavelmente, muitas das saudades que nos fazem querer largar tudo e voltar para o que ficou lá atrás terão a sua base aqui nesta sala, onde ajudei a fazer dezenas de jornais, onde acabo de escrever este texto.

Eduardo "vou imprimir só mais setecentas páginas a cores" **Brito**

O Bósnio

António Silva arranjou emprego



No combate de que sofre, António Silva, já arranjou um 'tacho' à custa do seu protagonismo na AAC.

António Silva é o novo condutor do cão nº 24 da Rua da Praça da República.

Fontes próximas da ANTRAL garantem que a carreira associativa de TÓ-TÓ (2 vezes TÓ para os amigos) poderá passar por esta estrutura anfíbio-canina!

O Bósnio deseja as melhores felicidades ao nosso assinante e amigo nas novas tarefas que se antevêem. Não pagamos o cão apetece dizer.

"o Estado tem de investir nos cães; é que segundo os dados da OCDE são os países da Europa" comentou António Silva.

Brecht na Via Latina



Manuel Brecht, o famoso DJ checo, conhecido internacionalmente por Manuel Brecht Aka Russbotsky, actua na discoteca Via Latina no próximo dia 34.

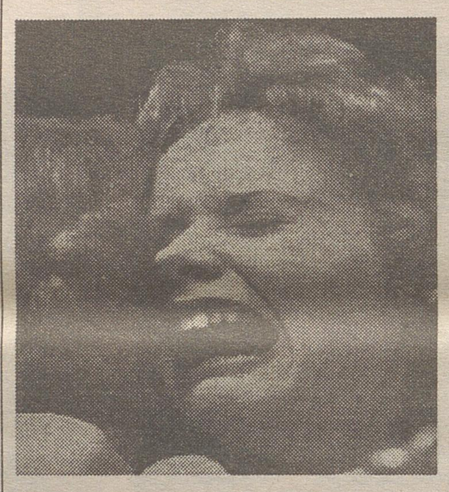
"Nunca fui a Portugal mas sei que no tropical sempre muitos fans. também já ouvi dizer que existe um jornal do meu clube de fans chamado 'A Cabra'." comentou Manuel na sua última performance em Ubeville.

BB no CCB

Brigite Bardot canta
Bertold Brecht e remistura Manuel Brecht no CCB

Dia 35 de Janeiro de 1998 23 horas (bilhetes à venda nas agências ABEP)

A Beiça



Preços da Burberrys vão baixar." Onde vou gastar o meu dinheiro?" -ouviu-se em celas.

PÁG 4



Documentário provoca polémica

Secção de Direitos Humanos insurge-se novamente contra as condições no Estabelecimento Prisional de Coimbra.

Pág. 5

A PENITENCIÁRIA DAS DEVASSAS

SIMONA VILLI SHALIMA ROBERT MALONE

Ardo Coimbra
HOJE, ESTREIA MAIORES MAIS DE 18 ANOS

A BACA

Jornal Revolucionário de Coimbra

Ele bai ser um Marine



Depois da sua frustrada participação (sim leva cedilha, ou era participação) nas eleições Tiago Aranhão vai para a tropa.

"Nada me corre bem", desabafou depois da sua derrota na Junta de Freguesia de Cabanelas.

Veiga Simão aproveitou a ausência de Guterres no estrangeiro para incorporar Tiago, "ele também não queria a minha lei das propinas" afirmou a um amigo.

No último ENDA, um Dirigente Associativo (DA) que não se quis identificar afirmou, "eu passei à reserva mas agora não digo nada".

Aranhão no porta-aviões Sacadura Cabral

Todos ao Tacho

"A pós-modernidade e as hipóteses de tacho decorrentes do novo mapa autárquico" é o tema do jantar-debate que a Sexão de Jornalismo leva a efeito terça-feira.

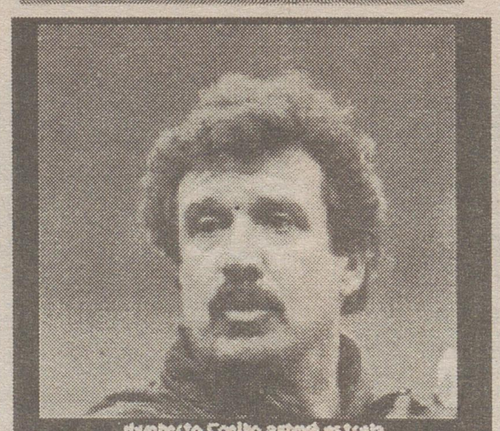
Até ao fecho desta edição desconheciamos qual seria o local do repasto - "o Mário tem o Avis mas nós também comemos" afirmou no entanto um dirigente.

"De derrota em derrota até à vitória final" será concerteza a tónica dominante dos discursos.



Kiki e Loló Carecas festejam a vitória nas eleições

OBsigol



Humberto Coelho antevê estreia

"O Shearer, hoje, nem a cheira"

Assista ao espectáculo dos Fjord no Back-Stage.
Veja como na página 12

BSIGOL GATE ainda mexe
Rui de Alarcão comenta tudo: "Esses gajos que fumem tabaco"

Ultima hora: Spice Girls fazem a primeira parte dos Fjord

OSARAIVA

DISTINGUIDO MARCADO POR MAU COMPORTAMENTO

TRISTES FIGURAS

Os estudantes da Universidade de Coimbra portaram-se mal na inauguração da sala 28 de Maio, ontem de manhã, no Edifício das Matemáticas. O SARAIVA esteve lá e captou os instantes decisivos de uma lamentável cena de mal criação. As mães podem estar descansadas que por agora já está tudo bem. Os recalcitrantes sofrerão as respectivas sanções.



Momento em que o provocador Alberto Martins se levanta diz: "Esmo Sr. Presidente da República, posso ir cagar?"



A resposta do Ilustríssimo Senhor Presidente da Nação não se fez esperar. Corajoso, o Almirante retorquiu em grandes decibéis: "Bom, e.h... agora caga o Ministro das Obras Públicas"



Ainda assim, relutante, o Supremo Inimigo Público "Da desporto mandou-o mesmo foder-se"

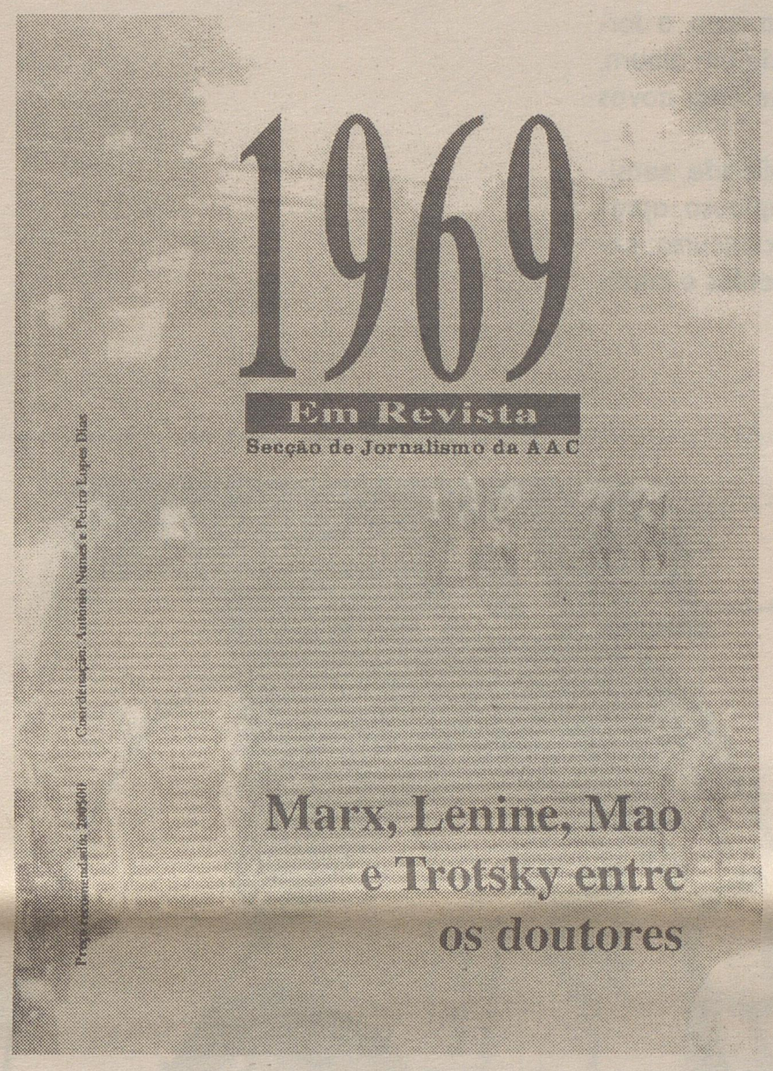
PIDE/DGS

Recrutamos pessoas (M/F) para informadores (Chibos). Também precisamos de carrascos.

Contactar Pinto "o democrata" Galante, Rua Venancio Rodrigues, Coimbra.

Rememorações da primeira revista que a Secção de Jornalismo pariu

Texto de António Nunes, coordenador, em conjunto com Pedro Lopes Dias, da 1969 - Em Revista.



À entrada da década de 1990 estava em voga a apresentação de revistas de fim–de–semana pelos jornais nacionais e regionais de maior tiragem.

Consciente desta realidade a Directora de A CABRA, Teresa Gomes, aproveitou uma das reuniões da Secção, ocorrida no primeiro semestre de 1994, para sugerir a realização de uma revista temática. Discorreu–se na dita reunião sobre eventuais temas, colaboradores, entrevistandos, patrocínios, mas com o correr dos meses tudo pareceu esmorecer.

Aproximava–se o final do ano escolar e nada de revista. A Teresa Gomes manifestava falta de disponibilidade para se dedicar à secção a tempo inteiro, pois começara a trabalhar no departamento gráfico do semanário "As Beiras". Nos meses seguintes abandonaria Coimbra para leccionar Inglês na Escola E B 2,3 de Alhadas, junto à Figueira da Foz. Eu, a Carla Silveira, o Paulo Sérgio Ferreira, o Pedro Meneses e o Pedro Lopes Dias estávamos em fase terminal de licenciatura. E foi neste clima algo agitado de transição generacional que se procedeu a uma reunião geral de sócios e colaboradores, visando eleger os novos corpos gerentes da Secção e de A CABRA. No decorrer dos debates surgidos ao longo da referida reunião ficou claro que a partir daquele acto eleitoral a nova geração tomaria em mãos toda a responsabilidade atinente à direcção e gestão da Secção.

Manifestado o desejo geral de produção da almejada revista, acordou–se que eu e o Pedro Lopes Dias ficaríamos responsáveis pela coordenação do projecto. Entre Julho e Novembro trabalhou–se afanosamente no projecto, cujo grafismo foi confiado ao engenho da Carla Silveira. Para tanto recorreu–se aos computadores da Secção e ao scanner da Direcção Geral da AAC.

Tendo como fio condutor revisitar a Crise Académica de 1969, a revista contou com a colaboração de estudantes que tinham vindo a publicar textos em "A Cabra", entre eles Pedro Lopes Dias, Paulo Sérgio Ferreira, Carlos Ferreira, José Manuel Beato, Pedro Meneses e Ana Duarte. A monumental entrevista ao Dr. Luzio Vaz, Vice–Presidente dos Serviços Sociais da Universidade, e de que se cortaram variados trechos por manifesta falta de espaço, foi realizada por mim e pela Carla Silveira.

O grosso das comunicações girou em torno das crises estudantis dos anos 60: "editorial" (Lopes Dias), sinopse da Crise de 1969 (Lopes Dias), entrevistas (António Nunes/Carla Silveira), documentação e publicações relativas à Crise de 1969 (António Nunes), reflexões sobre o Maio de 1968 (Carlos Ferreira), incursões ao canto de intervenção, crise e renovação da Canção de Coimbra (Paulo Sérgio Ferreira, Jorge Cravo, José Manuel Beato), o cinema de intervenção (Ana Duarte), os diálogos entre o passado antifascista e o presente antipropinas (Luis Trindade, Pedro Meneses).

A maioria das imagens publicadas ao longo das 55 páginas da revista foram seleccionadas a partir de livros, jornais, revistas e documentos que ao tempo guardava religiosamente nuns caixotes de cartão. A legendagem das gravuras e fotografias é também da minha lavra, contando aqui e além com a veia criativa da Carla Silveira.

Vale a pena lembrar que a Secção não dispunha dos quase 300 contos então necessários à impressão de uma revista ilustrada, estruturada em 55 páginas e 31 imagens, mesmo em se tratando do singelo preto e branco. Valeu aos responsáveis pelo projecto um patrocínio de 40.000$00 "arrancado" à Livraria Minerva e o facto não despiciendo de o Dr. Luzio Vaz ter custeado integralmente a impressão junto da Secção de Textos dos Serviços Sociais.

Praticamente concluída a revista em meados de Novembro de 1994, restava aos responsáveis divulgar o melhor que podiam a publicação. Neste sentido foi decidido elaborar um cartaz publicitário e um desdobrável, anunciando a cerimónia de lançamento a decorrer no Centro Cultural Dom Dinis. Em simultâneo, contactámos a R.T.P., com vista à apresentação da revista no programa Boa Tarde, da responsabilidade do jornalista Raul Durão, programa a que efectivamente me desloquei acompanhado pela Carla Silveira. Escusado será dizer que as despesas de deslocação correram por conta dos nossos mealheiros pessoais.

A revista foi oficialmente lançada no Centro Cultural Dom Dinis, no dia 28 de Novembro de 1994, pelas 18 horas e 30 minutos. Organizou–se uma mesa redonda, subordinada ao tema "Modernidade e Pós–modernidade. 1969 entre o mito e a realidade", a que apenas compareceu como palestrante o Prof. Doutor Luís Reis Torgal, docente da Faculdade de Letras. A condução da conversa ficou por minha conta e risco.

Terminado o lançamento, seguiu–se um Porto de Honra e mais tarde um momento de convívio. A partir desta data abandonámos definitivamente a Secção à gestão dos mais novos e apenas lá passámos nos dias seguintes com o intuito de remeter, via correio, exemplares da revista a colaboradores, antigos estudantes de Coimbra interessados e bibliotecas.

Naquilo que me diz respeito enquanto coordenador do projecto, quer o título da revista, quer o seu conteúdo, quer as imagens legendadas, tudo isto prefigura uma imagem crítica, distanciada e profundamente desencantada das crises académicas dos anos 60. Neste sentido "Marx, Lenine, Mao e Trotsky entre os doutores" foi, da minha parte, um exercício de reflexão bem pósmodernista, na esteira dos escritos de Lipovetsky e Braudillard. Por tudo isso não será ocioso recordar que a principal fonte inspiradora e norteadora da minha actividade foi o semanário francês "L'Express" de 25 de Maio de 1993, cujas páginas eram largamente dedicadas a "Les rêves de Mai 68". Aliás, estas recordações adquiririam mais lata inteligibilidade caso tivesse escrito na "1969 em Revista" uma reportagem intitulada "Quem são hoje e onde estão os protagonistas de 1969?", trabalho que infelizmente não consegui realizar a tempo. Vendo bem, em 1994 os heróis começaram a rarear, o espectro do desemprego era uma realidade crua para os recém–licenciados, estava na moda falar–se em "geração rasca" e muitos dos heróis e heroínas dos anos 60 haviam conquistado o poder, não estando dispostos a partilhá–lo com as novas gerações a não ser pela via estreita da filiação partidária.

Concurso de BD A CABRA Dr. Kartoon

A promoção das artes entre os estudantes e restante público de Coimbra é um factor importante para o estímulo da criatividade, da capacidade crítica e do espírito de iniciativa. Este concurso teve como objectivo permitir aos participantes a sua divulgação artística e, como tal, a afirmação do seu espaço no panorama local e nacional da banda desenhada.

Através de muito trabalho e de um forte empenho nesta área, o Jornal Universitário de Coimbra encontrou, na publicação de um álbum, a forma mais adequada de revelar novos talentos e de criar novos públicos.

Os trabalhos aqui apresentados revelam grande originalidade, sensibilidade e talento. Os seus criadores merecem o nosso aplauso, apreço e gratidão. Como promotores e organizadores deste concurso, expressamos o nosso orgulho pela revelação de tantos talentos e criatividade.



Acreditar

Acreditar!
Acreditar é a palavra de ordem, sempre que se inicia um projecto, sempre que se desafia o imobilismo e se tenta romper contra a situação criada.
Acreditar, mesmo após se ter feito o possível e quase o impossível, é tudo o que resta à Secção de Jornalismo. Acreditar que a Reitoria na recta final dará o seu apoio e que A Cabra será uma realidade. É, no entanto, triste verificar que centena e meia de contos impedem todo um projecto, que foi estruturado e apresentado a quem de direito e que neste momento é uma incógnita.
Acreditemos.
O Nº 0 da Cabra, não será apenas mais um número, será o primeiro de uma série, será o assinar de um compromisso com a academia. Queremos ser, de uma forma consciente, o espelho do pensar e do sentir de toda uma academia, o local privilegiado de debate É tempo que Coimbra, a sua academia, volte a debater internamente, mas de forma generalizada, as questões que directamente lhe interessam e sobre as quais não pode deixar de ser ouvida.
Numa altura em que se comemoram os 700 anos da Universidade, onde a DG rejeitou um subsídio de 2000 contos por não se atender à especificidade da AAC; onde a Faculdade de Direito e a FCTUC vivem períodos conturbados, onde a abertura solene das aulas ainda não se verificou... é, pois, premente e absolutamente necessário que A Cabra seja uma realidade.
Acreditar!
Acreditar que o factor económico não vai abortar, mais uma vez, um projecto de dimensão cultural e de participação de um colectivo que ascende aos 15000 estudantes é um imperativo de consciência.
Acreditamos que no dia 8 saíremos à rua.

José de Albuquerque

Editorial do Nº 0 d`A CABRA de 8 de Janeiro de 1991



Janeiro 91
Ano I
Nº 0
Preço: 50$00

A CABRA

Director: José de Albuquerque

Este JORNAL VALE HOJE
LER NA PÁG. 3

Abusando do "pá" e do "repara", Emídio conversou demoradamente com a Cabra. Diz com orgulho que a AAC voltou de novo a ser o sindicato dos estudantes. Considera que temos os melhores Serviços Sociais do país e critica a reitoria pelo que têm sido as Comemorações dos 700 anos da Universidade.

Pág. 9 a 12

• COIMBRA À NOITE...
... ou "sua Exª Vem-se à noite". Roteiro do boémio acidental. Desenhos, fotos e textos dos bares e seus amantes...
Suplemento

• FACULDADE DE DIREITO
... Era o mês de Novembro e o Outono fez-se verão. Faculdade de A a Z; Calendário dos acontecimentos; Regulamento de Estágio e, em exclusivo, reportagem fotográfica da marcha a Lisboa.
Pág. 4 e 5

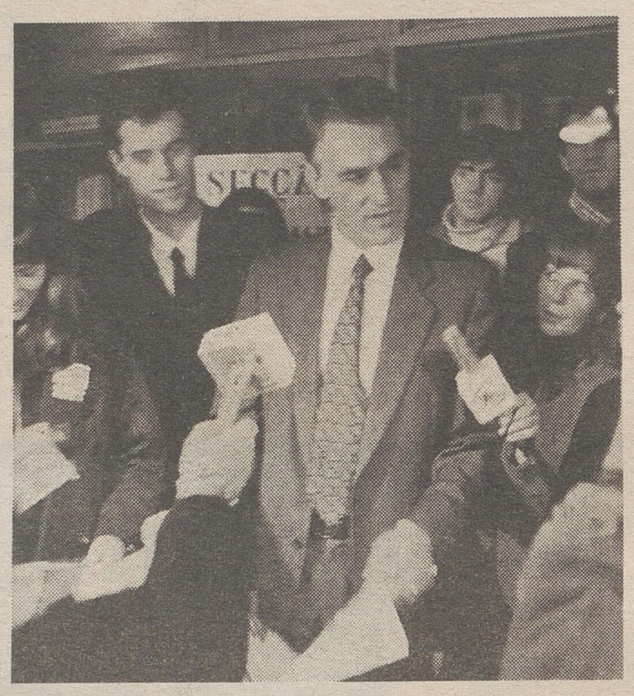
• COELHO ESTURRADO
O Coelho quiz ser candidato a Presidente. Engravatou-se (engravataram-no), vestiu-se e penteou-se a preceito. Em vez de Coelho à Caçador, ficou Coelho Caçado. Quem tramou o Coelho?
Pág. 2

• DESPORTO
Desporto Universitário em questão. D.G/A.A.C. e F.A.D.U. são motivos de reflexão. A Secção de Xadrez subiu à 1ª Divisão Nacional - Xeque Mate...
Pág. 17, 18 e 19





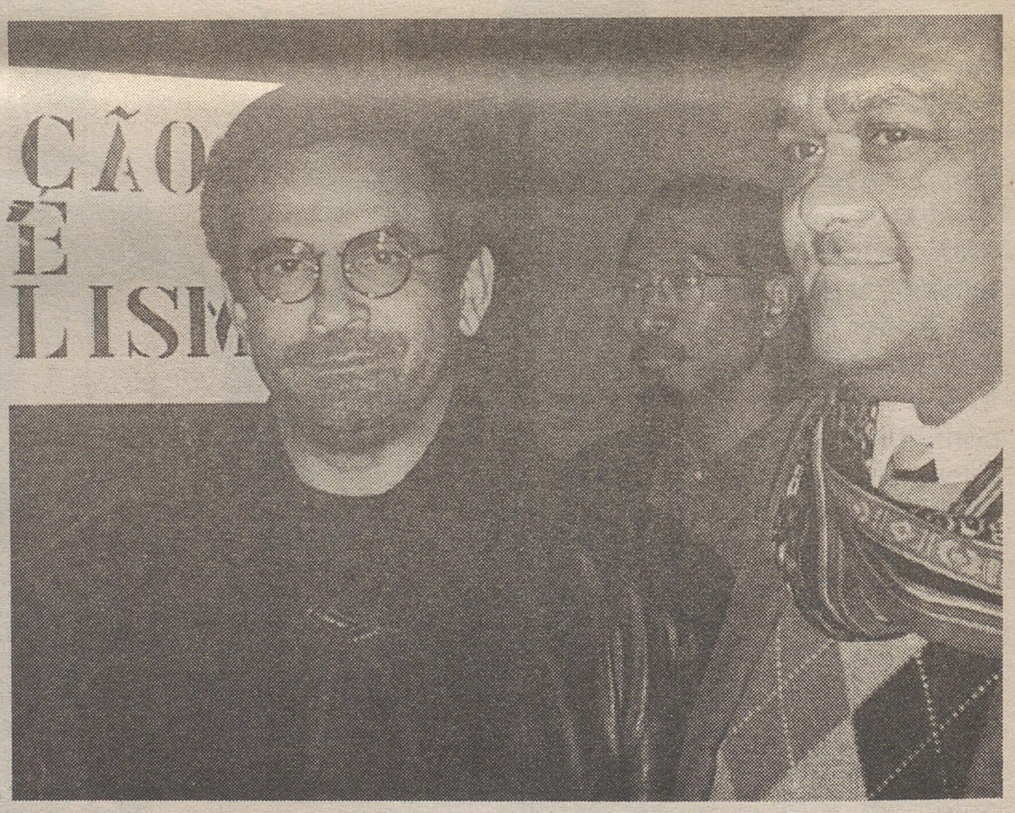




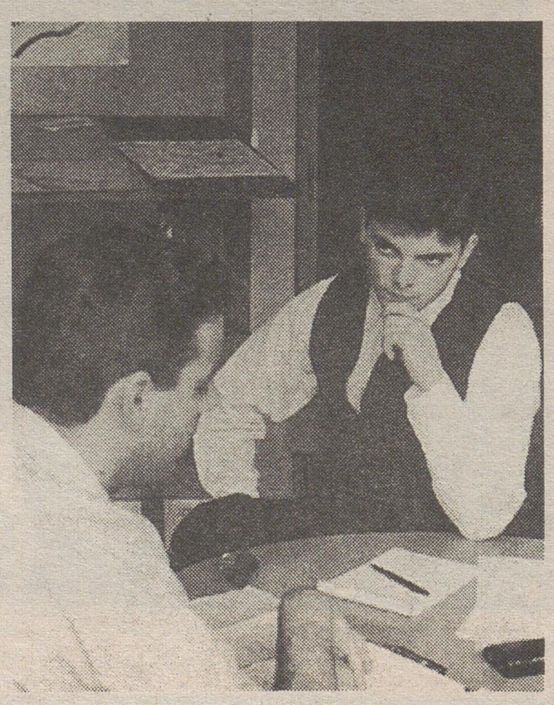

Jornal Universitário de Coimbra
A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra
A CABRA

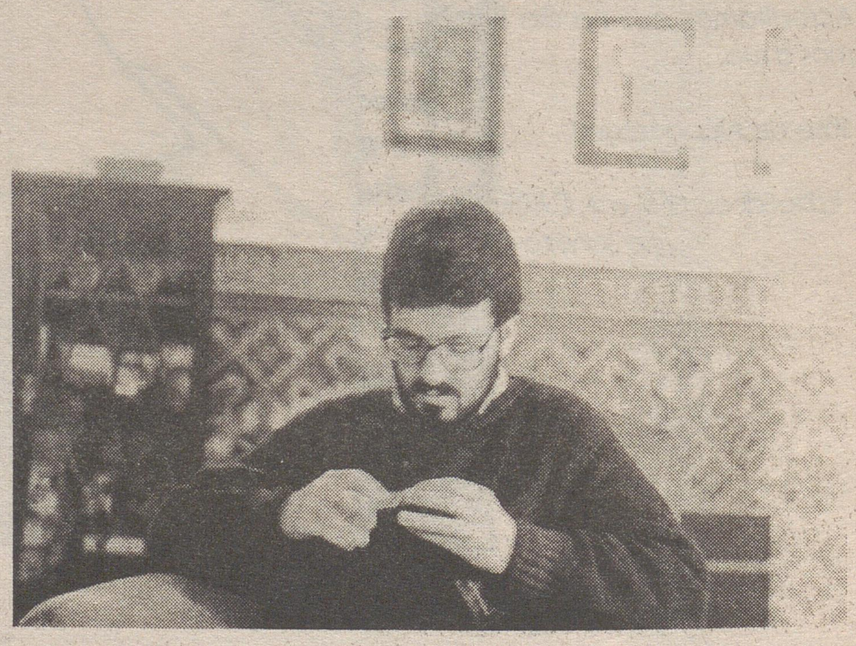





ÇÃO
É
LISM

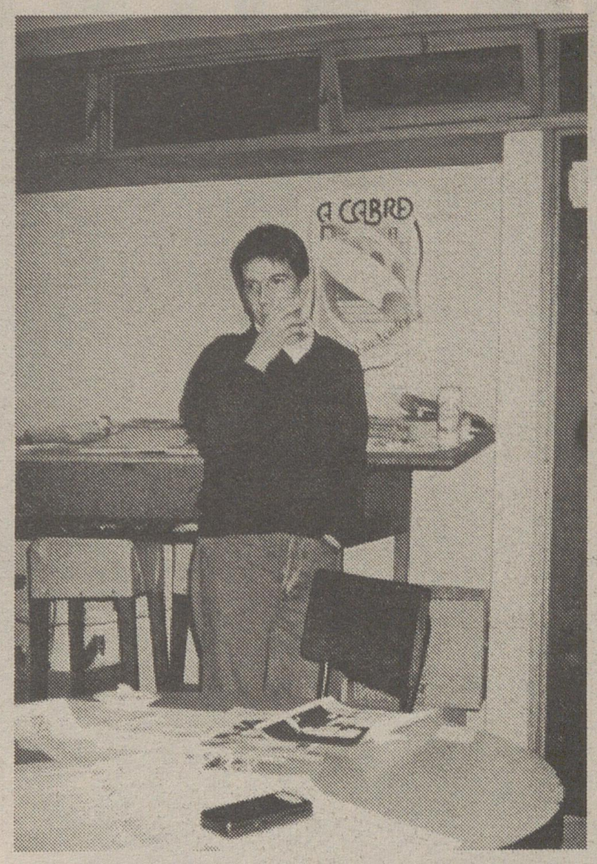






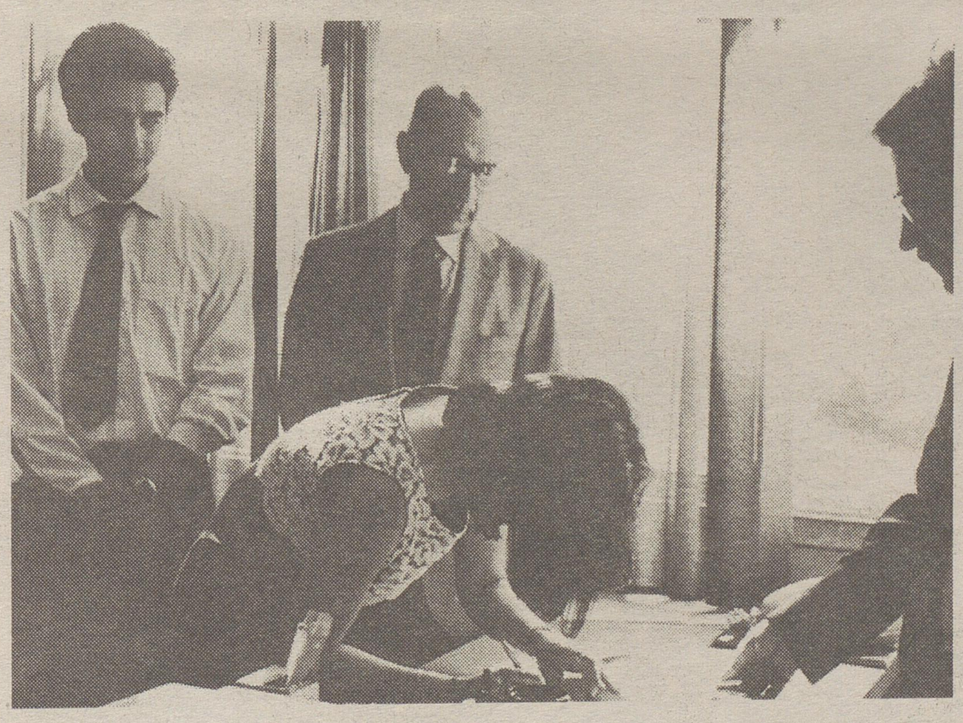


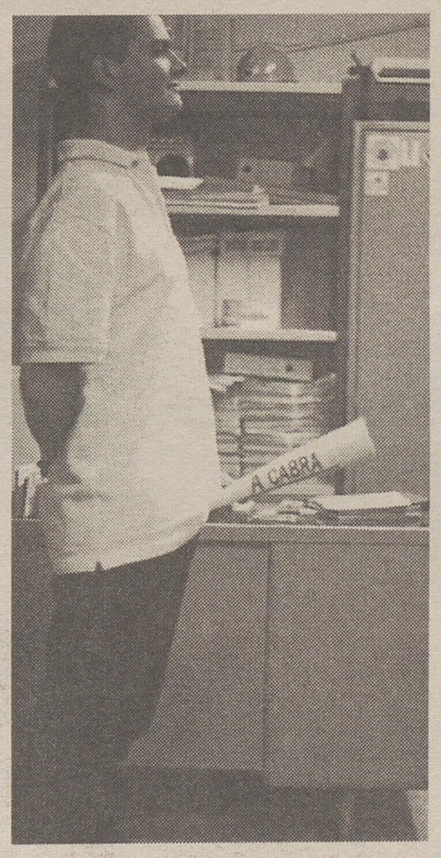


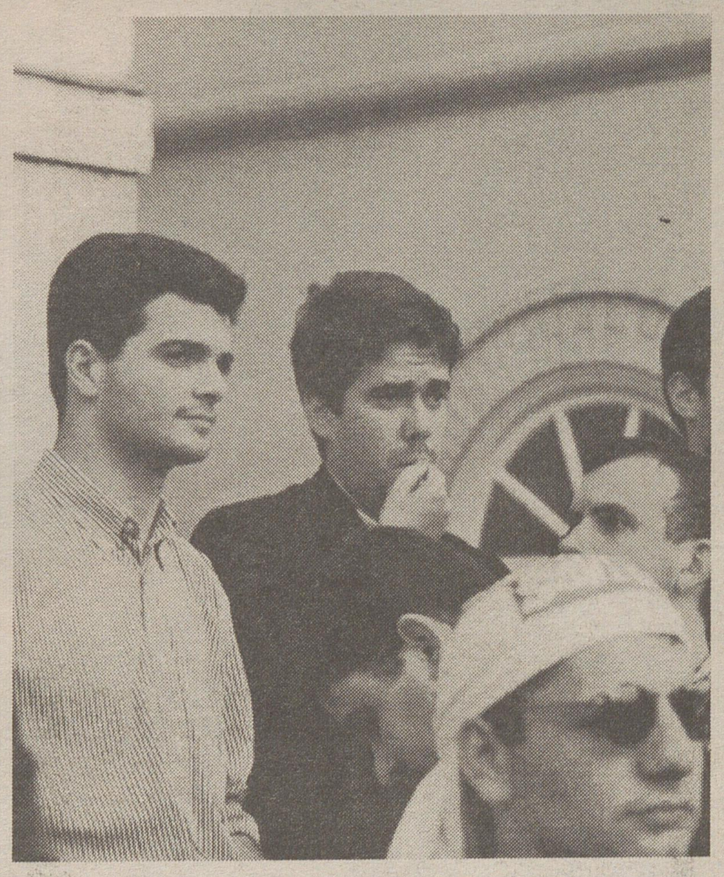




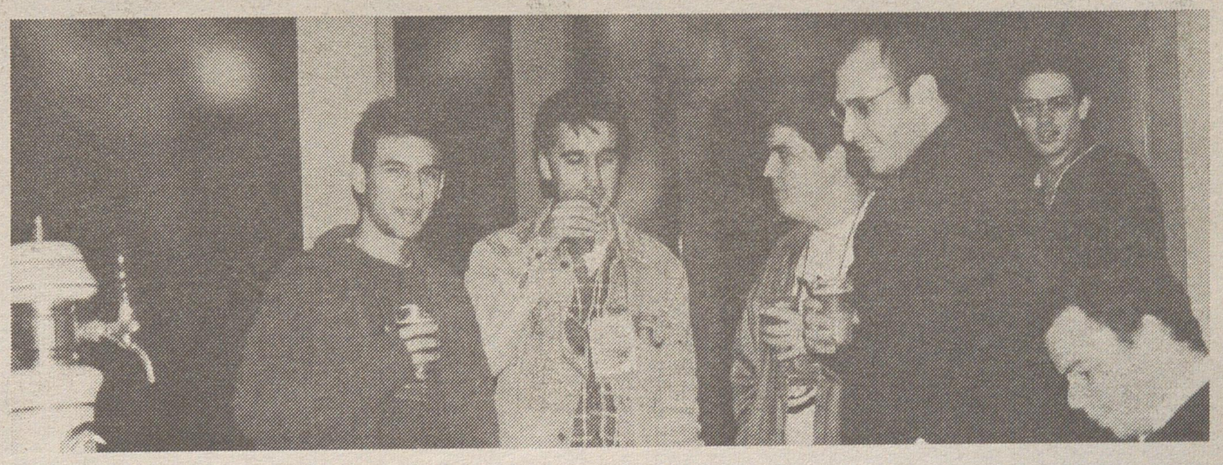












10 anos

10º aniversário



A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

30 maços de tabaco
2 grades de cerveja
6 Macintosh's decadentes
1 parede decrépita
6125896Kw de luz
300.000 tinteiros
A Hermengarda

A CABRA

10 anos

Bem vindo ao suplemento

"O umbigo".

Como o próprio nome sugere

É INTEIRAMENTE DEDICADO A NÓS.

Por nós entenda–se o Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA,

que comemora agora os seus dez anos de existência.

aqui vai poder

ver ou rever

todas as 63 capas

do nosso jornal

o que lhe vai permitir ter uma visão geral

do que de mais importante aconteceu neste ambiente que nos rodeia,

ao mesmo tempo que vê o nosso projecto a

crescer

Parece–nos esta também uma boa ocasião para

agradecermos

a quem mantém e ajuda a manter A CABRA a andar.

Em primeiro lugar urge agradecer a quem a

fundou

a quem nela

escreveu

e a quem nela

escreve

Depois há que deixar duas palavras institucionais:

uma para a Reitoria da Universidade de Coimbra,

para os Serviços de Acção Social da **outra**

UNIVERSIDADE

DE COIMBRA

que possibilitam que o jornal seja gratuito,

podendo assim chegar →

a mais pessoas

Obrigado pela

atenção

e boa leitura.

Então foi assim



JOSÉ ALBUQUERQUE

Antes de mais, cumpre felicitar todo o corpo do jornal e na direcção da secção da AAC, dar os parabéns pelos 10 anos de A CABRA. Não tanto pelos dez anos, mas pela forma como esses anos foram vividos. Cheios de pujança, com uma periodicidade notável, para uma publicação com características muito próprias e de uma secção onde o amadorismo, o associativismo e o complemento à actividade de estudante são a pedra de toque. Podia a secção ter enveredado pelo profissionalismo, transformado o jornal num semanário da cidade - vestindo a veste académica na hora dos subsídios e a veste intelectual na hora das oportunidades aos que por gosto reclamam uma participação activa no associativismo. A tudo isto souberam todos os que por aqui passaram resistir, fazendo com que a Secção de Jornalismo e A CABRA sejam hoje o que eram há 10 anos atrás, um espaço de participação académica, de participação dos estudantes da Associação Académica de Coimbra. Parabéns! E que daqui por mais 10 anos continuem todos os que por aqui passarem a usar e a abusar da liberdade criativa de um espaço como A CABRA. Força.


A CABRA

Estes JORNAL VALE HOJE

A CABRA nascia aos primeiros dias do mês de Janeiro de 1991. O presidente da DG/AAC, Emídio Guerreiro era entrevistado: "A AAC voltou de novo a ser o sindicato dos estudantes".

n.º 0 , 8 de Janeiro . 1991


A CABRA

AGORA 28 PÁGINAS

"(...) tenho um pensamento abstracto, mas procuro ser um homem concreto."

TIMOR-LESTE

O Magnífico Reitor da UC, Rui de Alarcão, era entrevistado pela CABRA: "Tenho um pensamento abstracto mas procuro ser um homem concreto". *Timor-Leste* era lembrado meses antes do massacre no Cemitério de Díli que faria despertar o mundo para a situação do povo timorense.

n.º 1 , Fevereiro . 1991


A CABRA

AGORA 32 PÁGINAS

ELEIÇÕES/91

INSÓLITO

SONDAGEM

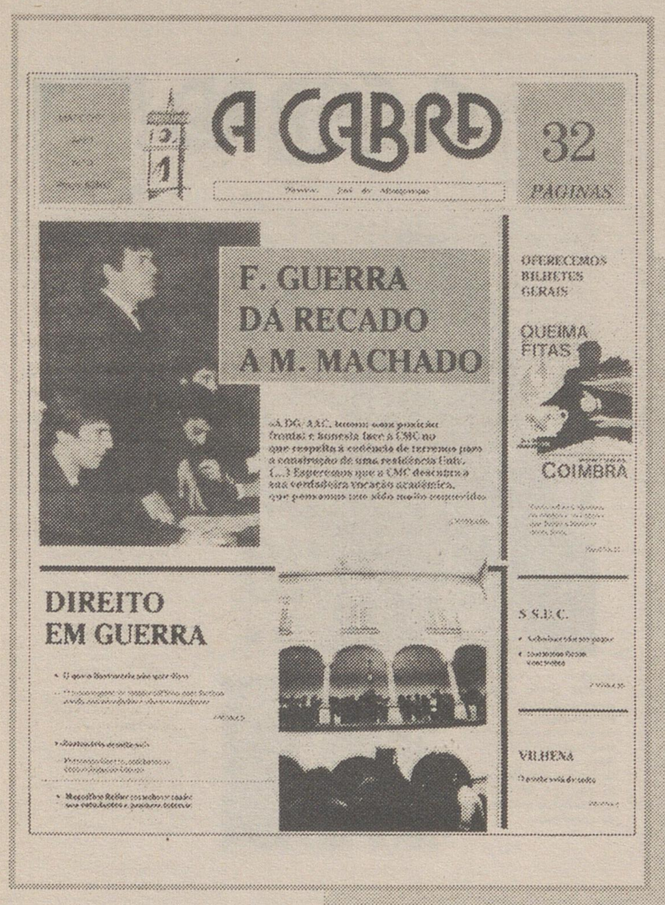
ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

700 ANOS

Em pleno mês de eleições para os corpos gerentes da AAC, eram apresentados os candidatos. Era divulgada uma sondagem que levou, inclusivé, a que um dirigente associativo tivesse tentado adquirir todos os jornais, tentando impedir desta forma que A CABRA chegasse a todos os estudantes. A Universidade de Coimbra celebrava 700 anos de existência.

n.º 2 , Março . 1991


A CABRA
32 PÁGINAS
F. GUERRA DÁ RECADO A M. MACHADO
OFERECEMOS BILHETES GERAIS
QUEIMA FITAS
COIMBRA
DIREITO EM GUERRA
S.S.E.C.
VILHENA

n.º 3 , Março . 1991

O presidente da DG/AAC, Fernando Guerra, desafiava a Câmara Municipal de Coimbra: "Esperemos que a CMC descubra a sua verdadeira vocação académica que, pensamos, tem sido muito esquecida". A Faculdade de Direito entrava em guerra com a Ordem dos Advogados.


MAIO JUNHO 91
A CABRA
EDIÇÃO ESPECIAL
QUEIMA / 91
AFRICA
TEIXEIRA
DESPORTO
ATÉ QUANDO?
ENTÃO E O GOVERNO?

n.º 4 , Maio . Junho . 1991

A CABRA procurou investigar o submundo do mercado de arrendamento de Coimbra. O presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Manuel Machado, respondia a Fernando Guerra dando uma entrevista ao nosso jornal: "A investigação da Universidade não pode depender só do investimento privado".


NOVEMBRO 91
A CABRA
SUPLEMENTO
AGARRA QUE É CALOIRO
CANTINAS DÃO LUCRO
Afirmação Polémica do responsável dos Sociais na DG/AAC
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
"Uma moedinha, ó socio!"
Morituri te salutant!

n.º 5 , Novembro . 1991

A Universidade de Coimbra abria as portas para o ano lectivo sem verbas nem garantias governamentais. Algumas faculdades não tinham dinheiro para abrir, outras encontravam–se em risco de fechar. O responsável pelos Sociais na DG/AAC afirmava que as cantinas davam lucro.


NOVEMBRO 91
A CABRA
EDIÇÃO ESPECIAL
TIMOR
IRRESPONSABILIDADE NACIONAL !
A VERGONHA
AI TIMOR / CALAM-SE AS VOZES / DOS TEUS AVÓS / AI TIMOR / SE OS OUTROS CALAM / CANTAMOS NÓS

n.º 6 , Novembro . 1991

Era editado um número especialmente dedicado à situação que se vivia em Timor–Leste, alguns dias depois do Massacre no Cemitério de Sta.Cruz, em Díli.


DEZEMBRO 91
A CABRA
SOLIDARIEDADE ACADÉMICA PELO POVO DE TIMOR
A GRANDE MENTIRA
DIREITO
FOI VOCÊ QUE PEDIU UMA R.G.A.?
FESTA DAS LATAS
A MINI - QUEIMA
SUPLEMENTO
ANTERO DE QUENTAL
DESPORTO
MÁRIO MEXIA VAI À SELECÇÃO

n.º 7 , Dezembro . 1991

Era retomada a questão de Timor. A solidariedade académica com o povo de Timor era demonstrada com uma manifestação que se deslocou até Lisboa.


A CABRA
EDIÇÃO ESPECIAL
A ACADÉMICA FICOU MAIS POBRE
FALECEU MENDES SILVA
O PRESIDENTE EM DISCURSO DIRECTO
O COUTO DO VIGÁRIO
SÓ PARA COLECCIONADORES
MULHERES - 100 ANOS

n.º 8 , Junho . 1992

António Vigário, presidente da DG/AAC, admitia em entrevista à CABRA o possível boicote ao pagamento das propinas. A Academia ficava mais pobre com a morte de Mendes Silva, então presidente da AAC/OAF e ex–presidente da AAC.


A CABRA
EDIÇÃO ESPECIAL
Jornal Universitário de Coimbra
PROPINAS?
Propinas e Constituição
Inquérito: Propinas
Pé-de-Vento em Reitoria
O país dos contos inventado
Opinião do Gomes Canotilho
Os resultados e os comentários
ENDA: a história
O Senado por dentro e por fora
n.º 9 , Novembro . 1992

A luta contra as propinas começava a endurecer. Era definitivamente assumido o confronto directo em relação à política educativa do Governo. Por entre inquéritos e opiniões, a Lei nº20 de 92 era o alvo da contestação dos estudantes.


A CABRA
ESPECIAL
Moção dos estudantes à Assembleia da República.
NÃO! dos Estudantes às Propinas
CHAMEM A POLÍCIA...
... QUE EU NÃO PAGO!
Universidade de Aveiro: História de uma Crise
Festa das Latas em Coimbra
As RGA's da moda
Timor
Uma realidade demasiados dias depois...
n.º 10 , Outubro . 1992

As propinas estavam, definitivamente, na ordem do dia. Inquérito, mobilização e análise de um movimento estudantil a postos para uma guerra que estava ainda no início.

Então foi assim



CARLA SILVEIRA

Quando cheguei à Secção de Jornalismo, em Março de 1991, estava em preparação o número três de A CABRA. Depois de um período conturbado durante o qual a Secção de Jornalismo tinha publicado a "Gazeta Académica", o José de Albuquerque, a Teresa Gomes (hoje Albuquerque), o João Saraiva e o António Nunes eram praticamente os únicos sócios activos da Secção, que iniciava o ciclo A CABRA.

Entrei pela mão do Pedro Meneses, uma noite. Então foi assim... Entrámos e dissemos que queríamos fazer revisão de texto, se tivéssemos algum préstimo para isso e nos quisessem. Lembro-me de que a Teresa fez um sorriso de quem não acredita no que está a ouvir... a revisão de texto é um dos trabalhos mais ingratos e menos apetecíveis para quem trabalha num jornal. Acho que naquela altura não acreditaram que a nossa colaboração durasse mais de um número... mas receberam-nos à boa velha maneira sul-africana, o mesmo é dizer da Teresa, de braços abertos.

Mas nós lá nos fomos aguentando, o Pedro e eu. Nessa altura os computadores ainda eram mentira... se queríamos computadores, tínhamos de ir a desoras para a Direcção Geral, trabalhar nos computadores deles. O jornal era todo montado à mão, com tesoura e cola, numa mesa de montagem a cair de velha...

Pouco a pouco eu e a Teresa começámos a aventurar-nos nas artes do design gráfico em computador. Fomos descobrindo com poucas ajudas e sem manuais os programas disponíveis e iniciámos a montagem do jornal por meios informáticos, no meio dos ziliões de coisas inexplicáveis que nos aconteciam aos textos que desapareciam e coisas afins...

Era assim fazer o jornal nesses primeiros anos.. Noites, muitas noites sem dormir, muitas horas em frente ao computador, quantas vezes a tentar arrancar mais umas linhas a um ou outro colaborador para se poder fechar uma página... Eu e a Teresa fazíamos o grafismo, com o Zé-Tó sempre atrás de nós a pedir impossíveis ora a uma ora a outra. Era ainda quase assim que o faziam quando em 1994 me licenciei e saí da Secção.

Raramente faltava companhia para as noitadas. Aparecia sempre alguém para dizer olá e enfurecer o porteiro do prédio com os barulhos. Às vezes até se entrava pela janela! De madrugada ia-se aos bolos quentes, para retemperar energias... De manhã tomava-se o pequeno-almoço a trinta escudos na cantina... Definitivamente, estou a falar de outro século.

A razão destas linhas, no entanto, é tentar explicar a magia que se apoderava de nós quando pisávamos a Secção. Uma magia que para mim fez com que o jornal fosse também um pedacinho meu, com que a Secção fosse uma segunda casa. Fazíamos tudo para que fosse assim, aliás. A Teresa arranjou plantas e cortinas para a sala e até o chão limpávamos, nós próprios.

Dessas noites longas, do companheirismo daí resultante, surgiram amizades que fazem também agora dez anos, ou quase. Essas amizades são o que me restou da Secção de Jornalismo de há seis anos para cá. A CABRA na qual participei resume-se hoje ao meu grupo de amigos, a pessoas tão especiais que são também verdadeira família, pai, padrinho e tios do meu filho. Não os citarei pelo nome, eles sabem bem quem são.

Não se pense porém que tudo foi sempre caminho liso e sem escolhos... Houve momentos muito duros, de crise económica (quase em todos os números era a bancarrota), de crises pessoais. Momentos em que a constante vivência em conjunto e a falta de horas de sono acentuavam a discórdia mais do que a amizade. E houve uma verdadeira crise de sucessão quando o Zé-Tó saiu de Coimbra e foi trabalhar para o Seixal, crise esta que na minha opinião só se ultrapassou completamente quando a "velha geração" abandonou definitivamente as hostes da Secção e rumou às suas vidas.

Por tudo isso é imensamente gratificante ver, hoje, A CABRA, e perceber que nenhum de nós foi verdadeiramente importante para o que esta nova geração fez da velha Secção e de um jornal que começava, ele próprio, a envelhecer. É como um filho que sai de casa para estudar e volta homem (ou mulher) feito(a). A CABRA saiu-nos das vidas e está hoje jornal vivo, jornal novo. Irreconhecível.

Parabéns a vocês, que souberam e sabem viver o vosso jornal ao ritmo da vossa geração! Nós, os "dinossáurios" da Secção, não temos mais a fazer do que orgulharmo-nos de ter participado do florescer de um projecto hoje confiado em tão boas mãos. E orgulharmo-nos de ver as nossas noites perdidas de há dez, oito ou cinco anos a darem tão bons frutos hoje em dia. Vós fazeis com que tenha valido a pena a corrida. O meu muito obrigada por isso!


A CABRA
RÁDIO UNIVERSIDADE DE COIMBRA
107.9 MHZ
Manifestação em Lisboa e ENDA de Coimbra
Festa das Latas em Coimbra
Entrevista com António Lucas Vaz
Governador Civil conversa com "A Cabra"
Política Académica
JSD divide-se por causa das propinas
n.º 11 , Dezembro . 1992

As propinas continuavam a ser o assunto quente da Academia e do país. A CABRA acompanhara passo a passo a manifestação desse mês em Lisboa. Era contada a história de mais uma Festa das Latas.

Então foi assim



TERESA GOMES

Infelizmente e apesar de todos os esforços empreendidos foi impossível, por razões técnicas, apresentar o texto de Teresa Gomes.
Pelo facto, pedimos desculpa.


A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra
Estatutos
Um Projecto com continuidade...
Propinas
Vamos pagar!?
Eleições
SSUC
Andebol
Jornadas Universitárias Lusófonas
Praxe

A DG/AAC dava início a mais um processo de revisão estatutária ao mesmo tempo que se aproximava mais um acto eleitoral. Uma grave crise financeira assolava a Secção de Andebol da AAC.

n.º 12 , Fevereiro . 1993


A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra
TAGV
Estudantes Deficientes
Natália Correia
A Intensidade do Romantismo

O Teatro Académico de Gil Vicente encerrava para obras. Era efectuada uma reportagem sobre os estudantes deficientes da Universidade de Coimbra.

n.º 13 , Novembro . 1993


A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra
10 Anos de Secção de Jornalismo
PROPINAS
DESPORTO
CULTURA
LIQUIDAÇÃO TOTAL

A Secção de Jornalismo da AAC comemorava 10 anos de existência. A luta contra as propinas não esmorecia, sendo aprovado um boicote generalizado ao seu pagamento.

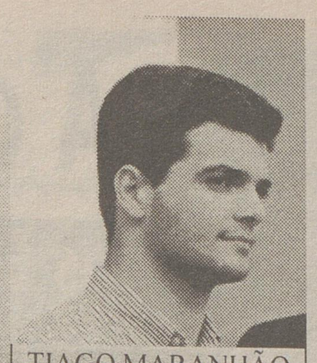
n.º 14 , Janeiro .Fevereiro . 1994


A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra
Acção em Lisboa

Os estudantes voltavam a Lisboa para mostrar ao Ministério da Educação o que fazia falta na Acção Social, enfrentando uma repressão policial nunca vista. Tiago Magalhães, presidente da AAC, admitia: "As propinas não são tudo".

n.º 15 , Maio . 1995

Então foi assim



TIAGO MARANHÃO

Entrei para a Secção de Jornalismo pelas mãos do Carlos Ferreira, meu amigo dos tempos do Liceu, após algumas conversas deliquescentes no Tropical. Um artigo meu no Jornal de Filosofia do Liceu de Santa Maria Maior merecera diversos elogios e o empenho desse amigo leva-me a colaborar com A CABRA.

Evidentemente ele ignorava que esse artigo era, em grande parte, um plágio descarado de um outro, escrito anos antes por Agustina Bessa Luís, o que explicava o estilo atípico com que era escrito e a estranheza que provocou, logo transformada em elogio generalizado, que é a melhor arma contra contra o pavor de mostrar ignorância.

Alheio a tudo isto, o Carlos lá me levou zelosamente a um plenário tumultuoso onde se discutia a questão -para mim ininteligível- da revisão do Regulamento Interno da Secção, e onde me foi distribuída a minha primeira tarefa de colaborador: redigir um artigo sobre o fim de certas orais na Faculdade de Letras.

O tema não era dos mais interessantes, não fosse a circunstância de ter sido obrigado a assistir a uma Assembleia de Representantes onde um inspirado Carlos Ramos -pré Joane e o Amendoim Saltitante- clamava contra um Plano de Actividades que previa obras no edifício, "uma obra do Fascismo". Simpatizei logo com o personagem, que de resto frequentava a Secção, não obstante a minha instrução no mais puro horror ao comunismo que ele pregava com tanto alarde.

É lógico que o Ramos era um tanto extravagante e não espelhava as práticas da seita. Essas pude constatá-las no dia-a-dia da pequena política associativa. A certa altura pareceu-me ver a lógica dos grupos organizados, das células, o controleirismo e a influência. Embora não tivesse sentido a influência dessa mão invisível na Secção de Jornalismo, senti pessoas condicionadas e grupos organizados que, sem serem excessivamente importantes, eram, mesmo assim, influentes. Talvez porque esse grande mundo da esquerda efectivamente predomina na consciência da parte activa dos estudantes e há uma interacção no sentido de estabelecer algumas verdades incontestáveis.

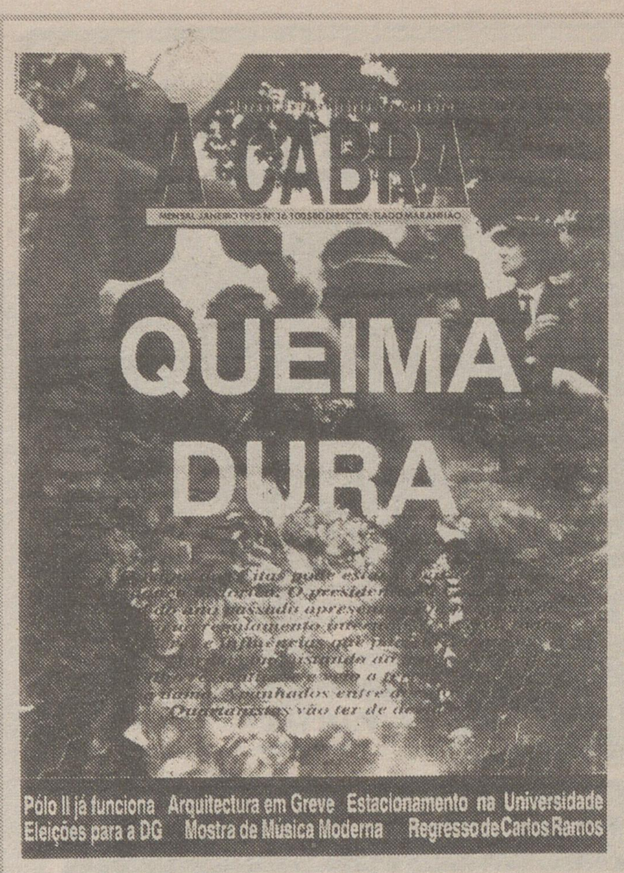
Curiosamente, quando cheguei à Secção de Jornalismo, essa esquerda era particularmente militante na AAC, especialmente contra os Tradicionalistas Revivalistas, cuja face visível era o que restava do Movimento para a Restauração da Praxe Académica Coimbrã. A maioria dos estudantes ignorava estas questões, e a profusão de trajes académicos evidenciava já os derrotados desta particular contenda, prenúncio da ortodoxia com que mais tarde tive que me haver como director deste jornal: lidar com a grande e briosa Académica em nome da qual não se põem em questão certas coisas. Como diz com graça Rui Justiniano, "há alturas em que, apesar de tudo, não podemos deixar de pensar: a Académica é a Académica.

Não fora a ajuda de muitos e esta tensão que se vivia na casa e transpôs as portas da Secção de Jornalismo, aliada a uma série de equívocos e ambiguidades, ia custando caro à Secção. Ao contrário dos meus antecessores, a minha inocência política era quase total e a minha ignorância ainda maior, o que ia provocando um desastre quando assumi pela primeira vez a direcção da Secção. A percepção que eu tinha do jogo político que gravitava em torno da AAC era muito empírica e não via o jornal como um pivot desse jogo. Nem passei a ver depois, só que, como não havia uma visão estratégica para o Jornal, não conseguíamos sair ao nível que pretendíamos e com a qualidade que era possível, emprestando muitas vezes o nosso melhor a causas equívocas e não mobilizando o trabalho para aquilo que verdadeiramente interessava.

Aí o militarismo despreocupado de muitos e algumas chamadas de atenção de alguns sócios mais conhecedores permitiram tornear as dificuldades e refazer o projecto do Jornal A CABRA, emprestando-lhe uma dinâmica que repôs a Secção numa normalidade que, não sendo a desejável, permitiu uma constância no trabalho de fazer o único jornal regular da Academia de Coimbra. Foi o fervor desses sócios e colaboradores, para quem o trabalho da Secção foi uma tarefa ingrata, que a salvou do abismo. Para a Academia Coimbrã A CABRA não era e não é um mau Jornal. Antes pelo contrário. Deu guarida a algumas vítimas dos arranjos político-associativos, emprestou de bom grado o seu espaço a uma certa inovação cultural, permitiu a muitos o sabor de experimentarem o Jornalismo, mesmo quando não tencionavam fazer dele profissão, e contribuiu para uma certa formação.

A Reitoria da Universidade de Coimbra e os Serviços Sociais que pagaram e pagam este exercício talvez nunca se tenham dado conta da importância que a Secção de Jornalismo tem para muitos de nós. Nunca lhes agradeci devidamente. Aproveito para o fazer, bem como ao Tiago Magalhães e à Zita Henriques, que, de formas diferentes mas igualmente empenhadas, salvaram a Secção de problemas eminentes.

Dito isto impõe-se agradecer a algumas pessoas com quem trabalhei nesses tempos alegres e difíceis. Em primeiro lugar à Rosário Salvado pela paciência com que aturou o inaturável. Depois, ao André Correia, que foi comigo de uma extrema generosidade. Por fim, ao Carlos Loureiro, cujo empenho, inteligência e amizade foram a alavanca das melhores coisas que por aqui se fizeram.



A Queima das Fitas encontrava-se em discussão, tendo sido apresentada uma proposta de alteração ao regulamento interno. O Pólo II entrava, finalmente, em funcionamento.

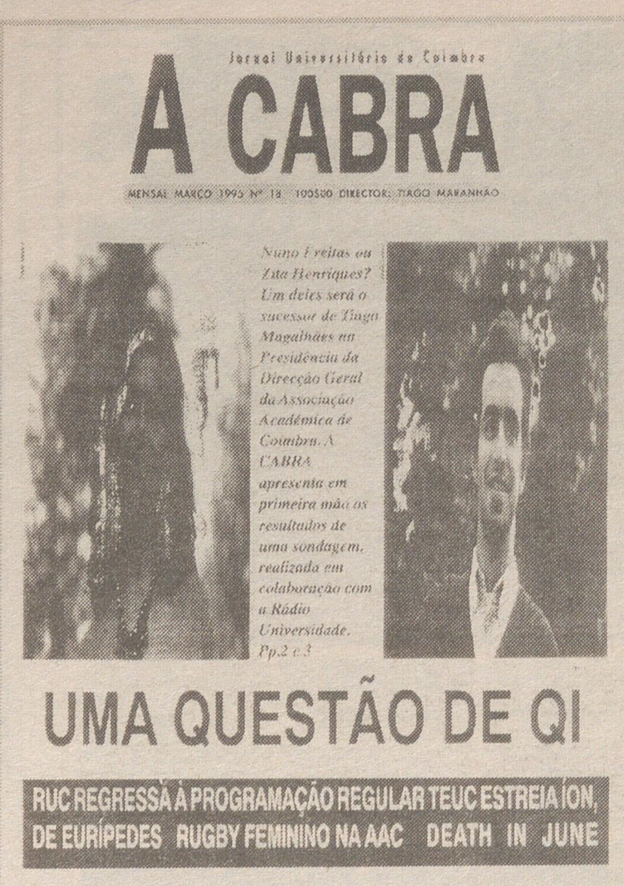
n.º 16 , Janeiro . 1995



Estalava uma guerra surda entre as secções desportivas e o Curso de Ciências do Desporto, com o Estádio Universitário em pano de fundo. Eram apresentados os candidatos a mais uma eleição para a DG/AAC.

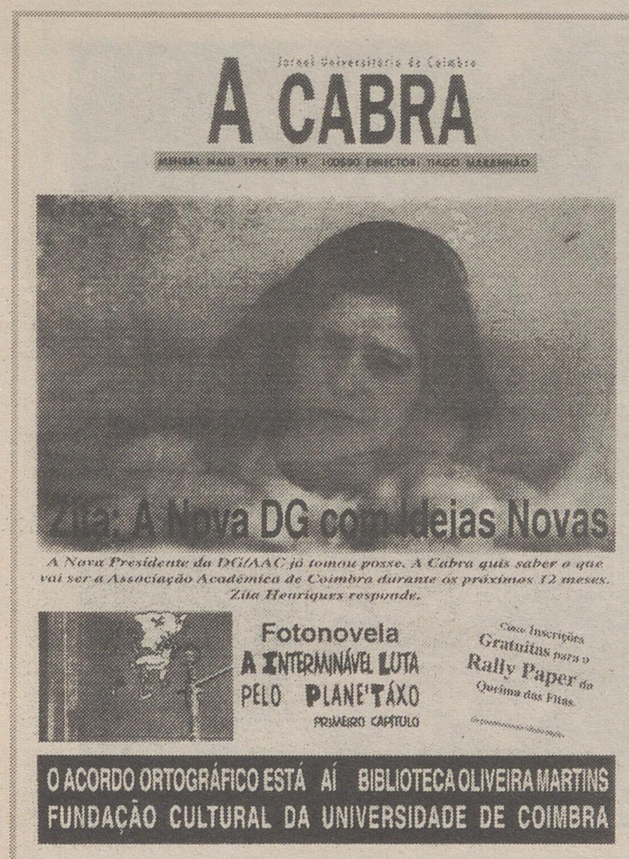
A Fundação das Universidades Portuguesas realizava em Coimbra uma conferência sobre a avaliação das universidades.

n.º 17 , Fevereiro . 1995



A CABRA apresentava uma sondagem realizada tendo em conta as eleições para a DG/AAC. Zita Henriques e Nuno Freitas protagonizavam uma luta renhida pela sucessão de Tiago Magalhães. A Rádio Universidade de Coimbra voltava à sua programação regular.

n.º 18 , Março . 1995


Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

MENSAL MAIO 1995 Nº 19 100$00 DIRECTOR: TIAGO MARANHÃO

Zita: A Nova DG com Ideias Novas

A Nova Presidente da DG/AAC já tomou posse. A Cabra quis saber o que vai ser a Associação Académica de Coimbra durante os próximos 12 meses. Zita Henriques responde.

Fotonovela

A INTERMINÁVEL LUTA PELO PLANE'TÁXO

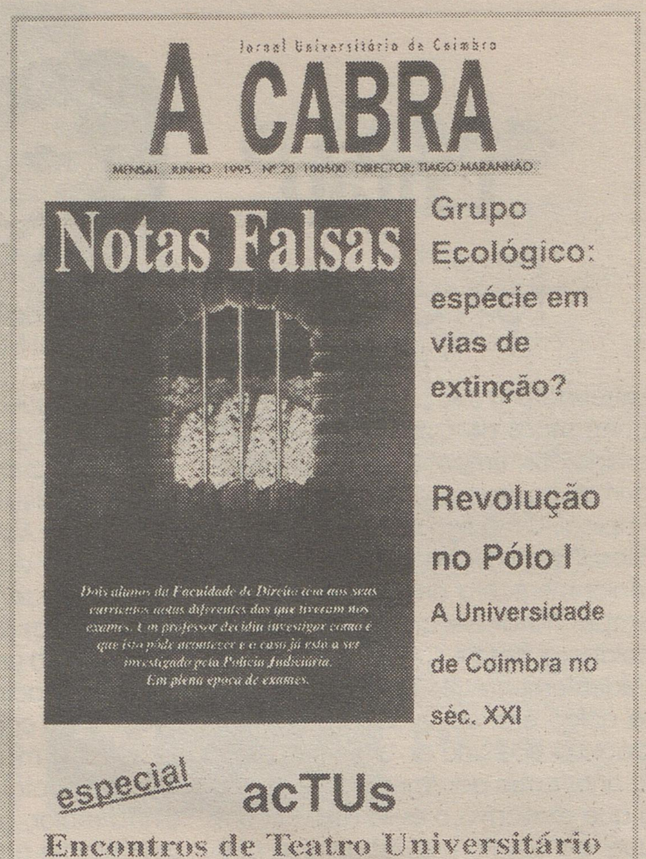
PRIMEIRO CAPÍTULO

Cinco Inscrições Gratuitas para o Rally Paper da Queima das Fitas.

O ACORDO ORTOGRÁFICO ESTÁ AÍ BIBLIOTECA OLIVEIRA MARTINS FUNDAÇÃO CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A recém–eleita presidente da DG/AAC, Zita Henriques, perspectivava em entrevista os desafios de um mandato que se preparava a iniciar. A Queima das Fitas chegava uma vez mais a Coimbra.

n.º 19 , Maio . 1995


Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

MENSAL JUNHO 1995 Nº 20 100$00 DIRECTOR: TIAGO MARANHÃO

Notas Falsas

Dois alunos da Faculdade de Direito iam aos seus currículos notas diferentes das que tiveram nos exames. Um professor decidiu investigar como é que isso pôde acontecer e o caso já está a ser investigado pela Polícia Judiciária. Em plena época de exames.

Grupo Ecológico: espécie em vias de extinção?

Revolução no Pólo I

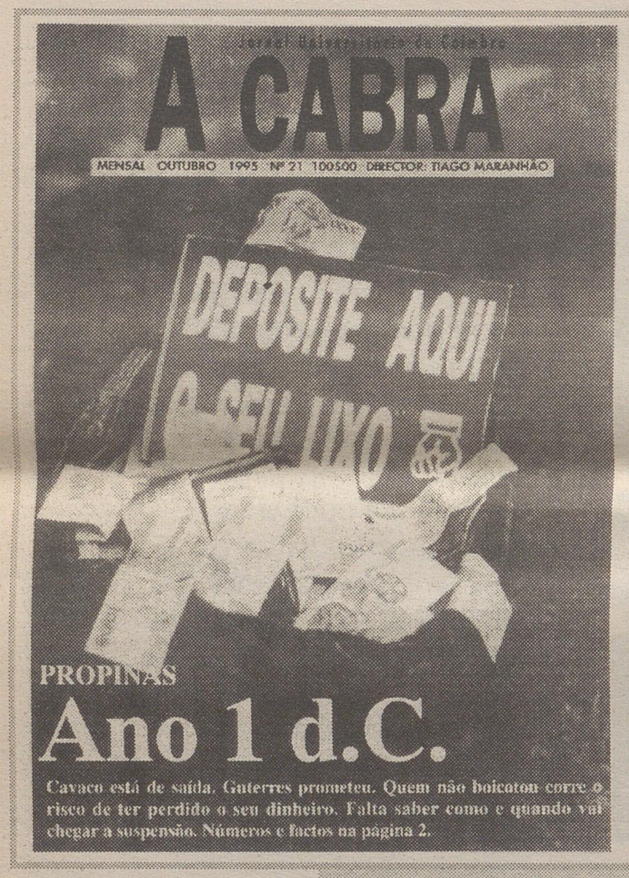
A Universidade de Coimbra no séc. XXI

especial acTUs

Encontros de Teatro Universitário

Era divulgada a estranha situação ocorrida na Faculdade de Direito, onde dois alunos tinham nos currículos notas diferentes das obtidas nos exames. Perspectivava–se a revolução no Pólo I da Universidade de Coimbra através de um programa de reutilização de espaços que estabelecia a redefinição do centro tradicional da UC.

n.º 20 . Junho . 1995


Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

MENSAL OUTUBRO 1995 Nº 21 100$00 DIRECTOR: TIAGO MARANHÃO

DEPOSITE AQUI O SEU LIXO

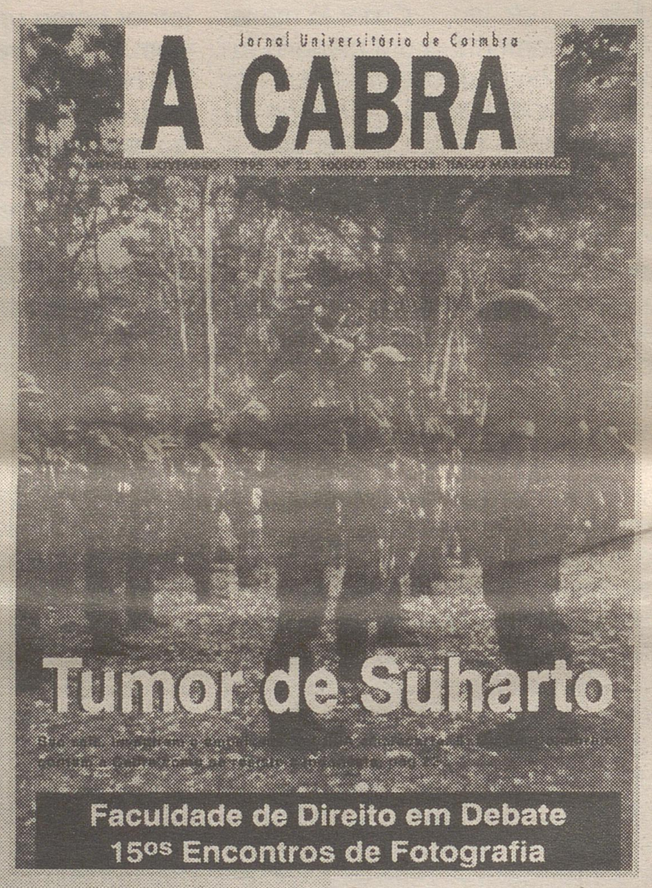
PROPINAS

Ano 1 d.C.

Cavaco está de saída. Guterres prometeu. Quem não boicotou corre o risco de ter perdido o seu dinheiro. Falta saber como e quando vai chegar a suspensão. Números e factos na página 2.

Com a tomada de posse do novo Governo, nascia a esperança no desaparecimento da Lei nº20 de 1992 que consagrava o regime de pagamento das propinas. Aproveitava–se para fazer o rescaldo das eleições legislativas.

n.º 21 , Outubro . 1995


Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

Tumor de Suharto

Faculdade de Direito em Debate

15os Encontros de Fotografia

A CABRA retomava, uma vez mais, a situação em Timor–Leste. A Faculdade de Direito era debatida. Eram apresentados os XV Encontros de Fotografia.

n.º 22 , Novembro . 1995


A CABRA

Sem Abrigo

Orgãos de Eleição

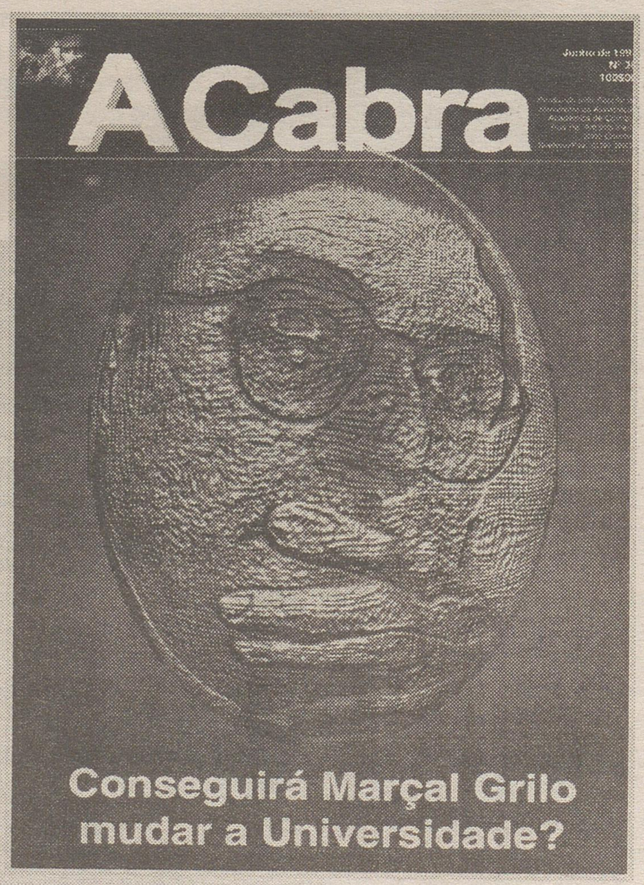
A Angustia da Avaliação

Século do Cinema

Imperium Imperium Imperium Imperium

O curso de Ciências do Desporto e Educação Física havia suspendido as aulas por falta de instalações e professores. Três anos depois da criação do curso o problema dos espaços não estava ainda resolvido, perspectivando–se como solução a criação de uma nova faculdade.

n.º 23 , Dezembro . 1995


A Cabra

Conseguirá Marçal Grilo mudar a Universidade?

A Lei do Financiamento era aprovada na Assembleia da República. Os "Madredeus" actuavam em Coimbra e Teresa Salgueiro concedia uma entrevista a A CABRA e os "Realejo" preparavam–se para editar o seu segundo álbum.

n.º 30 , Junho . 1997

Então foi assim



JOÃO L. QUEIRÓS

OPORTUNIDADE ÚNICA

Entre Fevereiro de 1996 e Abril de 1997 tive o privilégio de ser o director da equipa que fazia A CABRA. Tínhamos herdado uma situação bastante positiva, pois, no ano anterior, um grupo liderado por Tiago Maranhão, Carlos Loureiro e Carlos Picassinos tinha levado a cabo, com grande sucesso, o que eu apelidaria de trabalho de recuperação do jornal e, por arrasto, da própria Secção.

Assim, com uma situação financeira razoável, novo equipamento e uma equipa formada, pudemos apostar na qualidade e no rigor do trabalho desenvolvido no jornal. Adoptámos um grafismo coerente entre as várias páginas e entre os diferentes números do jornal, procurando criar uma imagem de marca. Tivemos oportunidade de introduzir a cor. Estimulámos a opinião, dando oportunidade aos colaboradores e aos leitores do jornal de expressarem os seus pontos de vista sobre os assuntos da Académica. No mesmo sentido, tivemos colunistas fixos como Tiago Magalhães e Nuno Freitas. Por outro lado, exigimos -tarefa difícil entre jornalistas voluntários... - que a opinião fosse expurgada das notícias propriamente ditas, procurando que o princípio de isenção fosse respeitado. Na procura da coerência, tentando que o jornal fosse um todo comum e não a simples soma de diferentes partes, adoptámos um livro de estilos (manda a verdade dizer que era, basicamente, o livro de estilos do jornal "Público"...).

Os jornais eram propositadamente extensos (28 a 36 páginas), abarcando os mais diferentes temas, desde a política académica a assuntos de astronomia. A ideia base era que o leitor–tipo não tinha, necessariamente, que estar interessado em tudo o que vinha no jornal, mas o jornal devia ter motivos de interesse para o maior número de estudantes. À escala da Académica, pretendia ser um jornal generalista.

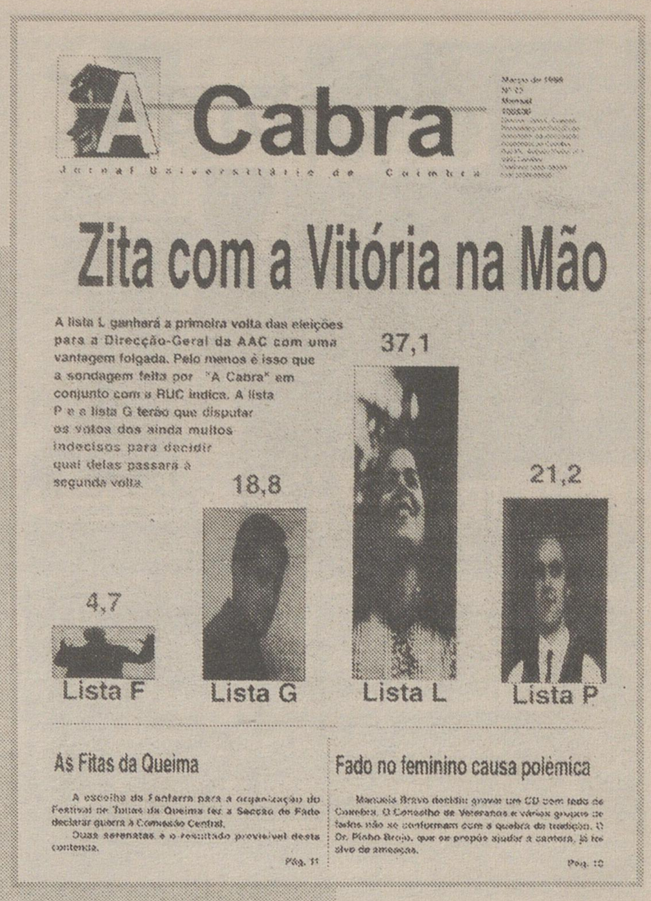
E era, sobretudo, um jornal de e para estudantes; não era, nem pretendia ser um jornal da cidade de Coimbra ou um jornal académico. Entre esses estudantes, esforçámo–nos por dar voz, e pena, às comunidades minoritárias, como a africana ou a timorense.

Fazendo hoje um balanço, relendo, com a distância necessária, os seis números que produzimos, posso afirmar, sem falsas modéstias, que a aposta que fizemos foi ganha. O nível de qualidade dos jornais, dentro das circunstâncias, é bom, o grafismo e o estilo são coerentes, a construção é rigorosa, compreende–se que havia uma ideia e uma política subjacentes.

A minha contribuição para esse resultado, no entanto, é modesta: à partida, metade do jornal não era dirigido por mim. Depois de duras negociações sobre o número de páginas a que tinha direito, toda a parte de cultura era dirigida, com total autonomia e grande mestria e capacidade, pelo André de Brito Correia. Além disso, tive a sorte de estar no jornal ao mesmo tempo que outras pessoas com muito mais jeito para o jornalismo, para o grafismo ou para a organização da Secção do que eu, como por exemplo, para além das já citadas, a Ana Drago, o António Lérias, o Fernando Nunes, o Justino Strecht, a Nádia Esteves, o Nuno Curado, o Paulo Antunes, o Paulo Barbosa, o Ricardo Rocha Diniz, a Rosário Salvado, etc...

Quando hoje folheio os jornais, os que dirigi e aqueles nos quais colaborei, e quando releio os textos que escrevi ou vi escrever, é como se estivesse a olhar para fotografias, não do corpo, mas sim da alma, dos tempos que vivi em Coimbra. Tive a oportunidade de, escrevendo, escrever–me. E isso, só a imprensa o permite. Para aqueles que hoje, na Académica, hesitam se devem ou não participar em A CABRA digo: não percam a oportunidade.

A CABRA divulgava uma sondagem respeitante às eleições para a DG/AAC segundo a qual a Lista L de Zita Henriques seria eleita com uma considerável vantagem sobre as demais concorrentes. Manuela Bravo decidira gravar um CD com fado de Coimbra. O Conselho de Veteranos e vários grupos de fados não se conformaram com a quebra da decisão.



A Cabra

Jornal Universitário de Coimbra

Março de 1996 · Nº 24 · Mensal · 100$00

Zita com a Vitória na Mão

A lista L ganhará a primeira volta das eleições para a Direcção-Geral da AAC com uma vantagem folgada. Pelo menos é isso que a sondagem feita por "A Cabra" em conjunto com a RUC indica. A lista P e a lista G terão que disputar os votos dos ainda muitos indecisos para decidir qual delas passará à segunda volta.

37,1 Lista L

18,8 Lista G

21,2 Lista P

4,7 Lista F

As Fitas da Queima

A escolha da Fanfarra para a organização do Festival de Fitas da Queima fez a Secção de Fado declarar guerra à Comissão Central.

Duas serenatas e o resultado previsível desta contenda.

Pág. 11

Fado no feminino causa polémica

Manuela Bravo decidiu gravar um CD com fado de Coimbra. O Conselho de Veteranos e vários grupos de fados não se conformam com a quebra da decisão. O Dr. Pinho Brojo, que se propôs ajudar a cantora, já recebeu ameaças.

Pág. 10

n.º 24 , Março . 1996



A Cabra

Jornal Universitário de Coimbra

30 de Abril de 1996 · Nº 25 · Mensal · 100$00

Queima em Força

Neste Número

Cheio Inscrições Grátis para a Rally Paper da Queima das Fitas

Descobre como ganhar 50 Paper 7

Propinas de Volta

O Ministro da Educação pronunciou a Assembleia da República uma proposta de lei de Financiamento do Ensino Superior até Junho. Depois do recente "secretês" de Capucide foram-se as respostas propostas. Associações de Estudantes preparam-se para a luta.

Letras Revoltas

A Faculdade de Letras esteve particularmente activa nos últimos dias. Por um lado, a RGA dos estagiários, cansados de "anos-concertos". Por outro, o primeiro Encontro Nacional de Estudantes de Humanidades. Soluções pretendem-se.

II acTUs

Terminado o segundo acto destes encontros, A Cabra foi falar com todos os responsáveis que por cá passaram durante vários dias. O II acTUs revisitado.

Com mais uma Queima das Fitas à porta, as Associações de Estudantes preparavam–se uma vez mais para a luta depois do Ministro da Educação ter prometido à Assembleia da República a apresentação de uma lei de financiamento do Ensino Superior. O espectro das propinas regressava uma vez mais.

n.º 25 , 30 de Abril . 1996



A Cabra

Jornal Universitário de Coimbra

22 de Outubro de 1996 · Nº 26 · Mensal · 100$00

Zita Henriques ataca Ministro na Abertura das Aulas

Guerra Aberta?

Finalmente Estatutos

Ao fim de três anos de discussão, polémica e fraudes, saiu fumo branco da Assembleia de Revisão. A AAC tem novos Estatutos.

BSE ataca Universitários

A nova Lei de Bases do Sistema Educativo põe em causa direitos adquiridos de estudantes universitários. Com os politécnicos do outro lado da barricada, a luta promete aquecer.

Queima Connection

O Dux Veteranorum e o Secretário-geral da Queima das Fitas requereram o registo da propriedade dos nomes "Queima das Fitas" e "Queima das Fitas de Coimbra" em nome individual. Trata-se de um procedimento legal que os torna detentores de todos os direitos sobre esses "marcas". A Direcção-Geral da AAC não gostou e recorreu aos tribunais.

A polémica segue dentro de momentos..

Zita Henriques "partia a loiça" na abertura solene das aulas, acusando Marçal Grilo de esquecer a "paixão". A Queima das Fitas dava que falar pois o então Dux Veteranorum e o Secretário Geral tinham requerido em nome pessoal o registo de propriedade das marcas "Queima das Fitas". Depois de três anos de discussão e polémica os estatutos da AAC eram finalmente aprovados.

n.º 26 , 22 de Outubro . 1996


A Cabra

Festa das Latas

Coimbra recebe os seus caloiros. Nesta edição tens o programa das festividades

Podes também ganhar um Bilhete-Geral da Latada. Descobre como és

José Mário Branco

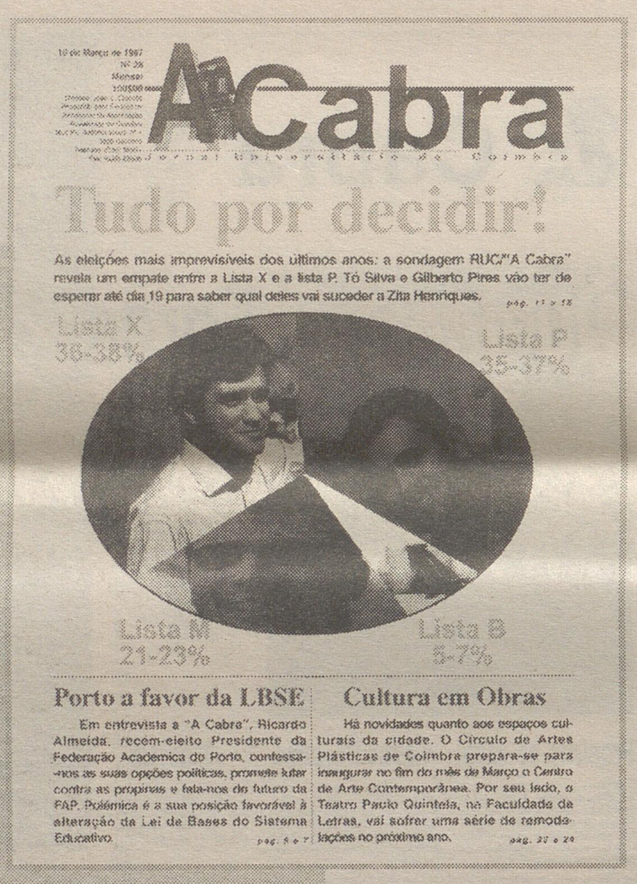
Trancas à Por

Encontros de Fotografia

Não são apenas grandes fotografias de grandes fotógrafos. São os 16ºs Encontros de Fotografia de Coimbra. A rara oportunidade de nos esquecermos que estamos na província. Dezasseis exposições indispensáveis para quem tem bom gosto.

n.º 27 , Novembro . 1996

A proposta de alteração da Lei de Bases do Sistema Educativo apresentada por Marçal Grilo voltava a fazer despertar uma guerra contra o Ministério da Educação. A Direcção Geral convocava, em Assembleia Magna, uma Greve Geral.
Coimbra recebia os seus caloiros com mais uma Festa das Latas e começavam os XVI Encontros de Fotografia de Coimbra.


A Cabra

Tudo por decidir!

As eleições mais imprevisíveis dos últimos anos: a sondagem RUC/"A Cabra" revela um empate entre a Lista X e a lista P. Té Silva e Gilberto Pires vão ter de esperar até dia 19 para saber qual deles vai suceder a Zita Henriques.

Lista X 36-38%

Lista P 35-37%

Lista M 21-23%

Lista B 5-7%

Porto a favor da LBSE

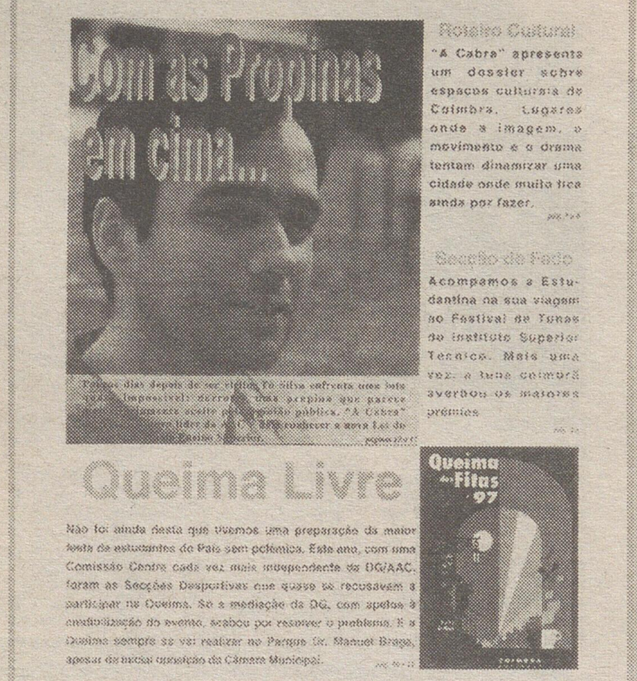
Em entrevista a "A Cabra", Ricardo Almeida, recém-eleito Presidente da Federação Academica do Porto, confessa-nos as suas opções políticas, promete luta contra as propinas e fala-nos do futuro da FAP. Polémica é a sua posição favorável à alteração da Lei de Bases do Sistema Educativo.

Cultura em Obras

Há novidades quanto aos espaços culturais da cidade. O Circulo de Artes Plásticas de Coimbra prepara-se para inaugurar no fim do mês de Março o Centro de Arte Contemporânea. Por seu lado, o Teatro Paulo Quintela, na Faculdade de Letras, vai sofrer uma série de remodelações no próximo ano.

Depois de dois anos de "Zitismo", disputava-se a sua sucessão e A CABRA publicava uma sondagem em que duas das listas concorrentes ficavam empatadas, a lista P de Gilberto Pires e a lista X de António Silva. O debate entre os candidatos foi emitido pela TV AAC para as cantinas, D. Dinis, Mini-Auditório e Bar da AAC.

n.º 28 . 10 de Março . 1997


A Cabra

Com as Propinas em cima...

Roteiro Cultural

"A Cabra" apresenta um dossier sobre espaços culturais de Coimbra. Lugares onde a imagem, o movimento e o drama tentam dinamizar uma cidade onde muito tem ainda por fazer.

Secção de Fado

Acompanhámos a Estudantina na sua viagem ao Festival de Tunas do Instituto Superior Tecnico. Mais uma vez, a tuna coimbrã averbou os maiores prémios

Queima Livre

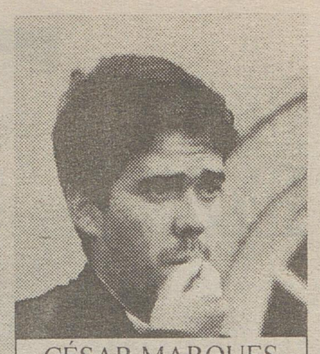
Não foi ainda desta que vivemos uma preparação da maior festa de estudantes do País sem polémica. Este ano, com uma Comissão Centro cada vez mais independente da DG/AAC, foram as Secções Desportivas que quase se recusavam a participar na Queima. Só a mediação da DG, com apoios à dinamização do evento, acabou por resolver o problema. E a Queima sempre se vai realizar no Parque Dr. Manuel Braga, apesar da nossa oposição da Câmara Municipal.

Queima das Fitas '97

António Silva toma posse e promete boicotar as propinas. As secções desportivas ameaçavam boicotar a Queima das Fitas se não fosse aumentado o orçamento. A CABRA apresentava um dossier sobre os espaços culturais em Coimbra.

n.º 29 , 18 de Abril . 1997

Então foi assim


CÉSAR MARQUES

Coube-me dirigir "A Cabra" no período compreendido entre Outubro de 1997 e Setembro de 1998.
A direcção da Secção de Jornalismo que sustentava a minha direcção do jornal era o resultado da "fusão" de duas perspectivas diferentes do que deveria ser o futuro da actividade da Secção: uns, nomeadamente os mais "antigos" como o Tiago Maranhão e o Rui Justiniano, defendiam (compreensivelmente, diga-se, dado o descrédito que a falta de periodicidade trazia então ao jornal entre a comunidade estudantil) o fim do jornal e a aposta num projecto editorial de características bem diferentes, sob o formato de revista, enquanto que outros, entre os quais me contava eu, o Eduardo Brito e o Adeodato Pinto, defendiam a continuação d' "A Cabra", embora em moldes diferentes.
Conseguiu chegar-se a uma posição de consenso que consistia basicamente no empenho de todos em prol da continuação da publicação do jornal, não se esquecendo o outro projecto, que ficaria para um momento posterior, em que as condições financeiras e de capital humano da secção permitissem então avançar para algo de mais ambicioso.
No que mais directamente ao jornal diz respeito, a situação não era "famosa": poucos números tinham sido publicados nos últimos tempos, havia três números por pagar à gráfica, publicidade era quase impossível de arranjar (quem investiria num jornal naquele estado?...) e tirando os membros da direcção da secção poucos eram os que por lá ainda passavam para colaborar.
Era urgente, pois, elaborar um plano de acção que se não ficasse pela gestão "número a número". Empenhada toda a direcção no projecto, definiram-se objectivos: a curto prazo, atrair colaboradores que estivessem dispostos a "suar a camisola" e promover uma difusão "em massa" do jornal entre todos os estudantes, especialmente aqueles que nunca passavam pelo edifício da AAC, junto dos quais "A Cabra" podia ter um papel primordial; a médio prazo, a edição de dez números em doze meses (um por mês, excepto no Verão em que se publicaria um número especial de Julho/Agosto/Setembro, coisa nunca antes conseguida); a longo prazo, conseguir que entre as direcções que se sucedessem houvesse gente capaz de assegurar a continuidade do trabalho, sempre em crescendo de qualidade, pois normalmente quem se envolvia nas direcções frequentava os últimos anos do curso, o que levava a uma "quebra" aquando da sua saída.
Isto definido, procedeu-se à "decantação" do bom que havia das direcções anteriores: o curso de Jornalismo já anteriormente organizado, a manutenção do formato e das páginas a cores e a manutenção da gráfica que de há um ano a essa parte assegurava a impressão.
Das novas medidas adoptadas, uma se destacou: a gratuitidade do jornal, amplamente discutida e longe de ser consensual, acabou por se revelar uma medida extremamente positiva na aproximação do jornal aos estudantes e na credibilização do trabalho dos que nele colaboravam.
Dos jornais que dirigi houve vários que me deram um especial prazer e, se me for pedido para escolher um, será com certeza o número que noticiava a eleição do novo Reitor, pois tendo sido os resultados anunciados às oito da noite, às seis da manhã do dia seguinte (à custa de uma "maratona" e de uma noite sem dormir...) já "A Cabra" estava em todos os locais de distribuição, surpreendendo até a imprensa local coimbrã!
Os objectivos de curto e médio prazo foram alcançados e, agora que estão passados quase dois anos e meio, "A Cabra" aí está a provar que os de longo prazo também o têm vindo a ser.
Obviamente que houve edições que não saíram como poderíamos desejar e nunca podíamos dizer que aquela que tínhamos entre mãos estava perfeita, mas a continuação do jornal (e agora também na net!...) é motivo de alegria suficiente.



A Associação Académica de Coimbra festejava os seus 110 anos. Uma estranha "epidemia" de tosse fez salientar a incomodidade gerada pelo facto do então Ministro de Educação, Marçal Grilo, ter tomado a palavra na Abertura solene das aulas. Coisa nunca vista.

n.º 31 , Novembro . 1997



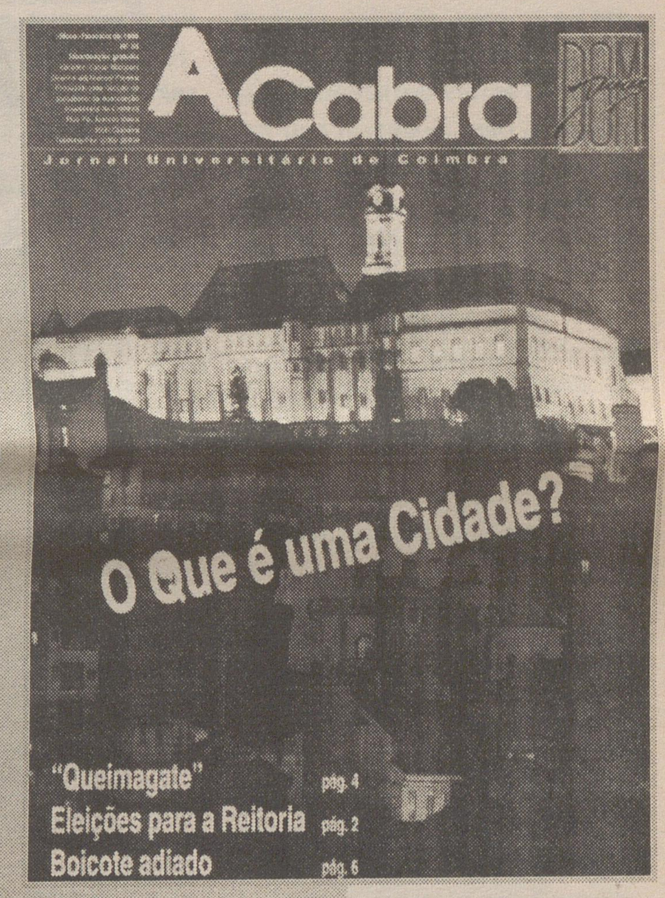
A CABRA descobre que o cartaz das comemorações dos 110 anos da AAC havia sido manipulado. António Silva é reeleito depois de 5 meses de mandato. Os alunos de Letras estão em luta contra a criação de um ano de cadeiras psicopedagógicas, ficando assim o curso com 4+2 anos. Os Encontros de Fotografia trazem "Europa" a Coimbra.

n.º 32 . Dezembro . 1997



A contestação às propinas é analisada a fundo: num inquérito à população de Coimbra, não ligada à Universidade, revelava-se que estas, apesar de gravitarem em volta da UC, desconheciam maioritariamente as razões da contestação académica.

n.º 33 , Janeiro . 1998



Desapareciam 14 mil contos da Queima das Fitas que supostamente seriam destinados a um saco azul, criado para fugir ao fisco. A baixinha era visitada e nela se descobria um mundo à parte da cidade de Coimbra: "Ao fim da tarde, todos, desde o Sr. Doutor até ao trolha, vêm beber um copo à tasquinha".

n.º 34 , Fevereiro . 1998



A CABRA dava a conhecer os quatro candidatos a Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra: Fernando Rebelo, Carlos Sá Furtado, Lélio Lobo e Luis Reis Torgal. Marçal Grilo pressiona o Senado da UC para que regulamentasse as sanções aos estudantes que boicotassem o pagamento das propinas.

n.º 35 , Março . 1998



O alfabeto do teatro em Coimbra dava-nos a conhecer os principais protagonistas da cena teatral e analisava a sua produção e as suas muitas dificuldades. Cerca de 10 mil estudantes do Ensino Superior Público manifestam-se à frente da Assembleia da República.

n.º 36 , Abril . 1998



Tudo Sobre a Queima
Especial "SIDA em Coimbra"

n.º 37 , Maio . 1998

A CABRA foi diário, deu a notícia da eleição de Fernando Rebelo como novo Reitor da Universidade de Coimbra no dia seguinte à contagem dos votos. Depois de 16 anos de mandato Rui de Alarcão deixa o "leme" da Universidade de Coimbra.



n.º 38 . Junho . 1998

Os serviços médico-universitários eram remodelados para melhor "curar" os estudantes. Os estudantes de Direito *continuavam a sua longa e sinuosa luta pela retirada dos currículos dos exames orais.*

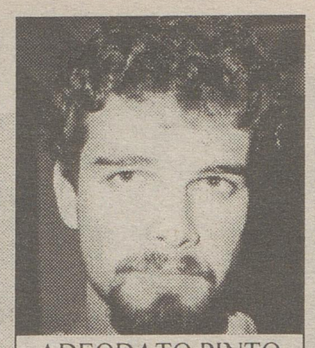


Os Festivais do Verão
O Boicote Continua

A FCTUC organizava as "Fronteiras da ciência" para comemorar os seus 25 anos de existência. Fernando Rebelo tomava posse acentuando certos factos que o chocaram durante a campanha eleitoral e que considerava como "atropelos às mais elementares regras da democracia". O TEUC homenageava Federico Garcia Lorca.

n.º 39 , Julho. Agosto. Setembro . 1998

Então foi assim



ADEODATO PINTO

Escrever sobre o tempo em que tive o prazer de ser, conjuntamente com o Fernando Nunes, o director de A CABRA é talvez um dos textos mais difíceis que já me foi incumbido de fazer. Não é como numa notícia, relatar factos sem mais, tentando isentar o texto de qualquer opinião. Recordar aqueles tempos é juntar muitas emoções, pensar numa das melhores experiências que tive nos meus cinco anos de vida académica.

Quando me tornei director, A CABRA tinha recuperado junto da comunidade universitária uma ideia de presença contínua na vida académica graças à aposta do César Marques na periodicidade mensal do jornal, religiosamente cumprida. O objectivo que me propus era produzir ainda mais, mais edições com um número ainda maior de páginas. As 11 edições e alguns números com 20 páginas provam que a meta foi atingida. Com as áreas da política educativa e académica e a cultura bem divididas entre mim e o Fernando Nunes, o jornal ganhou uma maior abrangência do público universitário. Recuperei para o Jornal temas de interesse nacional noticiados na perspectiva da comunidade universitária como a Regionalização e o seu referendo e chamámos a atenção para Timor muito antes do despertar dos média nacionais aquando dos dramáticos acontecimentos de Setembro de 99. Sou obrigado a reconhecer que em termos gráficos as diferentes apostas feitas e alguns arrojos a que nos dispusemos descaracterizaram um bocado a imagem regular que se tinha de A CABRA mas penso ter contribuído para a edificação de uma imagem que pelo menos a nível local não tem ainda comparação.

Mas escrever sobre os nove meses em que fui director, de Outubro de 98 a Junho de 99, é passar além dos 11 jornais produzidos, é falar sobre a equipa que os produziu, sobre um grupo de pessoas que emprestou da forma mais voluntariosa possível um esforço por vezes não recompensado exteriormente, é falar sobre as amizades que se construiram, é acima de tudo falar de "uma certa maneira de estar" que penso ser apanágio das pessoas que constroem a Associação Académica e muito em especial a Secção de Jornalismo. Dirigir o Jornal Universitário é muito mais que fazer um somatório de notícias e fotografias, é mais do que escrever e corrigir textos, é gerir as contradições entre o amadorismo voluntarioso da sua redacção e os objectivos o mais profissionais possíveis que se tem de ter. Nesta parte muito pessoal da minha experiência enquanto director de A CABRA há alguns nomes que não posso deixar de referir por terem estado comigo do primeiro ao último minuto: ao Sérgio Alves, ao Bruno Ferreira, ao Eduardo Brito e ao João Melo Alvim um agradecimento muito especial.

Numa altura em que o Ensino Superior vive um período de total descaracterização, contribuindo muito pouco para a formação cívica que tanto falta à Sociedade portuguesa, e tornando a aprendizagem uma metáfora onde as pessoas e o saber se misturam num processo que me faz lembrar a produção de sardinhas em lata de fraca qualidade, A CABRA representa para mim um foco de resistência a essa tendência. A vontade de produzir, de edificar um trabalho, de oferecê-lo gratuitamente pelo mero reconhecimento da comunidade em que se integra; a vontade de fugir a uma letargia dominante que invade cada vez mais as paredes da Alta Coimbrã, fazem-me olhar o Jornal Universitário de Coimbra e as pessoas que o produzem, do director à pessoa que apenas participou uma vez, de uma forma que não pode deixar de ser de admiração. E saber que fui apenas mais um dos muitos que participaram e dos que participam faz-me crer convictamente que este é um produto jornalístico com muito maior futuro do que muitos produtos profissionais da praça portuguesa.

Longa vida a "A CABRA"!

ser combatidas militarmente"

de se justificar a existência da NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte)?

A NATO viu a sua criação justificada com a aliança de países ideologicamente afins por contraste com o bloco soviético e, não por acaso, no ano seguinte nasceu o Pacto de Varsóvia para fazer, digamos, a simetria. Neste momento o que acontece é que a ameaça de leste deixou de ser real do ponto de vista militar, a não ser no exacto sentido em que pode haver um descontrole. O "botão" pode ser carregado por engano ou por má vontade, ou por loucura.

O que está em causa é uma tendência contraditória que passa pelo seguinte: por um lado é verdade que na falta de um inimigo do lado de leste a NATO arroga hoje poderes que extravasam em muito aquilo que eram os seus poderes iniciais, consagrados no tratado de Washington; por outro lado a NATO é claramente uma organização que, antes mesmo do episódio do Kosovo, decidiu alterar o seu conceito estratégico que lhe permite hoje intervir em zonas que não têm nada a ver com o seu teatro inicial de operações. E tudo isto é em grande parte resultado de uma hegemonia dos Estados Unidos nesta organização.

Essa tentativa poderá passar pela criação de um exército europeu?

Sinceramente, não sou daqueles que acredita que, para combater o unilateralismo norte–americano, a única alternativa é o unilateralismo europeu. Acredito que uma Europa forte é uma condição indispensável para evitar o unilateralismo de quem quer que seja, mas não creio que isso passe inevitavelmente pela constituição de um exército poderoso por parte da europa. Acredito que tem que haver uma entidade europeia de segurança e defesa, mas a questão não se joga nesse terreno. Neste momento interessa saber que ameaças reais é que existem no mundo contemporâneo e qual é a melhor maneira de as combater. Com isto, posso estar a cometer uma incursão em terrenos que são completamente anti–canônicos, mas como já estou habituado a ser acusado disso, não tenho qualquer problema em dizer que no nosso tempo as ameaças fundamentais para a segurança da Humanidade não são de uma natureza tal que possam ser militarmente combatida. As questões da degradação ambiental, da segurança humana, da segurança alimentar... A ameaça fundamental, que é a assimetria absolutamente gritante entre Norte e Sul do ponto de vista de riqueza e de oportunidades...

Quem deverá ser politicamente responsabilizado por toda esta questão do urânio empobrecido, o Estado português ou a NATO? Em que estado fica a NATO depois disto?

O que se passou nas iniciativas mais recentes da aliança atlântica está revestido de uma enorme gravidade. As últimas acções militares da NATO foram feitas com uma extraordinária leviandade e passarão por uma coisa tão sórdida quanto o emprego de uma substância que, ainda não sendo particularmente perigosa do ponto de vista de radioactividade, é todavia uma substância que quando inalada ou ingerida deixa marcas absolutamente fatais.



"As acções da NATO nos Balcãs foram levianas"

O que acontece concretamente é que os dados hoje em dia são mais do que suficientes para se acreditar que não estamos perante uma mera coincidência. Tudo parece fazer crer que estamos perante uma situação grave que passa por uma opacidade das decisões dos altos comandos da NATO. Esta situação vai inevitavelmente deixar marcas, porque o que se parece ter verificado é que há um emprego destes meios decidido por comandos dos países mais poderosos dentro da NATO, mas para o terreno foram nacionais de outros estados.

Acredita que o Estado português estava informado?

Não quero estar a fazer juízos de valor porque não estou minimamente inteirado do real conhecimento que o governo tinha, mas sabemos que os relatórios da NATO tinham efectivamente chegado e, mais grave ainda, o Presidente da República não tinha sido informado disso.

Frequentemente tem sido encarado o fundamentalismo islâmico como uma potencial ameaça ao mundo "ocidental", bem como uma eventual aliança estratégica da China, da Índia e da Rússia. Estas são ameaças reais?

Resta saber quem é que se sente ameaçado e porquê. No que diz respeito à questão do terrorismo islâmico, esse é um dos aspectos mais óbvios da satanização e diabolização de povos inteiros. Fenómenos de terrorismo não são especificamente uma identidade das pessoas que professam a religião islâmica. Há grupos que são adeptos de uma posição de violência e de terrorismo, basta olharmos para a vizinha Argélia para vermos que é assim, mas isso não pode de modo algum fazer que em nós se instale o espírito de que do outro lado do mediterrâneo o que existem são selvagens e terroristas.

A divisão balcânica

Nos balcãs, mais precisamente na Federação Jugoslava, em que quer o Montenegro quer o Kosovo desejam a independência, de que forma é que o novo presidente, Kostunica, um nacionalista moderado, poderá lidar com a situação?

Não sou muito dado a futurologias, e tenho alguma dificuldade em especular sobre o que vai ser o futuro daquela situação. Todavia, creio que há um dado de base objectivo e que é observável e que, para mim, é dos mais inquietantes. É que as soluções que foram encontradas pela comunidade internacional vieram ratificar no terreno, e depois também juridicamente, a política de limpeza étnica que estava a ser perpretada no terreno. Aquilo que se condenou foi aquilo que se veio a consagrar efectivamente no terreno. Aliás, a intervenção da NATO no Kosovo, para além de todas as tropelias, tem ainda um ponto negativo fundamental, que é o dos seus resultados. Nos primeiros momentos da tentativa de ir convencendo as opiniões públicas ocidentais da necessidade de uma intervenção por parte das forças da Aliança Atlântica, o argumento foi que se estava a perpretar uma política de limpeza étnica e que era necessário defender os direitos das várias comunidades. Ora, o que acontece hoje no terreno é que a NATO acaba por estar confrontada com a necessidade de proteger, já não os albaneses do Kosovo, mas sim os sérvios contra os albaneses do Kosovo. As minorias instaladas naquela província são objecto de perseguição e de segregação. Eu acho que aquilo que foi um desenho traçado no passado e que hoje está a ser posto em causa, está hoje mais vincado pela consagração daquilo que na prática é o contrário da retórica oficial de quem faz os discursos oficiais sobre esta matéria. Os discursos oficiais estão cheios de co–existência, de articulação entre as várias comunidades, mas no concreto o que está a acontecer é uma separação e um isolamento radical das várias comunidades étnicas naquele território, seja a Bósnia, seja o Kosovo, etc. E eu acho que isso é um alicerce de conflito permanente e não é, de modo algum, uma forma de solução.

O centro do mundo

O conflito no Médio Oriente que opõe palestinianos a israelitas parece não ter resolução aparente. Neste momento, tendo em conta o plano que foi avançado por Bill Clinton que acabou por falhar, por onde passa a sua resolução? Por questões internas da própria autoridade palestiniana e das eleições israelitas ou por outro tipo de questões?

Por essas seguramente. Isto é, os dois actores que estão ainda no terreno, por enquanto, estão na expectativa de mudanças da constelação de forças que apoiam cada um deles. Desse ponto de vista, creio que essa circunstância de estarmos perante uma fraqueza da coligação governal israelita e perante uma fraqueza enorme da presidência norte–americana enquanto actor interveniente no terreno, ajuda a explicar uma grande relutância por parte de qualquer dos dois litigantes em aceitar o plano de paz. Mas existe uma situação que dá que pensar: temos por um lado um terceiro que é o terceiro que patrocina uma determinada solução, mas esse terceiro é o aliado preferencial, e já o demonstrou várias vezes, de um dos litigantes, não deixando por nada que esse litigante seja beliscado nas suas questões essenciais. Julgo que esta situação também é uma condição de falhanço persistente.

Passando agora àquele que é o principal protagonista internacioanal do mundo em que vivemos, e tendo em conta a situação de certo modo caricata que se viveu em todo este processo eleitoral, como é que George W.Bush vai ficar visto na comunidade internacional ao iniciar o seu mandato?

A minha primeira tendência, quase epidermica, é de dizer que um presidente que diz que os habitantes do Kosovo são os kosovários, revela uma atitude perante o exterior aos Estados Unidos da América (EUA) que me parece ser de facto inquietante. Mas devemos separar as duas coisas. Uma potência como os Estados Unidos não está dependente, do ponto de vista das suas ambições, das suas iniciativas geo–estratégicas, da inteligência, da informação ou do conhecimento histórico ou literário do seu presidente.

Vamos ter uns EUA mais virados para a antiga tradição isolacionista?

Seguramente. Eu creio que não será um isolacionismo total mas há efectivamente, e pela tradição do comportamento nos últimos anos dos republicanos no congresso, o medo de que esta administração traga alguns dissabores no que diz respeito à necessidade de resolução de alguns problemas e na mobilização dos próprios EUA para algumas questões de significativa importância.

Entrevista realizada por Bruno Ferreira, Leonor Tato e José Carlos Santos no programa "Entre Vistas Largas" da RUC.

O debate cultural para uma cidade moderna

Aculturar Coimbra

Vários convidados irão marcar presença num encontro organizado pela Pro–Urbe para discutir como e quem produz cultura na cidade dos estudantes

Fazer uma radiografia das actividades culturais de Coimbra é a proposta do debate organizado pelo Grupo de "Cultura e Turismo" da Pro–Urbe - Associação Cívica. Segundo o texto introdutório do relatório a que A CABRA teve acesso, esta iniciativa constitui "uma jornada de reflexão sobre os grandes dilemas e desafios que se colocam hoje à velha cidade medieval". Nos dias 19 e 20 de Janeiro, os conimbricenses vão poder participar nesta iniciativa que terá lugar no Auditório do Instituto Português da Juventude.

João Gouveia Monteiro, coordenador do grupo de trabalho responsável por este encontro avança algumas ideias sobre aquilo que espera desta iniciativa. Em primeiro lugar "confrontar os actores culturais e as instituições" num debate saudável. Em segundo, este coordenador conta com as intervenções dos convidados para poder corrigir "alguns excessos ou defeitos" que o relatório de mais de duzentas páginas apresentou. Relatório que teve dois objectivos principais: diagnosticar a situação actual da cultura em Coimbra e apresentar um conjunto de propostas concretas para o futura da cidade.

O coordenador do grupo responsável por esta iniciativa confirmou, no entanto, a falta de espaços adequados para o desenrolar de activadades em grande escala. Referiu como exemplo a inexistência de um Teatro Municipal ou de uma sala polivalente. Mas acredita na capacidade potencial dos produtores culturais existentes, comentando supreendido "o seu ritmo de produção muito alto" e enumerando como principal entrave para a eficiente interacção entre as instituições a ausência de "um espaço de coordenação".



O Teatro Sousa Bastos, outrora espaço cultural da cidade de Coimbra

As várias vertentes da cultura foram contempladas neste trabalho de grande extensão: o cinema, o teatro, a música, a dança, a criação literária, entre outras abordagens. Do mesmo modo, várias instituições foram sondadas sobre as suas actividades, necessidades e expectativas neste projecto. Da equipa fundadora deste grupo ressaltam professores universitários, estudantes e assistentes do Ensino Superior e profissionais ligados ao sector cultural da sociedade.

No que toca à Associação Académica de Coimbra, o grupo de trabalho considera-o como "um centro de vivência associativa e cultural da maior importância para a cidade de Coimbra". Na opinião de João Gouveia Monteiro, esta associação tem um papel fundamental na medida em que encerra uma grande variedade de actividades não só culturais mas também desportivas.

Voltando ao encontro que irá ter lugar para a semana, a organização prevê a realização de três sessões com a duração média de três horas cada. A primeira abordará o tema das "Infraestruturas Culturais". Na segunda sessão, que terá início às 10h30 do dia 20, será debatido a questão da "Programação - estratégias, prioridades e apoios" e, por fim, o debate que terá lugar às 16h00, subordinado à problematização dos "Pontos Fracos, Pontos Fortes - Um Caminho para Coimbra".

No leque dos convidados afiguram–se personalidades como: Miguel Lobo Antunes, do Centro Cultural de Belém; José Luís Ferreira do Porto 2001 e Eduardo Prado Coelho da Universidade Nova de Lisboa, entre outras figuras destacadas locais e nacionais.

A busca de uma cidade mais moderna e dinâmica é a meta que se vislumbra quando em finais de finais de 2001, esta associação levar a cabo um congresso subordinado ao título "Pela Cidade, Uma Carta Constitcional para a Cidade". Para tal e depois deste encontro que se avizinha, o grupo de trabalho incumbido de analisar esta "questão coimbrã" irá reavaliar as suas conclusões temporárias. Assim, espera–se traçar um rumo para a cidade de Coimbra em que esta associação desempenhará o papel de bússula.

Helder S. Dantas

ENDA define estratégias

Reunião das "académicas" em Oeiras

No fim–de–semana de 6 e 7 de Janeiro teve lugar mais um Encontro Nacional de Dirigentes Associativos (ENDA), desta vez em Oeiras, reunindo à mesma mesa cerca de 100 associações de estudantes do país.

Nas palavras de Humberto Martins, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), "este ENDA começou, desde logo, por trazer algo que não existiu em reuniões anteriores: vontade de trabalhar e acuação concreta". A aparente concertação de estratégias, começou por se efectivar, de acordo com Humberto Martins, na aprovação por maioria alargada da moção apresentada pela AAC. O documento em questão apresentava, de uma forma geral, um retrato do panorama do ensino superior em Portugal, estabelecendo simultaneamente uma estratégia baseada num conjunto de acções a desenvolver. Segundo o presidente da DG/AAC, "continua a haver uma desresponsabilização por parte do Ministério da Educação que continua a ignorar e a esquivar–se à discussão dos problemas que atingem o ensino superior em Portugal, refugiando–se atrás de uma discussão meramente protocolar, apresentando uma manifesta falta de estratégia global para atingir a tão propalada e tão necessária qualidade de ensino".

Daqui resulta, precisamente, a decisão de dar inicio a um conjunto de actividades e propostas concertadas que, no entender das associações académicas, se consubstanciem de forma prática numa intenção de mostrar o desagrado geral sobre o actual estado do ensino superior.

Na reunião em questão, foi ainda programada uma jornada de luta agendada para o mês de Março. No entanto, nas palavras de Humberto Martins, "esta não é uma denúncia calendarizada já que se trata de um problema actual e real, sendo certo que a contestação manter–se-á até que o estado das coisas seja alterado". As "académicas" definiram ainda o agendamento de uma série de reuniões a manter com diversas entidades representativas do ensino superior em Portugal (Conselho de Reitores, Associação Portuguesa do Ensino Superior Privado, entre outras).

No diz respeito a uma possível manifestação nacional a agendar para Março, Humberto Martins desvaloriza a questão: "Não estamos a falar necesariamente de um manifestação, e daí se falar não num fechar de calendário, mas num abrir um calendário à discussão, cabendo a cada estudante, cada departamento, cada faculdade e cada universidade decidir quais os níveis dessa contestação".

Sérgio Alves

Obra adaptada de Saint–Exupéry em visita real a Coimbra

O sonho do Principezinho

A simplicidade de uma obra literária já tida como pérola da literatura universal adaptada ao palco. Em estreia este mês na cidade de Coimbra.

Em finais deste mês, estreia nacionalmente a adaptação dramatúrgica de uma das obras mais traduzidas da literatura mundial. "O Principezinho" de Antoine de Saint–Exupéry é alvo de uma produção conjunta do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) e da Cooperativa Bonifrates. O encenador, dramaturgo e tradutor deste projecto, João Maria André, levantou o véu sobre alguns pormenores desta peça multifacetada.

O ponto de partida da sua intervenção prende–se com o formato dramatúrgico a perfilhar. Quando questionado sobre este aspecto da peça, João Maria André refere como condicionante a tipologia do texto base. Por englobar "um universo de personagens" especificamente dirigido a um público muito heterogéneo, o próprio salienta a diversidade de recursos que serão utilizados para potenciar o texto base.

Assim, a essência da peça parte da conjugação dos actores que desempenham personagens "mais terra–a–terra" como o principezinho e o piloto. As características da personagem do principezinho levaram o encenador e tradutor de "O Principezinho" a experimentar uma abordagem com um cunho mais inovador nas soluções cénicas.

Em relação às outras personagens, o dramaturgo aposta na sua figuração por meio de marionetas, cuja coordenação está a cargo de Delphim Miranda. Esta opção é explicada pelo próprio como forma de reflectir a humanidade, porque na sua opinião, "as marionetas são espelhos de nós próprios, de uma forma caricatural".

O recurso à dança justifica–se devido ao carácter "etéreo e poético" do texto, de acordo com João Maria André. Nesta vertente da peça, a Cooperativa Bonifrates conta com a colaboração artística da Academia de Bailado de Coimbra.



A contemplação da essência humana

Para o responsável da tradução e adaptação do livro, o carácter distintivo do livro reside na sua diversidade de leituras. Daí a sua defesa de uma proposta de encenação "sui generis" da mensagem do livro. Mas o encenador quer salientar o facto de que vão deixar "uma porta aberta para múltiplas leituras" de modo a que os espectadores possam reconhecer "o seu principezinho" na peça. Até porque como nos refere o próprio, quatro actrizes e um actor vão encarnar a personagem, a par de algumas bailarinas, diversificando os estilos de representação.

Tal como o livro, esta peça destina–se a todos os públicos. Na opinião do João Maria André, a grande aceitação que o livro granjeia para si baseia–se no facto de "ter conjugado em duas ou três personagens os sonhos de todas as idades". Portanto, o encanto desta obra é fruto da "harmonização" do universo adulto e do imaginário infantil.

Esta obra clássica, cuja universalidade e simplicidade têm apaixonado leitores de todo o mundo, é alvo desta adaptação após o centenário do nascimento do poeta piloto Antoine de Saint–Exupéry, no ano passado. Das características mais fascinantes desta pequena pérola têm a ver com a sua abrangência poética e filosófica, que, nas palavras do encenador, nos "revela alguns elementos importantes para percebermos o mundo em que vivemos".

A iniciativa de levar o texto de Saint–Exupéry à cena partiu do próprio dramaturgo, pois era uma "ideia que já há bastantes anos acalentava". Mas fez a tradução e adaptação há cerca de três anos. A última peça encenada por João Maria André foi "CRAP: Fábrica de Munições" no ano passado, em que orientou também a Cooperativa Bonifrates.

Entre os dias 25 e 29 de Janeiro, "O Principezinho" estará a dar um ar da sua realeza no palco do TAGV. De acordo com o texto de apresentação, este é um projecto "feito em Coimbra e com gente de Coimbra". A organização, numa "abertura para a pesquisa e a experimentação", lança–se nesta aventura de divulgar um nome que já faz parte essencial do espólio da literatura mundial .

Helder Silva Dantas

O vôo do poeta sonhador

Nascido na cidade de Lyon no seio de uma família aristocrática, Antoine de Saint–Exupéry já tem lugar marcado no panteão dos escritores universais. As brincadeiras que encetava com os seus irmãos eram salpicadas com as histórias encantadas de fadas e castelos da autoria da sua mãe.

Grandemente influenciado pelo carinho da sua mãe, alguns psicólogos apontam um inultrapassado complexo de Édipo como fonte dos seus futuros problemas afectivos. Porém, na sua adolescência dedicava–se afanosamente à criação poética. Mas o período da Primeira Guerra Mundial imprimem alguma instabilidade à sua psique.

O cumprimento do serviço militar obrigatório despertou–lhe a paixão avassaladora da aviação. O vôo alimentava–lhe uma libertação metafísica que inundava a sua alma de tranquilidade e conforto.

Em 1931, Saint–Exupéry publica o primeiro grande sucesso da sua carreira literária: "Vôo Nocturno" (1931).

Em "O Principezinho", toda a sua filosofia e visão do mundo está subjacente à mensagem poética do livro, embora muito simples, dotado de uma análise profunda da essência humana.

Saint–Exupéry morre numa missão aérea a 31 de Julho de 1944, sem deixar rasto.

HSD

Quando as estrelas tinham rosto de mulher

O TAGV traz a Coimbra mais um ciclo de cinema

O TAGV realiza, até ao dia 18 deste mês, mais um ciclo de cinema temático. Desta vez, o destaque vai para a Mulher, e o conjunto de filmes apresentados retrata algumas das maiores divas do cinema de todos os tempos. A iniciativa está patente desde o dia 8 de Janeiro, mas ainda há tempo para assistir a alguns dos filmes deste ciclo.

O próximo filme a ser exibido, já no próximo dia 15, será "A Boceta de Pandora", de 1926, interpretado por Louise Brooks e realizado por G. B. Pabst.

Mary Louise Brooks nasceu no Kansas em 1906. Muda–se para Nova Iorque em 1922, e junta–se à Companhia de Dança Denishawn, que era na altura a principal companhia de artistas de dança moderna da América. Algum tempo depois começa o seu percurso na Sétima Arte, que dura até 1958. Pelo meio, escreveu também crónicas sobre cinema e sobre a mulher moderna. Vem a morrer em Nova Iorque, em 1985.

A canadiana Mary Pickford é a protagonista de "A Fera Amansada", filme de 1929 realizado por Sam Taylor, a exibir dia 16. A heroína desta comédia de Shakespeare nasce em Toronto em 1892, e estreia–se no cinema aos cinco anos de idade, acabando por se tornar numa das maiores estrelas do cinema mudo. Funda a sua própria companhia, a United Artists, em 1919, e nos anos 20 era uma das mulheres mais ricas do mundo. Foi premiada pela Academia em 1929, pelo seu desempenho no filme "Coquette". Morre em 1979, nos Estados Unidos.

O clássico "O Diabo é uma Mulher" apresenta–se no dia 17. A realização é de Josef Von Sternberg, com Marlene Dietrich no papel principal. Marie Magdalene Dietrich von Losch, de seu nome verdadeiro, nasce em Berlim em 1901. De entre os seus filmes mais conhecidos destacam–se, entre muitos outros, "Anjo Azul" e "Shangai Express". Dietrich simboliza, ainda hoje, a "mulher fatal", estereótipo que a marcou ao longo de toda a sua carreira. Morre em Paris, em Maio de 1992.

Este ciclo encerra no dia 18 com a exibição de "A Lenda de Gösta Berlings", de Maurice Stiller. A interpretação é de Greta Louisa Gustaffson, que ficou conhecida para o mundo como Greta Garbo. A actriz sueca nasce em Estocolmo em 1905, e teve papéis em vários filmes publicitários, que desempenhou enquanto trabalhava como balconista. Mais tarde, ganha uma bolsa de estudo para a Royal Dramatic Theatre, onde é descoberta por Maurice Stiller, um dos grandes directores da idade dourada do cinema sueco. É ele que a lança neste filme a exibir pelo TAGV, e que na altura da sua realização, em 1924, atraiu a atenção de críticos de toda a Europa. Garbo e Stiller partem no mesmo ano para Hollywood, onde a MGM acaba por tornar a actriz numa estrela. Greta Garbo retira–se em 1941, no auge da sua carreira. Vem a morrer em Nova Iorque, em 1990.

Todos os filmes têm início às 21h45.

Cecília Santos

artes



OUVE-SE

Ponto sem retorno

Começou em 1991 a evidenciar–se como músico de estúdio tocando guitarra, teclas e trompete, integrando–se mais tarde no quarteto de acid jazz The Sandals, acabando por registar Rite to Silence e Cracked a meio da década. Desvincula–se da banda para iniciar o projecto Juryman com Luke Gordon, projecto pelo qual edita no ano passado The Hill, já sem o seu companheiro. Chega–nos agora o aguardado sucessor do crepuscular Last States of Nature de 1998, pertença de um dos produtores mais inovadores que recentemente actuou em Coimbra na qualidade de DJ: Ian Simmonds.

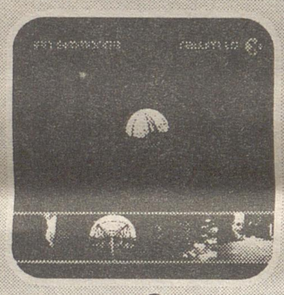
O negro e a sucessão de fotografias de espaços urbanos amorfos destacados na capa deixa antever alguma claustrofobia e constante procura de locais onde se vislumbre o tal ponto X de referência a que se regressa. Ao todo são nove temas densos e sem uma única voz onde a mecanicidade da electrónica convive com o fulgor espontâneo do jazz, conformando–se com a ideia de um classicismo barroco acentuado, sobretudo, pelo uso de teclados que soam a cravo derretido em instrumentos de corda sintetizados. O ritmo assume–se instinto tribal nas imagens desoladoras e complexas do espartilho de elementos cinematográficos escuros. Apesar de por vezes pouco acolhedor, o ambiente adquire intimidade nos arranjos simples que se descobrem gradualmente no interior dos mares revoltos da abstracção.

Que o ponto X fique à imaginação do ouvinte.

Rui Caniço

Ian Simmonds

"Return to X"
***Studio K7* (2001)**





A_MINHA_NET

eu juro que fui a estes sites!

Neste período extenuante de exames, nada melhor que descansar a massa cinzenta com uns joguitos.

Para isso proponho–vos, se tiverem um saudosismo dos velhos tempos (quando gastavam impulsivamente nos salões de jogo 50 paus para terminar um jogo) uma visita ao http://www.mame.dk, onde existem centenas de jogos catalogados por ano e por género, chamados Rom´s. Mas, para os executarem, precisam de um emulador, que é um programa que simula outro sistema operativo sem influenciar o que já têm instalado. Depois de fazer estes downloads, é só instalar e muitas horas de diversão... e recordar... recordar.

Se tiverem ligação à Net, e uma visão espacial e espírito empreendedor, visitem http://www.planetarion.com. Este foi considerado o jogo de net do último mês de Dezembro, cujo objectivo é partir de um planeta do qual se é possuidor, explorar os seus recursos e partir para a conquista de império intergaláctico. As inscrições começam na próxima semana.

Se não gostam de jogar, preferem uma utilização mais passiva da net e adoram filmes publicitários, visitem o http://www.adcritic.com . Com o Quick Time instalado no browser, conseguem ver–se diversos filmes, escolhidos criteriosamente por críticos na área.

Bem, depois de descansar a vossa massa cinzenta, aproveitem–na para que os vossos exames corram bem. Boa Sorte! Se houver net...

Vitor Aires

Há destas, de vez em quando... mas o jornalista jura que quando há net é possível ver estes sites



Mãozinha

"Aerosferas"
***EMI* (2000)**

Reminiscências lusitanas

Este novo álbum é uma ilimitada viagem pelos ares, a expressão de uma geração visionária. Liliana hipnotiza os mortais com a sua fusão do fado tradicional e dos seus elementos electrónicos, uma forma própria de evocar a cultura do passado e do presente. O carácter único e a surpreendente originalidade da sua música levam–nos a épocas diferentes, deixando–nos à margem, perdidos à beira de tumultuosas costas.

Lançado no passado mês de Outubro, "Aerosferas" foi gravado em parte pelo produtor Gert Stäubel e pelo produtor Luk Zimmermann. Bertrand Siffert encarregou–se da mistura no Relief Studio em Fribourg, Suiça.

É que ainda morava ali algo, escondido, no fundo do coração da leader dos Mãozinha...Uma língua - uma cultura quase esquecida - o Portugal. Liliana Ferreira cresceu em Berna, Suiça, dedica–se às suas origens e às suas raízes e faz com que em 1994 se reanime na sua música aquilo que ela julgava ter perdido. O seu primeiro álbum "Mãe d'água" fora à procura musical daquilo que estava dissolvido no mais profundo dela própria, das suas origens, do jogo musical com o elemento água - origem de todas as vidas sobre a terra.

"Aerosferas" é uma voz feminina que ganha asas de gigante tornando–se melancolicamente deslumbrante ao se apoderar de um longínquo espaço aéreo enquadrado num melódico teclado, contrabaixo, saxofone, bateria e sampler. Revela uma intensa e soberba conjugação de trip–hop luso–helvético.

Este grupo indígena é capaz de experimentar elementos pop com habilidade, estilo e intensidade. Mãozinha oferece–nos numa dúzia de faixas uma nova emulsão encantadora de melancolia, de harmonia e de nostalgia do fado - sempre moderno, sempre particular, mágico e revelador de um extremo gosto em cada som. Mãozinha perturba as fundações pop, não para as tornar irreconhecíveis, mas para derrubar um delicioso ruído.

Rui Pinto

o mesmo, obrigado.

Feitas



"um sogro do pior" - Jay Roach - 2000

VE-SE

Do mesmo realizador dos dois "Austin Powers", surge esta comédia de situação como há algum tempo não se via nas salas comerciais. Salta logo à vista - até no cartaz - o facto do filme depender largamente dos desempenhos dos protagonistas. É que a maior parte dos risos que o filme provoca surge do confronto entre o sogro, Robert de Niro (Jack Byrnes) e o futuro genro, Ben Stiller (Greg Focker). São certamente estilos de actuação muito diferentes, mas que se complementam apropriadamente.

O cerne do filme gira à volta daquela situação que traz muitas angústias a alguns homens de hoje em dia: o primeiro encontro com os pais da namorada. A necessidade subconsciente de causar uma boa impressão junto dos pais submete o pretendente a uma grande pressão psicológica. Neste caso, quando o sogro é um actor que já fez papéis de gangster e de assassino, a tensão é redobrada.

E Robert de Niro não faz por menos. Desempenha o papel de um ex–agente da CIA, mantendo uma fachada de grande mistério e poucos sorrisos. Prima por um registo de boa qualidade, embora não demonstrando especial queda para a comédia. Quanto a Ben Stiller, está como peixe na água. O sarcasmo - inútil perante o seu futuro sogro - e o desespero necessário ao papel são–lhe inerentes. No entanto, salienta–se o facto de este papel não ser tão histriónico ou patético quanto a sua personagem em "Doidos por Mary".

O filme vai–se desenrolando com calamidade atrás de calamidade. Greg Focker (nome alvo de muita troça ao longo do encontro familiar) é o desgraçadinho de primeira categoria a quem tudo acontece. Desde a profanação de uma urna de cinzas "muito estimada" pelo sogro até ao desaparecimento do "benjamim" da família, o gatinho Jinx. E as suas mentiras para tentar encobrir o seu envolvimento nestas peripécias só pioram a situação. O casamento da sua futura cunhada fornece o mote para a grande maioria das situações rocambolescas que a sua sombra azarenta lhe traz.

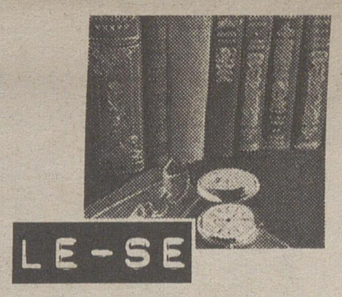
O realizador Jay Roach adopta uma filmagem pouco ousada, preferindo a segurança dos lugares comuns. A realização cai nas ruas da amargura quando exagera os percalços, que se tornam desgastados pela sua repetição "ad nauseam". Por esta razão, o filme torna–se tão previsível quanto um relógio suíço. Deixa, por isso, poucas margens para surpreender o espectador.

No entanto, o destaque e mérito do filme vão para o argumento bem elaborado de Jim Herzfeld. O cuidado com os pormenores harmoniza–se com uma construção requintada, embora por vezes hiperbolizando o efeito dos trocadilhos de linguagem. O exemplo de Martha Focker, nome da namorada (Teri Polo), é um dos exemplos mais bem conseguidos.

Em resumo, uma obra que se vê sem preocupações artísticas ou cinematográficas, sendo por isso mais uma referência do "light entertainment" a que Hollywood nos tem habituado.

Helder S. Dantas

P.S. No meu último comentário, dedicado ao "Palavra e Utopia" de Manoel de Oliveira, cometi um erro inconsciente e involuntário. Acidentalmente, tratei o actor Luís Miguel Cintra por Manuel Luís Cintra. Uma "gralha" que me obriga a dar a mão à palmatória.



LE-SE

"nenhum olhar"

José Luís Peixoto

"Não escolhi, não quero, mas não vou contrariado. Sei que é impossível não ir. É impossível não ir." (p. 55)

Há algo comum a todas as fascinantes personagens de Nenhum Olhar, o admirável primeiro romance de José Luís Peixoto: caminham em direcção ao fim, sofrida mas decididamente. Personagens que não podem voltar atrás "porque nunca se pode voltar atrás", que se confrontam com "a derrota inevitável da vida", que se encontram com o tempo, com a perda, com o esquecimento, com o eterno desconhecimento. Personagens que se perscrutam com o olhar e cujos olhares, no entanto, nunca se tocam.

Num tempo com a promessa do fim, há pessoas que se desejam e se procuram, há um homem e há uma mulher, e entre ambos todas as coisas que não disseram até não mais ser possível a palavra. Um homem, José, e uma mulher que se amam e se procuram pelo olhar - um olhar silenciado, todo contido em si, incapaz de se dar. Um olhar a que não pode escapar ninguém que ama, um olhar cheio de angústia, que busca um encontro que só pode ser adivinhado ("Sei que a minha mulher vagueia pela casa. Não a olho. (...) Ainda que os meus olhos não a vejam, eu vejo-a. (...) No que pensas, mulher? Quem é o teu rosto? E não há um silêncio que me responda" - p. 30). Um olhar geracional, porque esta é uma história de pais e filhos que não se conhecem mas se sabem, e que se amam necessariamente no silêncio: "(...) lá estava o meu pai a olhar–me, como me olhou antes de morrer, fechado num silêncio de não poder dizer o que sentia e a dizê–lo num olhar mudo"(p. 20). Entre o olhar que um homem lança a seu filho ("Quero que me olhes nos olhos, mesmo quando já tiver desaparecido há muito (...) quero que me aprendas e descubras o que pensei para ti nesta noite"- p. 56) e o olhar lançado por este filho à sua mãe, trinta anos depois ("Entre as brasas, os nossos olhares parados olham–se como se fosse a primeira vez que o fizessem deveras.(...) E, num instante fora do tempo, aproximam–se, lentamente, como duas árvores que se amam, lentamente, e abraçam–se" - p. 156), há um tempo que se cumpre, o tempo em que pais e filhos se amam e se procuram.

Tal como não se ama sem procura, nunca se é o mesmo depois de se perder quem se ama - e perdemos sempre aqueles que amamos. Esta perda é inevitável e condena as personagens a abandonarem–se a "uma solidão eterna e irremediável", a um encontro com a morte. Como José, que se encaminha para a morte, na certeza de amar a mulher, após se terem olhado e (re)conhecido. A sua morte, embora seja decidida, torna–se obrigatória - como obrigatoriamente todas as personagens se dirigirão à morte. Porque há um momento em que uma decisão ganha toda a urgência, o momento em que deixa de ser possível escapar à percepção da essência da vida - "a vida é um castigo que não se impede e que não se consente" (p.55) - e a partir desse momento nada mais há a esperar senão a morte. Da (des)esperança ao "sacrifício" apenas um instante de percepção; e assim também com as personagens Moisés e Elias, os simbólicos irmãos inseparáveis, fisicamente unidos durante toda a vida (pelo mesmo dedo mindinho), cujas vivências se indistinguem entre um e outro. Com a morte de Moisés, Elias perde, para além do amor, uma parte da sua identidade, todo o sentido de continuar uma vida onde não haja com quem partilhar a memória, e, simultaneamente, onde essa memória se torne a única coisa que pode existir ("E, por mais negra que seja a planície por onde vaguearei a eternidade, será sempre com a recordação dolorosa de um sol–pôr, será sempre a mágoa de só te poder lembrar" - p. 79) - e torna–se evidentemente necessária a ideia da morte.

Desde a primeira perda, a perda de que todos os homens, inutilmente, buscam proteger–se com a memória, e que é a perda do passado ("Não há manhãs para reviver, sei-o hoje. Não se podem construir dias novos sobre manhãs que se recordam" - p. 53), que se começa a definir o caminho para um fim. Em Nenhum Olhar, com a beleza da linguagem que enche todo o livro, e numa linguagem que passa pelas vozes de todos os homens (e, no entanto, tão una, exactamente por respeitar o que é comum aos seres humanos - "não há forma de explicar tudo o que se diz quando se diz sofrer" - p. 63), esse fim surge metaforizado como absoluto e imprescindível, como um fim do mundo ("E o mundo acabou, como num instante em que se fechassem os olhos e não se visse sequer o que se vê com os olhos fechados" - p. 190). É que, ainda que um homem diga "Hoje, morro eu. E eu morrer não é nada na ordem implacável do mundo" (p.97), a verdade é que, de certo modo, todo o mundo acaba quando um homem morre.

Gonçalo Duarte

Ficha Técnica: Adeodato Valente Pinto Adolf Fini Afonso Pinto Alexandre Cartaxo Américo Mascaranhas Ana Bernardes Ana Cláudia Pinho Ana Drago Ana Laura Alves Ana Maria Barros Ana Pais Ana Pisco Ana Sousa Anabela Gonçalves André Correia André de Brito Correia Andreia Gouveia Anselmo Câmara António Gabriel António Lérias António Nunes António Pinheiro António Silva António Vilhena Armando Augusto Cabrita Avelino Américo Bruno Ferreira Bruno Vale Carla Paião Carla Silveira Carlos André Correia Carlos Araújo Carlos Barradas Carlos Curto Carlos Ferreira Carlos Inverno Carlos Loureiro Carlos Picassinos Carlos Ramos Carmen Hilário Castro Soutinho Catarina Silva Cátia Cabrita Cecília Oliveira Cecília Santos Célia Crispim César Marques César Páris Cibele Santos Claúdia Monteiro Conceição Ribeiro Conrad Von Barruis Cristina Eusébio Cristina Gomes Cristina Rodrigues Daniel Pires David Bastos Diana Silva Dias Dina Campino Dora Berrucho Dora Medeiro Dr. J. Ferreira Gomes Dr. José Carlos Seabra Pereira Dr. Manuel Rodrigues Dr. Paulo Henriques Dra. Lucília Salgado Eduardo Brito Eduardo Esteves Eduardo Jorge Eduardo Rodrigues Elsa Fernandes Emanuel Graça Fernando Correia Fernando Nunes Fernando Rui Filipa Rodrigues Filipe Vicente Francisco Leong Gabriel Loureiro Geraldo Barros Gonçalo Duarte Graça Costa Guilherme Oliveira Hélder Araújo Helder Dantas Helena Ferrão Honrato de Basileia Hugo Ferreira Hugo Panzer Hugo Sousa Humberto Martins Isa Severino Isilda Lemos Ismael Mateus J.Enes Rodrigues Jackiran Datta Jaime Rodrigues Joana Bravo Joana Flor Joana Ribeiro João Baptista João Brás João de Castro João Garção João Madeira João Melo Alvim João Nuno Coelho João Pedro Marques João Peres João Queirós João Saraiva João Silva João Sousa João Taborda João Vaz Jorge Cravo José Carlos Faria José Carlos Santos José de Albuquerque José Diogo José Eduardo Dixo José Luís Artur José Mariz José Ribeiro Júlia Bragança Julião Soares Sousa Justino Strecht Lara Severino Leonor Tato Lia Pinto Licínio Oliveira Luís Alcoforado Luis Cabral de Oliveira Luis Paulo Sousa Luís Ribeiro Magda Cerqueira Malan Djassy Manuel César Marques Manuel Padrão Manuel Pereira Márcia Oliveira Marco Carvalho Marco Moreira Marco Rebelo Marcos Júlio Maria Borges Maria Clara Regalo Maria João Catarino Maria Luís Marinho Maria Teresa Cunha Mário de Castro Mário Guerreiro Mário Morais Marisa Ferreira Mateus Nhabomba Maurício Ferreira Miguel Caridade Miguel García–Sancho Miguel Oliveira Miguel Pedra Mónica Hilário Nádia Esteves Noémia Bravo Nuno Amaral Nuno Ávila Nuno Branco Nuno Brandão Nuno Catarino Nuno Curado Nuno Dias Nuno Freitas Nuno Oliveira Nuno Serra Nuno Silva Nuno Vieira Olga Vale Patrícia Senra Patrick Mendes Paula Alves Paula Dinis Viana Paula Santos Paula Velho Paulo Abrantes Paulo Antunes Paulo Barbosa Paulo Branco Paulo Castelar Paulo Ferreira Paulo Granja Paulo Lavoura Paulo Novais Paulo Teixeira Pedro Alexandre Pedro Arinto Pedro Branco Pedro Brites Pedro Casablanca Pedro Correia Pedro Góis Pedro Ilheu Pedro Lopes Dias Pedro Meneses Pedro Silva Ramiro Correia Raquel Correia Renata Pimenta Ricardo Matos Ricardo Moura Ricardo Namora Ricardo Rocha Diniz Ricardo Salgado Rita Basílio Rita Calmeiro Rita Simões Rosário Salvado Rui Alves Rui Caniço Rui Correia Rui Cunha Rui Hermenegildo Gonçalves Rui Justiniano Ferreira Rui Mendes Rui Prista Cascão Rui Silva Rui Simões Rui Valente Sadropé Sandra Madureira Sandy Gageiro Sara Velez Sérgio Alves Sérgio Barata Sílvia Marques de Carvalho Sílvia Matos Sofia Branco Sónia Martins Sónia Pinela Steven Casteleiro Susana Aires Susana Almeida Susana Cerqueira Susana Flores Susana Martins Susana Paiva Susana Ribeiro Tatanka Teresa Gomes Tiago Maranhão Tiago Marques Vasco Ribeiro Zilda Monteiro